

VOZES DA MUDANÇA CLIMÁTICA

RELATOS DAS INUNDAÇÕES NA BACIA DO RIO
PARDINHO - Abril 2024

MARKUS ERWIN BROSE
(ORG.)



1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Humberto Costa - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes da Mudança Climática: Relatos das Inundações na Bacia do Rio Pardinho – Abril 2024. Markus Erwin Brose (Organizador) -- Alegrete, RS : Editora Terried, 2025.

PDF

ISBN 978-65-83367-60-0

1. Meio Ambiente

24-225451

CDD-918.17

Índices para catálogo sistemático:

1. Meio Ambiente 90.14

2. Ensino 90.9

Esta publicação foi apoiada pelo Fundo de Pesquisa e Extensão (FEP) em 2025 através do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação da UNISC.

Figura 1 – Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS)



Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos (*)

13.1 Reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados ao clima e às catástrofes naturais em todos os países

13.2 Integrar medidas da mudança do clima nas políticas, estratégias e planejamentos nacionais

13.3 Melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima

13.a Implementar o compromisso assumido pelos países desenvolvidos partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima [UNFCCC] para a meta de mobilizar conjuntamente US\$ 100 bilhões por ano a partir de 2020, de todas as fontes, para atender às necessidades dos países em desenvolvimento, no contexto das ações de mitigação significativas e transparência na implementação; e operacionalizar plenamente o Fundo Verde para o Clima por meio de sua capitalização o mais cedo possível

13.b Promover mecanismos para a criação de capacidades para o planejamento relacionado à mudança do clima e à gestão eficaz, nos países menos desenvolvidos, inclusive com foco em mulheres, jovens, comunidades locais e marginalizadas

Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/13>

Revisão técnica: Bruno Deprá, Mestre e Doutorando em Tecnologia Ambiental/UNISC

As imagens no texto, obtidas online ou de publicação, estão devidamente citadas. Demais imagens foram cedidas pelos respectivos entrevistados em cujo registro estão inseridas.

Esta coletânea com fins didáticos e distribuição gratuita foi concebida mediante parceria com a Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul (105,9FM). A publicação foi apoiada mediante os projetos:

No. 496330 ‘Atores regionais na adaptação às mudanças climáticas’

No. 614888 ‘Lacunas de conhecimento em mitigação e adaptação climática’

através do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
INUNDAÇÃO HISTÓRICA.....	7
ZONA I - ALTO RIO PARDINHO.....	11
Gramado Xavier.....	13
Alto Sinimbu.....	25
ZONA II - MÉDIO RIO PARDINHO.....	37
Cidade de Sinimbu.....	43
ZONA III - BAIXO RIO PARDINHO.....	62
Distrito Rio Pardinho em Santa Cruz do Sul.....	63
Cidade de Santa Cruz do Sul.....	79
Município de Vera Cruz.....	130
ALVOS PARA CONSERVAÇÃO.....	156
NOTA METODOLÓGICA.....	158
REFERÊNCIAS.....	160

APRESENTAÇÃO

Darci Benke

Sou sócio-fundador e radialista a 27 anos da Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul, a 105,9 FM. Temporariamente estou também atuando como presidente da mantenedora, a Associação Cultural de Integração Comunitária de Santa Cruz do Sul. Desde a fundação da rádio temos parceria com a UNISC por meio de professores que contribuíram com o trabalho da associação e a qualificação da rádio.

Durante as enchentes de 2024 fizemos uma ampla cobertura do desastre, trazendo informações para as pessoas que não tinham outra forma de acesso às notícias nos vários locais da nossa região que foram atingidos pelas enchentes. Muitas pessoas ficaram isoladas, principalmente no município de Sinimbu, no Distrito de Rio Pardo e nos arredores do município. Por dias o único meio de comunicação para as famílias isoladas era o aparelho de rádio.

Foi aí que aconteceu uma questão curiosa. Uma ouvinte da rádio nos ligou pela manhã dizendo que uma irmã, moradora de Sinimbu perto das margens do rio Pardo, estava desaparecida. Estavam a dois dias sem notícias. Anotei o nome completo e o telefone de contato e divulgamos a informação durante o programa da manhã na rádio. Pela tarde a ouvinte recebeu chamada no celular da sua irmã dizendo que estava bem. A irmã relatou que a casa tinha sido levada pela água, a família conseguiu se salvar a tempo e estavam abrigados em casa de vizinhos na parte mais alta do vale. Casualmente quando eu estava di-

vulgando a informação na rádio a família estava escutando o programa em um radinho de pilha, pois não tinha energia elétrica no município.

Essa experiência nos chamou muito a atenção, fiz um relato gravado que foi divulgado no Curso de Comunicação da UNISC através da ação da Profa. Patrícia Regina Schuster. Uma equipe de professores e estudantes voluntários do Curso de Comunicação organizou uma campanha na região para arrecadação de rádios de pilha para doar aos moradores de áreas mais distantes na serra que estavam sendo abastecidos com cestas básicas e doações por motociclistas ou helicóptero.

Entendo que durante este evento cumprimos nosso papel de rádio comunitária para informar os ouvintes e apoiar a busca por parentes. A partir dali queríamos fazer mais, colocando a rádio à disposição da comunidade para debater o aprendizado com este desastre. Para quando tivermos outra catástrofe estarmos melhor preparados e poder contribuir com informação. Queríamos fazer mais.

Foi através da ação da Profa. Ângela Cristina Trevisan Felippi que surgiu o contato com o Prof. Markus Brose da UNISC e conversamos sobre a proposta de um programa semanal na rádio, toda segunda-feira pela manhã, para dar continuidade ao debate sobre o desastre e não deixar esquecer esta experiência. Assim iniciamos em setembro de 2024 o “Programa Comunitária/UNISC e o Meio Ambiente”, com transmissão pela rádio e também ao vivo pela página da rádio no Facebook. Conversamos sobre o meio-ambiente em geral, por exemplo trazendo reclamações sobre atrasos nas obras de recuperação da bacia do Rio Pardo, mas também notícias positivas sobre projetos em andamento e novidades das políticas públicas para nossa região.

Também fomos convidando pessoas aqui da região para participar do programa. Fizemos muitas entrevistas ao longo deste ano, com professores e pesquisadores da universidade, funcionários públicos, prefeitos, lideranças comunitárias e lideranças religiosas.

Nesse contexto ouvimos diversos relatos e histórias interessantes pelas pessoas que estávamos entrevistando, assim surgiu a ideia de produção de um livro para registrar os acontecimentos do desastre do ponto de vista dos moradores da região. Para eternizar as histórias das pessoas, preservar a memória e guardar os aprendizados com estas enchentes.

Lembro que nos anos 1950 minha mãe contava que tinha vivido uma enchente muito grande em 1941, mas não temos nada registrado, nada no papel que conte como foi a enchente, o que aconteceu com as pessoas naquele desastre. Isso reforçou a ideia de produção desse livro e estou convencido que este é o caminho certo. Passamos os primeiros contatos de conhecidos nossos na região para o professor, que em janeiro de 2025 começou a registrar os relatos e foi ampliando o número de pessoas envolvidas.

Assim surgiu este livro e espero que você leitor e leitora goste deste trabalho, porque estamos trazendo a realidade do vivido na região.

Alguns depoimentos são muito emotivos, às vezes é chocante ouvir o que as pessoas passaram naqueles dias da enchente e muitos sentem a dor da maior enchente do Rio Grande do Sul até hoje. Esperamos não passar por nada parecido novamente, mas queremos registrar a memória.

Temos orgulho de, junto com UNISC, estarmos fazendo parte desta história e agradeço a parceria com o Prof. Markus que tem dedicado seu trabalho para fazer este livro acontecer.

A todas as pessoas que contribuíram voluntariamente com seu relato o nosso agradecimento, foi com seu tempo e suas imagens que conseguimos realizar esta obra. Do fundo do coração o nosso muito obrigado por fazermos parte desta história.

INUNDAÇÃO HISTÓRICA NO RS COMPLETA UM ANO

Extrato de publicação em 02/05/2024 e 05/05/2025
Instituto Nacional de Meteorologia (portal.inmet.gov.br)

Entre o final de abril e maio de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul recebeu acumulados expressivos de chuva que resultaram em uma das maiores tragédias, relacionadas ao clima, no Brasil.

As inundações afetaram cerca de 2,4 milhões de habitantes, com quase 200 mil pessoas desalojados ou desabrigadas. No pico da emergência, o estado chegou a registrar 81,2 mil pessoas acolhidas em abrigos, sem contar famílias que improvisaram abrigos onde podiam. No total, 184 pessoas perderam suas vidas e 25 ainda permanecem desaparecidas.

O período entre o final de abril e o início de maio de 2024 teve influência do El Niño, fenômeno responsável por aquecer as águas do Pacífico, ajudou a bloquear as frentes frias e concentrar os sistemas de áreas de instabilidade na altura do Rio Grande do Sul, causando a chuva intensa.

A temperatura do Atlântico Sul bem mais elevada, próximo da faixa equatorial, também contribuiu para a umidade, intensificando as chuvas. O transporte dessa umidade a partir da Amazônia, e o contraste térmico com o ar mais aquecido da Região Sul, além de ar mais frio ao sul do Rio Grande do Sul, também ajudou a fortalecer as tempestades.

Os acumulados de chuva quebraram recordes históricos em diversas localidades. No dia 1º de maio de 2024, foi registrado novo

recorde de chuva no Rio Grande do Sul, quando a estação meteorológica do INMET, localizada em Santa Maria, totalizou 213,6 mm. Esse valor passou a ser o maior já registrado em um único dia nessa estação em 112 anos.

No dia seguinte, 2 de maio, o total de chuva de 266,2 mm registrado em Caxias do Sul foi o maior desde 1961, superando os 94,4 mm em 27 de maio de 2017.

Os totais de chuva em alguns municípios gaúchos ultrapassaram os 500 mm, nos primeiros 13 dias de maio de 2024. Os municípios de Caxias do Sul, Soledade e Serafina Corrêa ganharam destaque, com totais de 707,2 mm, 635,4 mm e 634,8 mm, respectivamente.

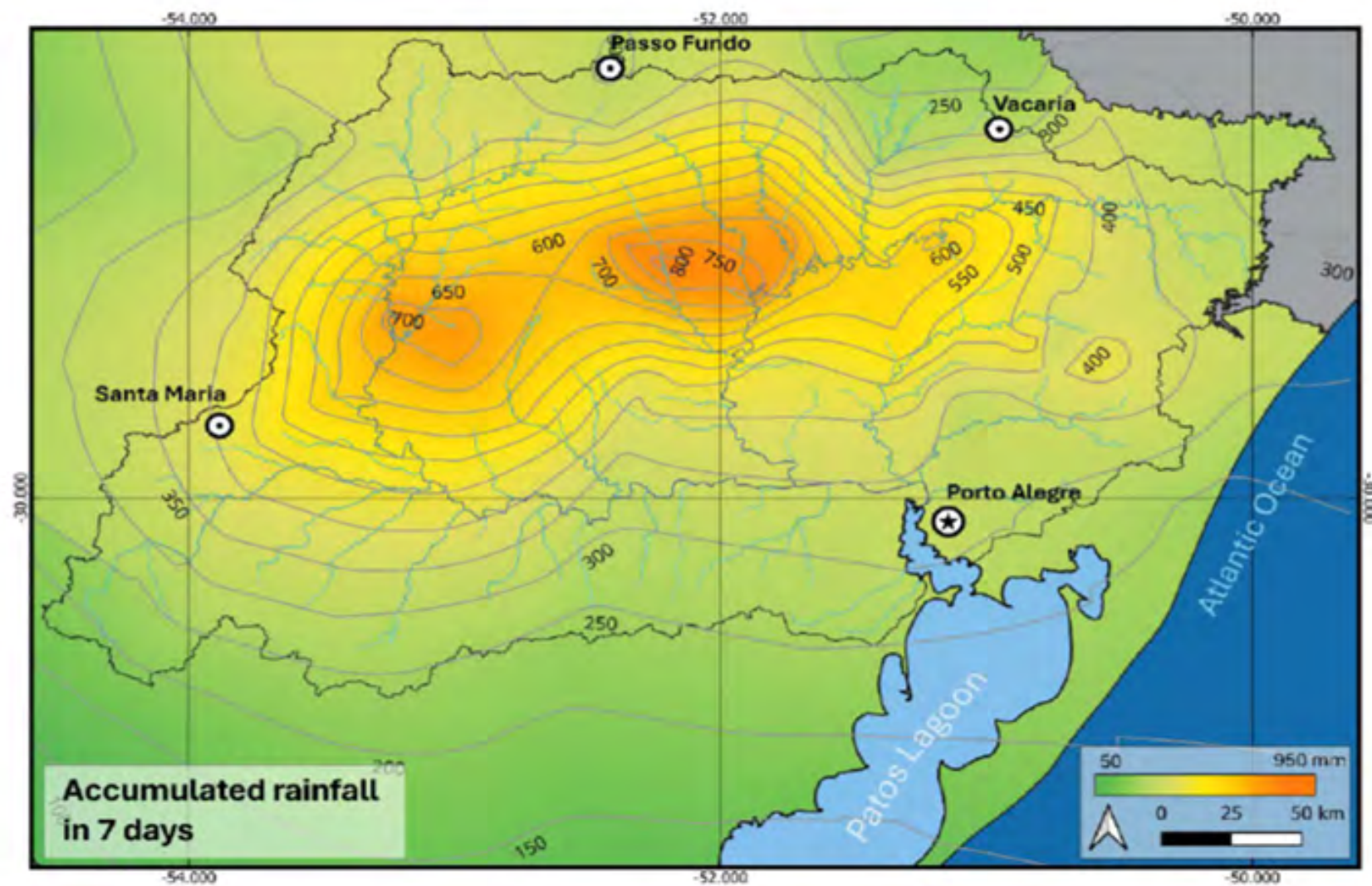
Em algumas regiões, especialmente na ampla faixa central dos vales, planalto, encosta da serra e metropolitana, os volumes de chuva chegaram a passar dos 300 mm em menos de uma semana. No município de Bento Gonçalves, por exemplo, os volumes chegaram a 543,4 mm.

Considerando todo o mês de maio de 2024, o total de chuva acumulado em Porto Alegre passou a ser o maior valor mensal desde 1916. Em maio de 2024, foi registrado 564,8 mm, superando os 447,3 mm de setembro de 2023 e os 405,5 mm de maio de 1941. A média climatológica para maio em Porto Alegre é de 112,8 mm, ou seja, em maio de 2024 choveu 452,0 mm acima da média para o mês.

Em Caxias do Sul, o total de chuva no período foi de 919,1 mm, valor 772,4 mm acima da média. Os totais de chuva ultrapassaram 600 mm acima da média também em Soledade, Canela e Bento Gonçalves,

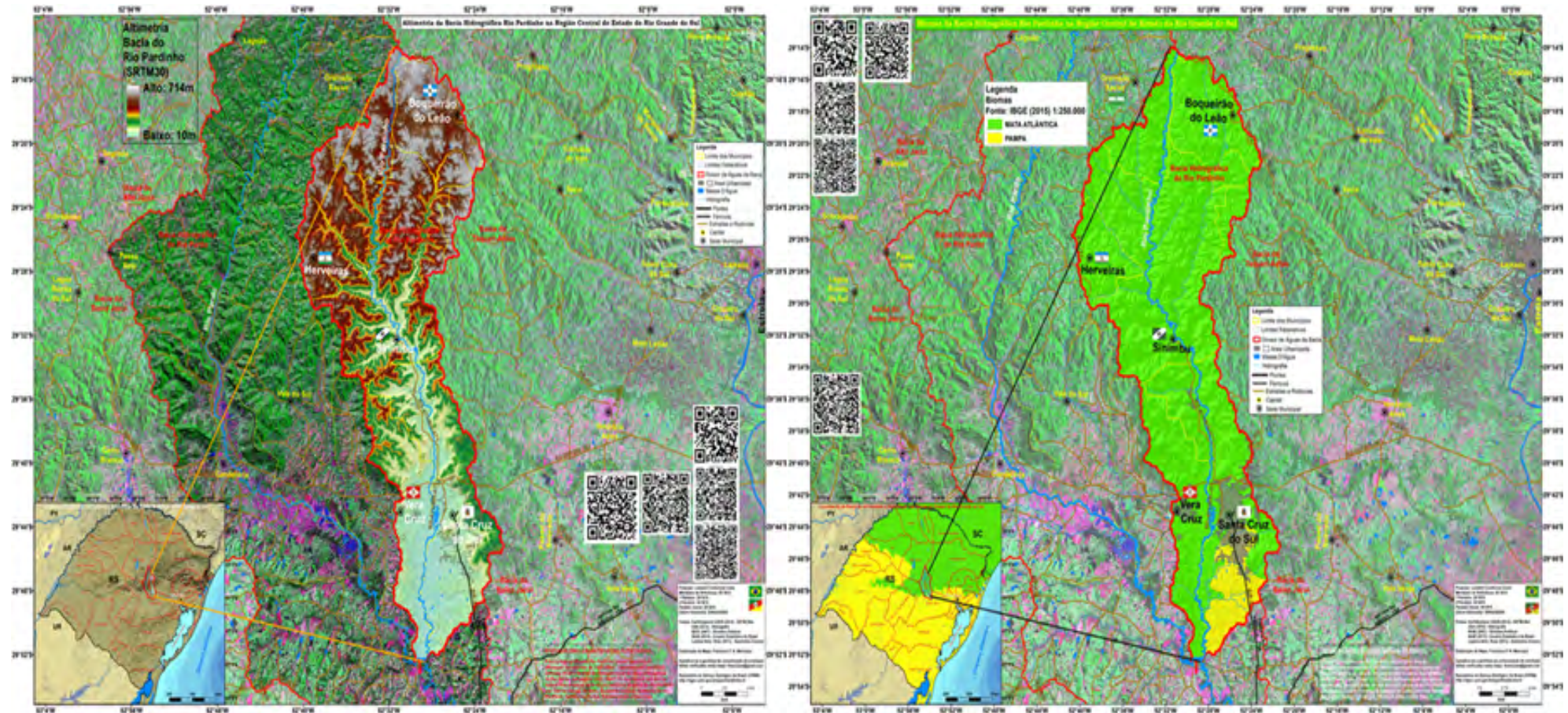
As estações do Inmet que mais registraram chuva de 26 de abril até 2 de maio de 2024 foram: Soledade (488,6 mm); Santa Maria (484,8 mm) e Canela (460 mm).

Figura 2: Chuvas sem precedentes; precipitação acumulada em sete dias, 28 de abril a 04 de maio de 2024, sobre o planalto gaúcho (em milímetros)



Fonte: Collischonn et al. (2025, p. 22)

Figura 3: localização, área de drenagem e altimetria da bacia hidrográfica do rio Pardinho



Fonte: Marcuzzo et al. (2022)

Figura 4: Manchetes que (in)formaram a opinião pública



RIO PARDINHO

Famílias vivem momentos de pavor ao perder contato com ilhados em Santa Cruz

Na localidade, há relatos de diversas pessoas aguardando socorro, subindo aos telhados para se proteger da água

30 de abril de 2024 16:08 | Atualizado em 30 de abril de 2024 16:43 Por REDACAO PORTAL GAZ



Geral

Parte da tragédia no Rio Grande do Sul foi causada por ação humana

Entre as ações, pesquisador cita construções em áreas de alagamento

ALANA GANDRA - REPÓRTER DA AGÊNCIA BRASIL

Publicado em 16/05/2024 - 08:15
Rio de Janeiro



Temporais no RS: 'Nós não teremos capacidade de fazer todos os resgates', diz Eduardo Leite

Temporais já deixaram 10 mortos, 21 desaparecidos e 11 feridos, segundo a Defesa Civil. Governador comparou situação com tragédias de 2023.

Por Gustavo Chagas, g1 RS

01/05/2024 17h55 - Atualizado há 11 meses



'Vai demorar mais tempo do que muitos possam imaginar' afirma vice-governador sobre obras de contenção de cheias

Em entrevista, Gabriel Souza explicou que estruturas dessa magnitude demandam projetos estruturados e tempo para execução

07/05/2025 | 16:06
Correio do Povo



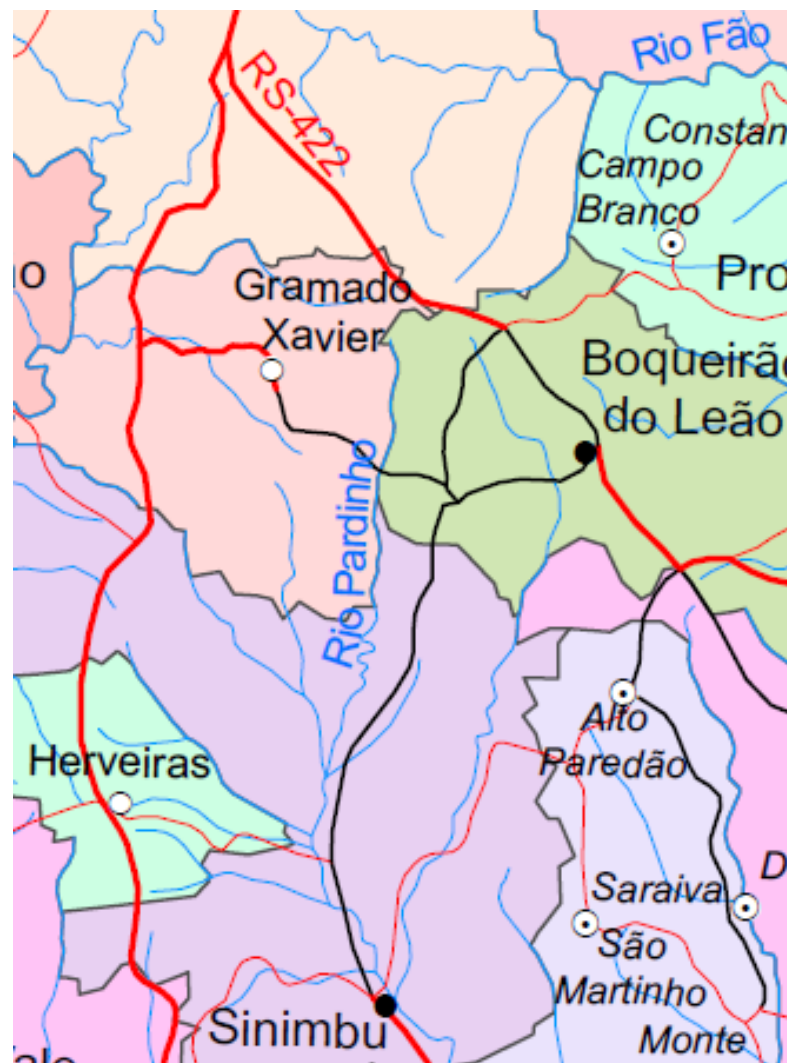
Zona I – ALTO RIO PARDINHO: REGIÃO DE MONTANHA (área de cabeceiras)

Na Zona I situam-se três sedes municipais (Gramado Xavier, Boqueirão do Leão e Herveiras). A população é predominantemente rural. A atividade industrial é de pequeno porte, sendo a economia local apoiada na pecuária e na agricultura. Essa zona com 500 km² apresenta formato circular alongado (33 km de comprimento e 22 km de largura).

Trecho I (km 0-13,5) - Ecossistema da Fonte: está situado na unidade morfológica do Planalto Meridional, com altitudes variando entre 400 e 630 m e declividade média do curso principal de 28,8 m/km.

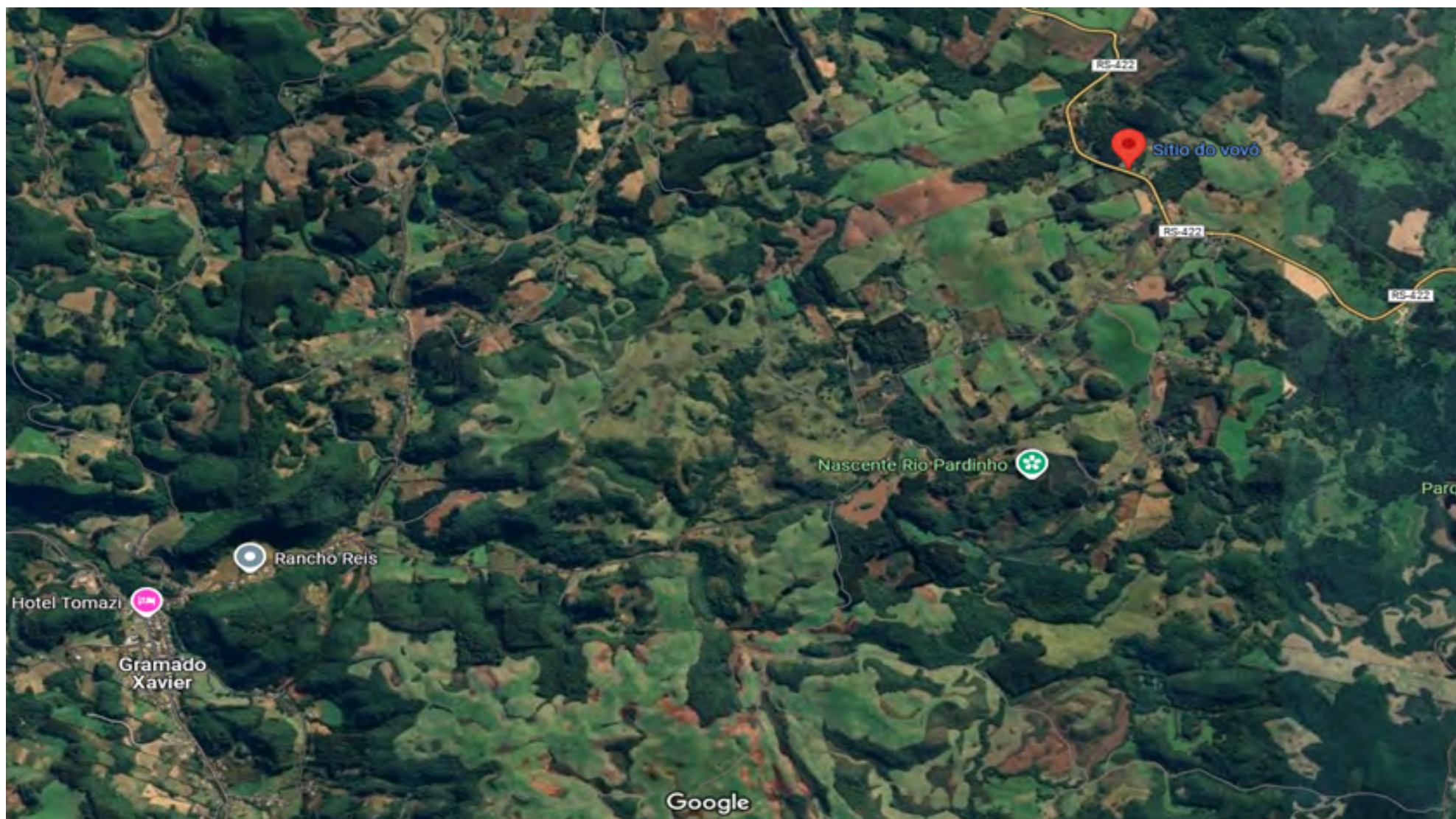
Trecho II (km 13,5-39,6) - Ecossistema do Arroio: está situado na unidade morfológica do Planalto Meridional e nas escarpas da Encosta da Serra, com altitudes variando entre 140 e 400 m e declividade média do curso principal de 15,3 m/km. Predominam basaltos da formação Serra Geral, sobre o qual se encontram campos em áreas planas e florestas densas nas escarpas da Encosta da Serra e junto aos corpos de água (Kotzian; Pereira; Marques, 2003).

Figura 5: mapa do Alto Rio Pardinho



Fonte: extrato de IBGE (2015).

Figura 6: área de nascentes do Rio Pardinho na Linha Três Léguas, próximo da divisa entre Gramado Xavier e Boqueirão do Leão



Fonte: <https://earth.google.com/web>

JOÃO MARCOS DE OLIVEIRA

Agricultor familiar, Linha Três Léguas, município Gramado Xavier
Registro em 9 de junho de 2025

Nossa propriedade com 20 hectares fica à beira da ERS 422, na Linha Três Léguas. Trabalhamos na nossa terra, mas também em lavouras arrendadas. Antigamente esta era uma das principais vias de trânsito entre o Planalto e a Região Metropolitana, aqui era um paradoro, com hotel e tudo, a três léguas de distância após Soledade. Com a construção da BR 386, via Lajeado e Estrela, esta estrada deixou de ter importância e não foi asfaltada.

Aqui na frente fica a propriedade da família Schneider, meus sogros, onde fica a nascente de cota mais alta das cabeceiras do Rio Pardinho. A família mantém uns dois hectares de mata para proteger a nascente que abastece a casa da família e que nunca seca. De vez em quando recebem visitantes que querem conhecer a nascente. Na propriedade está agora com as lavouras semeadas com aveia e azevém para o pasto de inverno.

A estrada ERS 422 fica no divisor de águas, o que chover do lado de cá desce para formar o Rio Fão que vai desembocar no Rio Forqueta, que chega até o Rio Taquari, o que chover do outro lado da estrada vai formar o Rio Pardinho. A partir das nascentes que temos aqui vão se formando diversas lagoas, depressões e arroios que alimentam os açudes, e essa água toda que junta nas planícies vai descendo pelos arroios que formam o Rio Pardinho.

Foi tanta coisa fora do normal que aconteceu naqueles dias, que não lembro mais das datas exatas. Naquele final de semana 27 e 28 de

abril não parava de chover. Vínhamos de vários verões com estiagem, mas naqueles dias choveu direto, foi uma enchente fora do normal. As estradas que conectam o Planalto com as cidades na planície do Rio Jacuí foram interrompidas. Assim, os caminhões daquela região de Teutônia e o município de Progresso não conseguiam chegar aqui. Não tinha como manter comunicação, porque a água arrancou os postes e sem energia elétrica, tanto o laticínio, como nossa propriedade, ficamos sem acesso à internet. Ficou toda a região sem luz.

Utilizei um gerador de emergência aqui em casa, mas fora do horário do gerador ligado não recebíamos mensagens porque lá na baixada eles estavam sem sinal. O laticínio avisou que quando destrancasse as estradas, eles iam voltar a coletar o leite. As principais estradas de saída, daqui para Gramado Xavier, Barros Cassal ou Boqueirão do Leão estavam fechadas por deslizamento dos barrancos, ficamos ilhados. Os banhados, as nascentes e os açudes ficaram sobrecarregados e estourava a água correndo pelas estradas.

No nosso caso, o laticínio ficou 12 dias sem buscar a produção de leite, foram 12 dias acumulando leite das mais de 20 vacas na propriedade. Fui colocando o leite no resfriador, mas quando estava cheio fui utilizando o excesso para guardar em caixas e misturar na lavagem dos porcos com farelo de soja e quirera, mas não pode misturar em excesso senão o porco não consegue digerir. Perdemos nestes dias mais de dois mil litros de leite.

As vacas não param de produzir leite, só aquelas vacas que já estavam perto de serem secas acelerei o tratamento para elas pararem de produzir. Arrendei uma lavoura aqui do lado, com resteva da soja que tinha sido colhida, mas que ainda não estava semeada para o in-

verno, para largar ali as vacas secas. Uma tarde fui lá tratar as vacas e uma delas estava deitada. Fiquei preocupado e ajudei ela a ficar em pé, era uma vaca com mais idade e estava adiantada na gestação, ou seja, com baixa imunidade. E com a umidade, dias e dias sem parar de chover, ela ficou doente. O veterinário disse que deu uma pontada, tipo uma gripe, três dias depois ela estava caminhando, deitou no chão e morreu.

Figura 7: trator resgata automóvel na ERS 422 (maio de 2024)



Como a ponte entre Lajeado e Estrela na BR 386 foi interdita, muitos motoristas e caminhoneiros buscaram no sistema GPS no celular uma rota alternativa. E no mapa a ERS 422 que passa aqui

na frente consta como sendo asfaltada. Assim, muitos caminhões escolheram esta estrada como alternativa para descer a serra, só que é uma estrada de terra e estava encharcada, com muitos atoleiros. Os motoristas ficavam revoltados. Um sábado à noite, acho que foi dia 4 de maio, bateram aqui em casa para puxar um caminhão atolado com o trator. Fui lá e tinha 11 caminhões atolados precisando de auxílio, fora muitos carros pequenos. Alguns dias depois teve um viajante que atende os mercados aqui da região e que estava viajando de noite, entrou em um destes atoleiros e não tinha como sair. Passou a noite dentro do carro, quando clareou o dia veio a pé pedir ajuda aqui em casa. Ele estava tentando chegar até Barros Cassal, mas teve que sair pela estrada por Gramado Xavier que já tinha sido recuperada, para chegar na BR 153 e seguir pelo lado de lá.

No verão tínhamos plantado 8 hectares de milho pra fazer silagem que utilizamos o ano todo. Como não parou de chover, não tive como entrar em todas as lavouras para colher e o milho apodreceu em pé em 2 hectares. Com o tempo começou a faltar óleo diesel e gasolina para o gerador, não tínhamos um grande estoque e aqui na vizinhança ninguém tinha para vender, assim tivemos que racionar o consumo do combustível.

ALZIRO BRUM E HELENA JUSSARA DE OLIVEIRA BRUM

Agricultores familiares, Linha Três Léguas, município de Gramado Xavier
Registro em 9 de junho de 2025

Compramos essa propriedade de 12 hectares a 39 anos e moramos aqui desde então. A propriedade faz divisa com a propriedade da família Schneider onde tem a nascente do Rio Pardinho com a cota mais alta. Essa água passa também pela nossa propriedade e nos vizinhos, onde existem vários açudes e lagoas para criação de peixe nas baixadas. Diversas pessoas têm opiniões diferentes sobre onde ficam as nascentes principais do Rio Pardinho, mas ficam ali na propriedade Schneider.

A Linha Três Léguas deve estar a uns 500 metros de altitude acima do nível do mar. A nossa produção sempre foi diversificada, aqui não é uma região de fumo, tivemos produção de leite por muito tempo, mas paramos a sete anos, é um trabalho pesado. Temos lavouras plantadas em nossa terra, mas também em terras arrendadas.

Naqueles dias de final de abril, sábado dia 27 e domingo dia 28, choveu muito, parecia que ia acabar o mundo. Foi uma chuvarada impressionante, com muita água. Aqui de cima a gente enxergava a água saindo fora da sanga e correndo pela estrada. Dava muita ansiedade, não tinha como sair de casa, não tinha como andar por aí, a gente ficava dentro de casa no escuro, sem saber quando ia terminar aquilo.

Era só chuva e chuva, tudo alagado. Ficamos 12 dias sem energia elétrica, a rede vem por Boqueirão do Leão desde o Vale do Taqua-

ri, lá da região de Teutônia. E com as chuvas que teve naqueles dias a água levou os postes e ficamos sem luz. Na região de Lajeado a água derrubou as torres de transmissão e os postes ao longo dos rios.

Figura 8: campanha online pelo asfaltamento (maio de 2024)



A comunidade ficou ilhada, não tínhamos acesso para ir até Gramado Xavier, nem a Boqueirão do Leão. Passamos duas semanas ilhados, por causa dos deslizamentos dos barrancos e acúmulo de água nas baixadas. A água atingiu também a cidade de Gramado Xavier, que fica em uma encosta. A parte baixa, onde tem muitos moradores na beira do rio, foi coberta por água, a ponte que liga a estrada até aqui não dava passagem. Como somos só nós dois e tínhamos

um estoque, não ficamos sem alimentos, mesmo não conseguindo chegar na cidade.

Figura 9: mata e lavouras no entorno de nascentes do Rio Pardinho na Linha Três Léguas (maio de 2025)



No início pedimos gerador emprestado ou alugado na comunidade, sempre achando que logo a luz ia voltar. Mas depois de alguns dias ficamos preocupados sem previsão, e por causa do estoque de carne no freezer compramos um gerador, muita gente aqui na vizinhança também saiu para comprar gerador.

Ficamos sem comunicação porque caiu a rede de internet. E a prefeitura teve que cortar o fornecimento de água potável. Da época

que tínhamos produção de leite ainda sobrou uma cisterna, ali acumulamos água da chuva para usar no banheiro e na limpeza da casa.

Depois da enchente a prefeitura refez logo as estradas, mas não recebemos outros auxílios porque a casa não foi atingida, fica na parte alta da propriedade. Mas dez dias depois do desastre tivemos uma nova chuva forte com granizo, que atingiu diversas telhas da casa, assim estamos com goteiras por causa do granizo que seguiu o desastre. Nas varandas e no paiol o granizo estragou bastante telhas.

Figura 10: atoleiro na ERS 422 (maio de 2024)



Figura 11: paisagem da Linha Três Léguas em Gramado Xavier



DANIEL HEMING

Agricultor familiar, Colônia São Paulo, município de Gramado Xavier
Registro em 23 de maio de 2025

Moramos aqui na propriedade de 63 hectares de terras dobradas, tem tanto cerro e peral que só 4 hectares tem utilidade para lavoura. Trabalhamos em outras terras mais planas que são arrendadas. Do outro lado desse cerro as minhas terras fazem divisa com o Rio Pardiinho. Choveu muito naquele final de semana, mas só fomos perceber o impacto na terça feira dia 30 pela manhã.

Meu pai veio até aqui em casa, ali pelas 10 horas da manhã, debaixo de chuva, contou que como ele mora na beira da sanga estranhou que estava subindo a água mais que o normal. Fomos juntos na propriedade de um vizinho, preocupados, pois ele mora mais embaixo e pelo volume de água já podia estar na entrando na casa dele. Fomos até lá, ele contou que já tinha entrado água pela manhã cedo, depois baixou e achamos que tinha passado a enchente. Mesmo assim subimos de trator até a Linha Banhado Grande onde mora minha avó para ver se estava tudo bem.

Na volta, debaixo de chuva, usamos a lâmina do trator para limpar a estrada começando na frente da propriedade de meu pai, porque já tinha caído árvore e galhada na estrada. Quando chegamos aqui na frente de casa, que também fica na beira da sanga, minha mãe disse que a água estava entrando em casa. Por trás da casa, ao pé desse cerro, tem uma valeta para conduzir a água, mas era tanto volume que não estava dando vazão e a água chegava até a casa. Assim tivemos

que usar o trator para abrir um canal e direcionar a água para o peral ao longo da estrada nesse fundo do vale.

Meu pai lembrou que quando saímos da casa dele a água estava chegando perto do galpão de fumo, com essa chuva toda poderia estar entrando no galpão. Combinamos de ir lá salvar os equipamentos e ferramentas. Não tinha mais fumo pendurado no galpão, porque fazia poucos dias que ele tinha vendido a safra. Ele foi com o trator na frente e eu segui na moto, debaixo de chuva. Quando cheguei na igreja São Paulo vi que tinha um deslizamento do cerro que quase atingiu uma casa, para o outro lado vi mais desmoronamentos no peral.

Figura 12: cicatrizes na paisagem da Linha São Paulo (maio de 2025)



Quando cheguei na frente da casa de meu pai, ali pelas 11 horas, vi que do lado tinha também um deslizamento de terra bem no local onde pouco antes estávamos com o trator limpando a estrada. Foi aí que percebi que se tivéssemos demorado uns 20 minutos a mais teríamos sido atingidos pelo deslizamento, caindo uns 800 metros pental abaixo com pedras e tudo. Ali foi meu choque, aí percebi que por minutos não fomos atingidos.

Recolhemos as tranqueiras todas que tinha no galpão e guardamos em um lugar mais seguro. Voltei para casa para buscar a família. Pegamos documentos e objetos pessoais e fomos todos até a propriedade de meu pai, mais seguro, porque aqui minha casa está no pé do cerro. Se descesse um deslizamento aqui, perdia tudo.

Figura 13: deslizamento na propriedade Heming (maio de 2024)



Fomos visitar os vizinhos da comunidade, estavam todos bem. Fomos olhar as pontes e não tinha mais saída, nem para Gramado Xavier nem para Boqueirão do Leão, as estradas estavam trancadas por deslizamentos e estávamos sem energia elétrica. Pernoitamos na propriedade de meu pai, foi o primeiro baque quando percebemos a gravidade do desastre.

Figura 14: ponte provisória Linha São Paulo (maio de 2025)



Plantamos lavouras de soja, fumo e milho nas terras baixas nas margens do rio, mas por sorte tinha colhido no sábado dia 27. Mas no domingo dia 28 a chuva foi ficando cada vez mais forte, não tinha

como tirar a máquina e deixei estacionada lá mesmo, longe da beira do rio, mas fiquei preocupado. Já imaginava que as terras estariam debaixo de água, mas não tinha como ir até lá pois não tinha aceso, por poucos metros a água do rio não atingiu a colheitadeira.

Na quarta feira eu e meu irmão fomos subindo uma estrada antiga dos primeiros colonos, que ninguém usa mais, e fomos procurando um sinal de celular, porque não tínhamos acesso a informações. Quando chegamos na comunidade da Linha Banhado Grande conseguimos sinal e conversei com vizinhos que contaram que não tinha acesso de carro pela estrada a Gramado Xavier, só de trator indo pelos campos e lavouras.

Um vizinho que mora em cima do morro lá na Linha do Banhado Grande contou que viu muitos deslizamentos dos barrancos, ouviu diversos estrondos, parecia trovão, no final da manhã e sentiu o cheiro de terra. Dias mais tarde subi até perto das cabeceiras no Alto do Rio Pardinho e vi que dali até a altura do Cachoeirão o rio estava como sempre, mas dali para baixo teve deslizamentos que devem ter represado o rio por algum tempo, depois estourou e não sobrou uma árvore em pé na beira do rio. O rio ficou irreconhecível. Como aquele trecho é íngreme, a força do rio afundou o leito porque arrancou as pedras e rebaixou a calha em até quatro metros nos poços mais fundos.

Na quinta feira cedo meu irmão e eu passamos em cada um dos vizinhos para recolher pedidos e fomos de trator pelos cerros até chegar em Gramado Xavier. Chegamos com a cidade ilhada e compra-

mos medicamentos, gasolina, diesel e outras encomendas. O pessoal contou que entrou água no centro da cidade, mas logo escoou para um riozinho que deságua no Rio Pardinho. Estavam sem energia elétrica, só aqueles que tinham gerador conseguiam manter o freezer e geladeira funcionando. Eles tinham notícias apenas daquelas famílias que conseguiam chegar até lá e contar o acontecido.

No primeiro momento, quando levamos o susto do desastre, não lembramos de mais nada. Ninguém pensou nas lavouras, nas máquinas ou no prejuízo. Foi só com o tempo que passou aquele primeiro choque e começamos a pensar em todas as consequências. Quando me dei conta que poderia estar no local onde ocorreu o deslizamento ao lado da casa de meu pai, podia ter atingido a gente no trator, foi aí que levei um baque. Nunca vimos uma chuva forte como essa e ficamos imaginando como estaria Sinimbu mais abaixo no rio se aqui nos altos tinha esse volume todo de água.

Alguns dias depois fomos novamente até Gramado Xavier fazer compras, os mercados e lojas estavam desabastecidos. Tinham racionado e colocado limite de quantos produtos cada cliente podia comprar. Ninguém sabia quanto tempo ia levar para voltar a ter estoque e estavam racionando para manter todas famílias abastecidas. A Prefeitura conseguiu recuperar na primeira semana a estrada daqui até Linha Banhado Grande, um trajeto mais longo. Mas o primeiro acesso pela estrada mais curta a Gramado Xavier, que margeia e corta o rio, para passar com carro, fui eu mesmo que limpei usando trator com lâmina.

Só umas seis semanas depois a Prefeitura conseguiu fornecer material e junto com os moradores reconstruíram as pontes de madeira. Aqui não desceu helicóptero, as famílias não ficaram mais que quatro ou cinco dias ilhadas. O helicóptero pousou em localidades um pouco mais abaixo no rio, na divisa com Sinimbu. Não tivemos acesso ao auxílio emergencial do governo federal pois a casa não foi atingida, e o auxílio do governo estadual não tivemos acesso porque a renda fica acima do limite estabelecido no cadastro único.

Em 23 de outubro tivemos novamente uma chuva muito forte, foram 140 milímetros de água em uma hora. Me lembro da data exata, porque a água subiu de novo e cobriu as lavouras. Abalou algumas pontes que tinham sido reconstruídas. A água chegou a entrar em algumas casas de moradores da beira da sanga. Eu tinha plantado nova lavoura de fumo na beira do rio, arrancou algumas mudas, mas por sorte o estrago foi pouco. Na frente do galpão de meu pai arrancou uma parte do acesso. Foi aí que revivemos o susto de abril, sem saber o que ia acontecer porque subiu muito rápido em poucos minutos.

Figura 15: deslizamento na Linha São Paulo (maio de 2025)



DERLI JOSÉ CARAL

Empreendedor rural, Agroflorestal Katurrita, Colônia São Paulo,
município de Gramado Xavier
Registro em 23 de maio de 2025

Minha família é originária da Colônia São Paulo, ao longo do Rio Pardinho, a cerca de 10 quilômetros das cabeceiras do rio. Minha esposa e eu moramos na cidade de Gramado Xavier, mas a 30 anos compramos essa propriedade de 24 hectares na beira do rio de uma família que era produtora de fumo. Desde então estamos transformando em uma propriedade agroecológica, com certificação de sistema agroflorestal pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental.

A maior parte da propriedade é composta de áreas íngremes, indo de 300 metros de altitude até 450 metros acima do nível do mar, cobertas por mata nativa. Na parte baixa da propriedade, ao longo do rio, temos plantados 1.040 pés de laranja e mais de 500 bananeiras em produção, e cercada por esta produção orgânica temos uma fonte de água mineral que aguarda registro.

Choveu muito naqueles dias, começando no final de semana dias 27 e 28 de abril, intensificando na segunda-feira dia 29 e o auge da chuva forte foi na terça-feira dia 30 até o meio dia. Mas, continuou chovendo ainda até dia 2 de maio. Pelos dados que coletei de pluviômetro com vizinho que tinha acesso à internet, o máximo que choveu foram 810 milímetros nos três dias mais intensos, 28 a 30 de abril. Agricultor na Linha Banhado Grande, que anota diariamente com um

pluviômetro para o registro das fumageiras, chegou a calcular que foram 840 milímetros nos três dias mais intensos.

Ficamos sem saber notícias, apenas sabíamos dos deslizamentos nos barrancos e ficamos isolados na cidade, não tinha como passar e ficamos preocupados sobre a situação da nossa propriedade. As pontes de madeira que cruzam o Rio Pardinho estavam destruídas, o rio ainda estava com muita água, trechos da estrada cobertos de lama e pedras dos barrancos. Somente no sábado do final de semana seguinte, dia 4 de maio, cheguei de camionete até a Linha do Banhado Grande, onde deixei estacionada. De lá consegui chegar na propriedade a pé, seguindo uns 7 quilômetros de uma estrada antiga dos primeiros colonos por cima do cerro, coberta de mata.

Figura 16: cicatrizes permanecem do lado oposto do rio frente às bananeiras (maio de 2025)



Encontrei a parte baixa da propriedade coberta por lama, pedras, cascalho e muita madeira. Perdi cerca de 240 pés de laranja pelo desmoronamento do barranco. A água do rio cobriu a parte baixa da estrada, onde estão as bananeiras, mas estas resistiram e depois se recuperaram.

Muita gente não percebe o risco que são as grandes árvores no topo de morro, ou ao longo da margem. Esta é uma região muito preservada, com muita mata. Daqui até Linha Desidério, na divisa com Sinimbu, são algo como 5 mil hectares de mata. Tivemos uma grande enchente em 2010, que arrancou boa parte das grandes árvores nas margens, com isso meio que limpou o leito do Rio Pardinho, os troncos foram sendo depositados ao longo do rio, poucas pontes foram levadas. Se estas árvores ainda estivessem em pé com essa enchente de 2024, teriam sido arrastadas pela força das águas e certamente teriam acabado com o centro da cidade de Sinimbu. Nem alicerces das pontes tinha sobrado.

Quando desmoronam os barrancos, descendo grandes blocos de pedra, misturados com cascalho, barro e troncos de árvore, essa força funciona como se fosse um rolo moedor e acaba com o que tiver na frente. É só olhar aqui na beira do rio para ver o estrago que fez. Eram troncos de árvores preservadas, como angico, açoita-cavalo, guajuvira, canjerana, camboatá, cerejeira, sete capote ou pitangueira. São espécies nativas, fortes e resistentes, que o deslizamento dos barrancos traz ao fundo do vale e a força da água leva junto.

Se chover forte novamente, digamos uns 400 milímetros, fico preocupado com a quantidade de troncos caídos, secos, fácil de carregar, que hoje estão no leito do rio e seriam levados em direção a Sinimbu. Tem trechos do rio onde foi levada a estrada, não tem mais acesso, não tem como tirar essa madeira toda.

Antes da enchente, o rio tinha aqui uns 10 a 15 metros de largura, hoje tem mais de 100 metros de largura. Ele cavou um novo leito, 25 metros distantes do leito original. Nesse trecho que dá de frente para a propriedade tinha uma elevação de areia, uma ilhazinha para tomar banho, que desapareceu. Os poços no leito rio foram cobertos, outros poços formados, e hoje o leito está coberto com pedras, não parece mais o mesmo rio.

Figura 17: novo leito do rio na Linha São Paulo (maio de 2025)



Conversei com alguns vizinhos que moram aqui mais abaixo, ao longo do rio, que contaram que no auge da enchente escutaram como se fosse um terremoto provocado pelo rio. Porque o grande volume de pedras, rolando com a força da água, desceu como um rolo moedor e as pessoas ficaram impressionadas por sentir um cheiro de terra, mesmo com a chuva ainda caindo. Foi um estrondo, um ronco forte, provocado pelo rio. Mesmo dias após a enchente, o rio ainda trouxe o tronco de uma enorme árvore que está aqui em frente à propriedade.

Um rapaz que mora um pouco mais abaixo, tinha casa na beira do rio e perdeu tudo, a água levou a casa, o carro, por pouco ele se salvou. Ele contou que de manhã baixou o rio, até pensou que tinha passado a enchente. Mas depois ali pelo meio dia sentiram um cheiro de terra, ouviram um estrondo e desceu muito mais água que antes. Devem ter ocorrido desmoronamentos dos dois lados do vale, mais para cima perto da cabeceira, que trancaram o rio até que a força da água acumulada provocou um estrondo.

Dali um mês do desastre a Prefeitura cedeu uma retroescavadeira e coordenei os serviços de recuperação da estrada. Depois chegamos aqui na propriedade para fazer a limpeza e encontramos blocos de pedra tão grandes que a máquina não tinha como mover, assim não tinha outra solução senão abrir um buraco ao lado para enterrar. Ainda hoje, boa parte da área do pomar está coberto por galhadas e restos de troncos.

Figura 18: deslizamento na propriedade Caral (maio de 2025)



VANI E MARTIN PARNOW

Agricultores familiares, Linha Desidério, município de Sinimbu
Registro em 28 de abril de 2025

Os agricultores que moram ao longo do Arroio Desidério estão habituados com enchentes eventuais ao longo dos anos. A água do rio costuma subir em um dia, cobre algumas passagens molhadas, no dia seguinte o rio volta ao leito. Mas a enchente do ano passado subiu tão rápido, não tem como explicar. Era um barulho muito forte da força da água arrastando pedras grandes.

Moramos com nossa filha Anna Yasmin na propriedade Parnow. O pai de Martin, Henrique Parnow Filho, oriundo da Linha Alto Bela Vista, e a esposa Leonira Parnow, herdaram a propriedade de 34 hectares em 1970. Ao longo do arroio que corta nossa propriedade só tem mato, pois é uma área muito íngreme, não tem como abrir lavoura, estamos mais ou menos 500 metros acima do nível do mar. Foi tanta chuva que teve deslizamento na encosta e a água trouxe pedras, moendo árvores que estavam no caminho. Praticamente não restaram troncos inteiros no arroio, pois as pedras quebraram tudo no caminho.

A avó da Vani contava que a enchente de 1919 tinha corrido até a escadaria da igreja evangélica na Linha Rio Grande, chegando até o poço artesiano. Ninguém conseguia acreditar naquilo. E agora a água subiu de novo até aquele poço artesiano, a família que planta ali milho na resteva do fumo perdeu a lavoura. Em 2015 teve uma enchente forte, nosso cunhado faleceu de um raio, o rio trancou a es-

trada. Mas em 2024 foi fora do padrão, o que parece que não podia, aconteceu de novo.

Figura 19: paisagem do Alto Sinimbu, RPPN UNISC



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

No sábado, dia 27 de abril, Martin levou o picador com o trator na propriedade da cunhada, na parte mais ao alto da Linha Desidério e planejava começar a fazer silagem na semana seguinte. Após voltar para casa estava chovendo forte e o bueiro no passo do Nilo já estava trancado. No domingo à noite, o noticiário na rá-

dio e na televisão anunciava que em Santa Cruz do Sul teve uma microexplosão, uma tempestade muito forte, mas a gente nunca pensou que ia acontecer conosco.

Segunda-feira dia 29 amanheceu nublada, chuviscava de vez em quando. Martin levou a filha Anna para fazer silagem com os parentes, fizeram só uns 30 sacos, pois ali pelas 10 horas da manhã começou a chover mais forte. Martin e Anna retornaram para casa, trazendo a sobrinha Raquel, pois às 12 horas passa o ônibus escolar que desce até Sinimbu. Ali pelas 2 horas da tarde a irmã de Vani ligou, dizendo que estava chovendo muito, ela estava preocupada e ia descer até Sinimbu para buscar a filha na escola. Se falaram pela última vez ali pelas 6 horas da tarde, prevendo chuva e pedindo proteção a Deus. Na noite da segunda-feira para terça-feira choveu muito e foi cortada a energia elétrica.

Figura 20: recuperação de estrada (divulgação Prefeitura, jun. 2024)



Na terça-feira dia 30, às 7 horas da manhã a família estava tomando café quando a rádio anunciou que a Prefeita tinha decretado estado de calamidade porque o centro de Sinimbu estava debaixo da água. Durante a manhã continuou chovendo e ficaram monitorando a altura do Arroio Desidério. Ali pelas 10 horas da manhã acabou a água nas torneiras, porque a mangueira sobre o rio que traz água potável da cacimba da nascente rompeu.

Após o almoço estavam todos em casa, porque continuava chovendo. Martin olhou pela janela da cozinha e viu que a ponte mais abaixo no Rio Pardinho estava coberta de água. Dali a uns dez minutos olhou de novo pela janela, viu que água estava diferente, descendo reto e percebeu que a ponte tinha desabado. Saíram de casa para olhar na redondeza e viram os postes de luz derrubados ao longo da estrada. O Arroio Desidério subiu tanto que cobriu o forno para fazer carvão vegetal que fica na margem nos fundos da casa.

A família tem gerador para uma emergência, mas não mantém um grande estoque de diesel. Mas as estradas, tanto para subir a serra como para descer até Sinimbu tinham sido cortadas pela correnteza do Rio Pardinho, não tinha como comprar mais diesel. Por sorte, na semana anterior a família esteve em Sinimbu e Vani comprou estoque de remédios para os idosos, assim estavam abastecidos com remédio para umas três semanas. No geral, parecia mais uma enchente como outras que já tinham vivido. À noite utilizaram o gerador para ligar bicos de

luz e fazer funcionar a televisão, foi então que viram a enchente de Sinimbu no noticiário nacional e perceberam a gravidade do desastre.

Na quarta-feira pela manhã foram visitados por vizinhos que caminharam por cima da serra nas lavouras e poteiros para chegar na casa deles e verificar se estavam bem. Como tinham um estoque de farinha de trigo em casa, os vizinhos se organizaram para assar pão em forno de lenha para as seis famílias do entorno. Como todas famílias mantêm os freezers cheios de carne, trouxeram os cortes para colocar no nosso freezer, porque temos gerador. Quando o freezer encheu, as famílias se organizaram para assar a carne em tacho a lenha e guardar em sal e banha, como se fazia antigamente.

Somente na sexta-feira, dia 3 de maio, tivemos notícias dos parentes que moram mais para o alto, que estavam todos bem. Um vizinho subiu pelo mato, caminhando entre lavouras para chegar na Linha Almeida e trouxe notícias, porque a internet não funcionava. Esse vizinho administrava um salão comunitário na beira do rio, com restaurante montado para servir até 100 pessoas, a água levou tudo. Todo dia passávamos ouvindo o rádio de pilha com as estações das cidades da região para saber se tinha notícia sobre Sinimbu.

No sábado, dia 4 de maio, desceu um helicóptero no campo de futebol. Trouxeram cestas básicas, mas ninguém estava passando fome, todo mundo tem frango, feijão, batata em casa. Além disso as famílias começaram a ir a pé ao longo do Rio Pardinho até ao Núcleo

Winck onde tem um supermercado que não foi atingido pelas enchentes e traziam as compras nas costas. Os alimentos trazidos pelo helicóptero foram distribuídos entre todos.

Até o domingo, dia 5 de maio, os vizinhos mais acima na Linha Desidério já tinham se organizado e aberto uma picada acima da estrada, pela mata e pelas lavouras, para comunicação entre as casas. Fomos de trator até a casa do vizinho e buscamos outro freezer que colocamos nos fundos do galpão, guardamos ali o estoque de mandioca e pêssegos descascados para não perder. Nossa safra de fumo daquele ano já tinha sido vendida e transportada, assim o galpão estava vazio.

Figura 21: recuperação de estrada (divulgação Prefeitura, jun. 2024)



O que perdemos foi a silagem de milho: o que fazer como com as quatro vacas? Normalmente fazemos silagem entre abril e maio, que vai durar até o próximo verão. Assim em janeiro e fevereiro do próximo ano, quando estamos ocupados com a colheita do fumo, não precisamos colher pasto pois tem silagem. Desta vez colhemos só uma lavoura pequena de milho que sobrou, mas não era suficiente. Como o picador estava na propriedade dos pais da Vani, na Linha Almeida, Martin saía a pé para uma caminhada de duas horas e meia pelo mato, saindo de manhã e voltando à noite, para fazer silagem para todos.

As estradas para chegar de carro até Sinimbu foram restauradas apenas em meados de junho. A partir do dia 9 de maio os vizinhos já tinham restaurado a estrada para o alto da Linha Desidério que vai até a cidade de Boqueirão do Leão, são 35 quilômetros. Vani foi até lá de carro diversas vezes com familiares para pagar boletos, porque não tinha internet em casa, e fazer compras coletivas de diesel e remédios. No dia 10 chegaram aqui os motoqueiros, vindo por cima da serra pelas trilhas, voluntários para oferecer ajuda, somos agradecidos até hoje. Eles registravam com o celular as famílias que tinham alguma demanda e enviavam até a central de distribuição de doações em Sinimbu. No próximo sábado vieram de novo trazendo os remédios que foram solicitados.

Ali pelo dia 15 de maio chegou aqui o pessoal da RGE Sul, vindo por cima da serra conectando a linha de energia até Boqueirão do Leão. O sinal de internet retornou ali pelo dia 10 de junho e começamos a nos informar sobre como obter auxílio, fomos atrás de apoio. Recebemos ajuda da Prefeitura na forma de 30 sacos de silagem, 4 toneladas de esterco de boi para ajudar a recompor o solo e 2 toneladas de calcário. Assim conseguimos refazer nossas lavouras de milho que estamos colhendo este ano de 2025.

E no dia 15 de maio resgataram a vó Vali Maleitzke, que o vizinho Lírío Toebe buscou de carroça com o auxílio do Martin pois ela tem dificuldade de caminhar. O trajeto durou 2 horas e meia por trilhas em encosta íngreme cuja mata nunca foi mexida. Ela ficou na nossa casa durante 90 dias pois na propriedade de origem dela não tinha acesso.

Para reconstruir a ponte aqui perto sobre o Rio Pardinho, no domingo 19 de maio, utilizamos o trator para puxar toras de eucalipto que trabalhamos na serraria, um vizinho trouxe o guincho munck para ajudar e com três tratores refizeram o acesso. Em três dias, entre cinco famílias, reconstruímos a ponte provisória que está ali até agora. Nesse período todo não veio ninguém nos atender, nem Defesa Civil, nem Prefeitura, nenhum vereador, nada. Só quando a ponte estava pronta que vieram aqui tirar foto.

Agora basta chover uns 200 milímetros e nós vamos estar isolados de novo, a infraestrutura das estradas continua muito frágil, as galerias vão embora com apenas 70 milímetros, as pontes estão sendo reconstruídas de forma precária. Os postes de luz estão sendo colocados de novo ao longo do barranco do rio.

Nós não tivemos perda de vida aqui, mas a enchente nos impactou muito. Afetou toda nossa produção, atrasou as atividades da família e prejudicou nosso cotidiano. Ficamos isolados, não tinha como sair daqui e foi um susto grande. Em alguns momentos a gente não via futuro, mas não tem como largar todo o patrimônio que a família construiu aqui em décadas, não tem como abandonar tudo que a gente construiu. É algo que a gente não esquece, foi muito rápido.

MARA RAFAELA SCHULZ NEITZKE

Agricultora familiar, Linha Rio Grande, município de Sinimbu
Registro em 28 de abril de 2025

Tenho os acontecimentos do desastre registrados, anotei para não cair no esquecimento. Na segunda-feira, dia 29 de abril, estávamos na lavoura, preparando silagem de milho. Até o horário do almoço estávamos sob muita chuva, raios e trovões. A família estava em estado agitado, na tempestade de outubro de 2015 perdemos meu marido Marcos, que faleceu atingiu por um raio enquanto estávamos na lavoura. A minha avó Vali tomou remédios em excesso, minha sobrinha de três anos caiu do carro em uma poça, foram vários sustos naquele dia.

No início da tarde fiquei preocupada com a subida do rio Pardinho e liguei para a escola em Sinimbu, pedindo para liberar as crianças mais cedo antes que as pontes e bueiros ficassem sem passagem. Era muita água, as valetas estavam entupidas, um horror, pedi a uma amiga que mora perto do colégio Rosário para buscar a Raquel e levar até o Alto Sinimbu onde eu fui encontrar com ela e voltamos para casa. Por precaução, Raquel insistiu para deixarmos o carro estacionado longe do rio, na casa de um vizinho mais ao alto. Foi uma segunda-feira de muito agito.

Na terça-feira, dia 30 de abril, às 2 horas da madrugada acordei com a chuva forte. Às 3 horas da madrugada foi cortada a energia e ficamos sem internet. De manhã fomos ver o nível do rio Pardinho, estava tomando as margens. A ponte pênsil tinha sido danificada e

era perigoso cruzar. Moramos em três famílias em uma propriedade com 100 hectares com terreno muito íngreme, com poucas áreas para lavoura. Estamos mais ou menos a 500 metros acima do nível do mar, na parte alta da serra, com muita mata no entorno. Moramos aqui eu e minha filha, minha avó, a tia Mertis, bem como meus pais Nestor e Beatriz. Para chegar de nossa casa até a estrada temos que cruzar por dentro do rio quando está baixo, ou atravessar pela ponte pênsil. Essa ponte era nossa ligação com o mundo, nossa safra tem que ser carregada por ali, os produtos do mercado têm que vir por ali.

Figura 22: ponte pênsil Neitzke restaurada (abril de 2025)



Como a sanga que atravessa nossa propriedade estava com água muito alta, meu pai cruzou por dentro da mata para o outro lado do cerro, até o potreiro, para tratar dos animais. Ao voltar, recolhemos ferramentas no entorno dos fornos de secar fumo e guardamos no carretão para prevenir.

A água estava subindo ao lado dos secadores e não tinha como tirar o trator. Começamos a reunir documentos, fotos, remédios e até o papagaio da Raquel para nos abrigar no galpão que fica mais alto. No começo da tarde a parte baixa da propriedade estava tomada, o potreiro e a horta estavam abaixo da água.

A ponte pênsil foi arrastada pela força da correnteza, estávamos ilhados, com muito medo, em estado de pânico. Ali pelas 4 da tarde o rio parou de subir e nos acalmamos. Dormimos duas noites no galpão, com a chuva continuando.

Na quarta-feira, dia 1º de maio, a água começou a descer. Meu pai e eu fomos inspecionar o galpão ao lado dos secadores de fumo. A água tinha chegado até a altura das varas de fumo. Os equipamentos estavam espalhados, o picador foi salvo pois ficou preso em um pé de limão, o carretão estava virado à beira do rio.

Fizemos uma caminhada pela mata para chegar nas propriedades mais próximas e ver se havia sobreviventes. Chegamos na casa ao alto onde mãe e filho estavam bem, mas desanimados. Nossa nascente foi contaminada pela água suja, por duas semanas utilizamos água de sangas próximas até limpar novamente nossa nascente.

Figura 23: acúmulo de detritos ao longo do Pardinho (maio de 2025)



Minha avó ficou muito nervosa, não suportava a ideia de estar isolada. Combinamos com os parentes que na sexta-feira, dia 3 de maio, a família iria subir o cerro pelas lavouras e mata para tentar chegar no outro lado na Linha Desidério e levar a avó até lá, apesar dela ter dificuldade para caminhar.

Reunimos botas, pegamos foice, enxada e ferramentas, mas esquecemos de levar água. Saímos ali pelas nove e meia, caminhamos até o próximo morador chegando na casa deles às duas horas da tarde. Tivemos que enfrentar muito cipó, barrancos e atoladores e não

conseguimos cruzar. Foi uma trajetória horrível, mas só de ver outras pessoas no meio do caminho, saber que estavam vivas e chegar para dar um abraço foi uma emoção.

Sábado de manhã, dia 4 de maio, saímos novamente para buscar um acesso pela mata no sentido da Linha Almeida. Mas, nestes casos Deus faz as coisas de bom coração. Nesse momento chegou em nossa propriedade a família do Luano vindo pela mata do alto da Linha Estância Schmidt, no município de Boqueirão do Leão. Foram os primeiros voluntários que foram buscar um estoque de remédios para a avó Vali em uma farmácia na cidade de Boqueirão.

Cansados de tanto barro e nova chuva, fizemos busca pela propriedade de implementos agrícolas e ferramentas que a enchente espalhou, parecia que não tinha mais fim. No domingo o Luano retornou, mas não tinha conseguido chegar até Boqueirão do Leão pois as estradas estavam bloqueadas. Ele se comprometeu a tentar novamente no dia seguinte, saindo pela Linha Macaco Branco para chegar até Boqueirão. Mas, recebemos recado de vereadora de Sinimbu, nossa sobrinha, que deveríamos reunir os objetos pessoais da vó Vali pois ela seria resgatada de helicóptero.

No dia 6 de maio, segunda-feira, desceu o helicóptero na margem do rio. Trouxe cestas básicas e remédios. Minha avó estava empolgada pois finalmente ia conseguir sair dali, queria estar livre do perigo, mas o piloto disse que não tinha autorização para transportar pessoas idosas e foram embora.

Minha vó ficou desanimada, repetindo: “Não me deixem aqui, não quero morrer”. Parecia que aquilo nunca ia terminar. Minha filha Raquel me consolou, dizendo que Deus não nos abandonou, estávamos vivos. Ela me abraçou, disse não ia na escola naquele ano e que ia ficar em casa para me ajudar a plantar alimentos, nem que a gente não plantasse fumo, a gente ia conseguir sobreviver.

Tudo era difícil, continuamos sem energia ou acesso à internet por vários dias. Até que decidimos abrir um pique pelo cerro para chegar até a Linha Desidério onde moram os parentes. No dia 16 de maio subimos de trator pelas roças, levando a vó de carroção até o ponto mais alto que o trator conseguia chegar. Dali fomos caminhando até a metade do trecho, onde encontramos o vizinho de minha irmã que tinha vindo pelo outro lado com carroça de chapa e levou minha vó, acompanhada de meu pai.

Depois meu pai refez o trajeto de cavalo, uma jornada de duas horas e meia, trazendo diesel e sacos, para fazermos silagem e voltar a tratar dos animais.

Dia 17 de maio vieram vizinhos trazer recado de Sinimbu que seria organizado um resgate de minha vó, mas cancelamos, pois minha vó já estava na Linha Desidério por nosso próprio esforço. Uma vergonha, pois moradores aqui do entorno já tinham sido resgatados de helicóptero e minha vó, uma senhora de 83 anos, teve que subir de trator, carroça e a pé para sair da propriedade.

Recebemos visita de moradores da Linha Almeida que vieram nos apoiar e voluntários nos ajudaram a limpar em torno das casas,

dia 21 de maio terminamos de fazer silagem. Em 27 de maio veio novamente o helicóptero trazendo cestas básicas. Nesse dia saímos caminhado pelo cerro até minha irmã em Linha Desidério, e dali saímos de carro até Boqueirão do Leão para fazer compras, e voltar a pé carregando as sacolas no dia seguinte.

Ficamos 36 dias sem energia elétrica, com perda da carne que estava estocada em freezers, recém tínhamos carneado um boi e um porco. A partir de 4 junho voltou uma fase da linha de energia via Boqueirão do Leão, ia e vinha a luz, foi reestabelecido por completo apenas em 20 de junho. Perdemos também a safra de pêssego daquele ano, o estoque de aipim descascado e a carne de frango guardada. A internet voltou apenas em início de julho.

As famílias se uniram e reconstruíram a ponte pênsil com doações que recebemos. Por sorte, uma semana antes já tínhamos vendido a safra de fumo, assim não perdemos essa renda. Mas, conversamos, choramos muito, pensamos em largar tudo e ir embora daqui. Ficamos dias sem saber quem estava vivo, quem estava bem. A gente não sabia onde começar, saímos serrando troncos e postes caídos, arrancando arame, juntando lixo, com aquele cheiro horrível de animais mortos pelo vale.

Apreendi com essa enchente em jamais perder a fé ou a esperança. Sobrevivemos e nos reerguemos pela união da família, com ajuda dos amigos e vizinhos. Um sozinho não faz nada. Foram dias de agonia e pânico, não sei qual o trauma que vai ficar.

Figura 24: deslizamento atinge automóveis, galpão e fornos de fumo na Linha Pintado (maio de 2024)



VITOR EDUARDO SPIEGEL

Jovem agricultor familiar, Linha Pintado, município de Sinimbu
Registro em 14 de março de 2025

Durante o final de semana e na segunda-feira choveu muito, não parava mais. Tivemos trovões tão fortes que parecia terremoto, balançava os vidros das janelas. E na terça-feira, dia 30 de abril, começaram os deslizamentos dos cerros, meus pais e eu saímos preocupados de casa e fomos olhar como estava o rio Pardinho.

O meu tio-avô Lírio, um casal de idosos, mora do outro lado do rio e acima da casa deles desceu um deslizamento desde o topo do cerro. Olhando a partir do nosso lado do rio ficamos apavorados, pois eles têm problema de surdez, estavam dentro da casa sem entender o que estava acontecendo. E nós não tínhamos como atravessar, a ponte-pênsil estava inclinada e uma árvore ou galhada descendo o rio podia levar a construção e ser fatal.

Fechamos os olhos de medo, pois o desmoronamento parecia descer em direção à casa com eles lá dentro. Por sorte, como se alguém tivesse colocado a mão na frente, o desmoronamento se partiu e desviou da casa, que ficou em pé no meio da lama.

Quem mora na parte alta na Linha Pintado sobe a estrada vindo de Sinimbu até a altura da casa do Lírio, estaciona ali o carro e atravessa pela ponte-pênsil.

Figura 25: deslizamento pelos dois lados da casa até a beira do rio
(maio de 2024)



Meu pai deixou a camioneta estacionada em um galpão que desabou sobre o carro, mas não teve danos. Os outros carros estavam fora do galpão e a força do deslizamento foi tamanha que empurrou o Gol do vizinho de ré para dentro do galpão, como se alguém tivesse estacionado.

Figura 26: galpão desabado sobre camioneta (maio de 2024)



A sanga que desce ali ao lado cresceu tanto que ninguém conseguia passar, meu tio-avô estava preso ali com chuva constante. Um vizinho que mora mais ao alto do cerro tem o costume de abrir valetas após a chuva forte para escoar a água acumulada no entorno da casa deles, mas com o desmoronamento desistiram de abrir valetas. Para socorrer meu tio-avô desceram pelo potreiro, mas não conseguiam chegar na casa por causa da sanga que impedia a passagem. Amararam uma corda no poste do forno de barro e jogaram a outra ponta por cima da sanga, que meu tio-avô amarrou em um poste. Assim con-

seguiram atravessar e resgatar o casal de idosos usando uma escada comprida como passarela. A esposa foi levada de carrinho de mão até a casa de um vizinho. A ponte-pênsil foi levada pela correnteza por volta das 14h, acho que foi uma das últimas pontes do município que foi destruída

Meus pais e eu subimos com trator até os vizinhos que moram mais acima no cerro, mas eles não queriam ficar em casa por medo dos desmoronamentos. Assim saímos em dois tratores com carroção levando 12 pessoas, entre idosos, adultos e crianças debaixo da lona até um galpão no alto do cerro onde passamos duas noites. O galpão tem goteiras, o chão estava molhado e tinha formiga-correição procurando abrigo. Levamos comida e um fogareiro para cozinhar. No primeiro dia dormimos sentados ou deitados sobre sacos de adubo, mas para a segunda noite descemos de trator nas nossas casas e buscamos colchões.

Passando a chuva, na quinta-feira dia 2 de maio, descemos para a casa dos vizinhos e comemoramos com churrasco o aniversário de casamento de meus pais. A partir da sexta-feira, quando o rio deu passagem, retornamos para nossa casa em segurança e encontramos os alimentos na geladeira e freezer estragados. A enchente atingiu a estrutura dos galpões, os fornos de secar fumo estavam cobertos de areia, apenas a casa não foi atingida. A safra do milho para alimentar os animais estava perdida, perdemos também a máquina de enfardar fumo. Duas máquinas de costurar fumo, assim como moedor de milho, foram atingidos, mas puderam ser consertados. Não perdemos lavouras, pois as roças ficam bem mais acima que nossa casa.

Figura 27: Linha Pintado tomada pela água (maio de 2024)



Os quatro idosos aqui da comunidade foram levados de helicóptero para Sinimbu, que pousava em campo de futebol nas proximidades, mas o nosso vizinho estava com o coração batendo muito fraco, ele não teria resistido se demorasse a ser atendido, assim o helicóptero levou direto ao hospital de Santa Cruz. Meus tios-avós deixaram a casa, estão morando em Herveiras com a filha deles. As lavouras deles ficam em outros lados, não foram atingidas, assim tem um vizinho plantando milho e fumo. Mais abaixo, em Linha Desidério, uma idosa estava passando mal e o neto conseguiu através do contato de uma advogada que um helicóptero fizesse o resgate, mas ela faleceu no trajeto.

Atravessávamos pelo leito do rio para chegar até a estrada e descer a pé por 6 km até o comércio mais próximo para buscar alimentos, que continuava sendo abastecido a partir de Sinimbu. No meio do caminho um arroio tinha descido com tanta força que arrancou parte da estrada, deixando uma cratera. Os vizinhos abriram uma picada para dar a volta por fora, tinha que descer uma escada agarrado em uma corda de um lado e subir o barranco do outro lado para continuar na estrada.

Recebemos diversas cestas naquele mercado, aí tinha que carregar os mantimentos em mochilas e sacolas até em casa, subindo aquela escada. Outras vezes recebemos cestas básicas de helicóptero que pousava no potreiro ao lado do mercado. Ficamos 36 dias sem energia e 40 dias sem internet. A energia foi religada a partir do município de Boqueirão do Leão, pois os caminhões não tinham acesso vindo de Sinimbu ao longo do rio Pardinho. Eu descobri que em nossa propriedade de 50 hectares, a última lavoura do cerro tinha sinal de internet, assim subia até lá para me comunicar e saber das notícias. Após as primeiras semanas a Prefeitura enviou uma retroescavadeira para recuperar o trecho da escada e reestabelecer o trânsito. A máquina tinha sido contratada de uma empresa de Santa Cruz do Sul, mas meus pais e eu olhando do lado de cá da cratera vimos que estavam fazendo o serviço de modo errado, não ia segurar a estrada. Meu pai tentou conversar e dar dicas ao operador, mas não foi ouvido. Fizeram o remendo de qualquer jeito e na próxima chuva desceu água de novo e arrancou tudo, abrindo a cratera, ficamos isolados de novo.

Figura 28: cratera na estrada Linha Pintado (maio de 2024)



Até hoje a cratera continua aberta e perigosa. Para voltarmos a ter acesso a Sinimbu meu pai reconstruiu a ponte-pênsil, ele aprendeu com o saudoso Getúlio Waechter que trabalhava na Prefeitura construindo estas estruturas. Meu pai aprendeu com ele e nossa família toda, junto com os vizinhos, reconstruímos a passagem em uma semana. Tivemos ajuda do influenciador digital Giovane Weber, de Santa Cruz do Sul, que coletou doações durante o desastre que pagaram pelas tábuas, baroques e as tesouras. Os cabos foram fornecidos pela Prefeitura. Do nosso lado fizemos a escavação com o trator de um vizinho, para instalar os postes do outro lado do rio tivemos que aguardar por semanas até chegar a retroescavadeira da Prefeitura, que veio somente após reclamação pelas redes sociais.

Acredito que Sinimbu não está preparada para outro desastre. A cidade foi construída dentro do rio pelos nossos antepassados, e hoje

em dia um primeiro passo para a prevenção seria evacuar as construções ribeirinhas.

Figura 29: ponte pênsil Linha Pintado restaurada (agosto de 2024)



O rio Pardinho e o rio Pequeno se unem na entrada na cidade, se os dois estiverem cheios não tem como a cidade segurar a água. Além disso o leito do rio está cheio de cascalho, se não for feito um desassoreamento, a próxima enchente vai ser mais impactante.

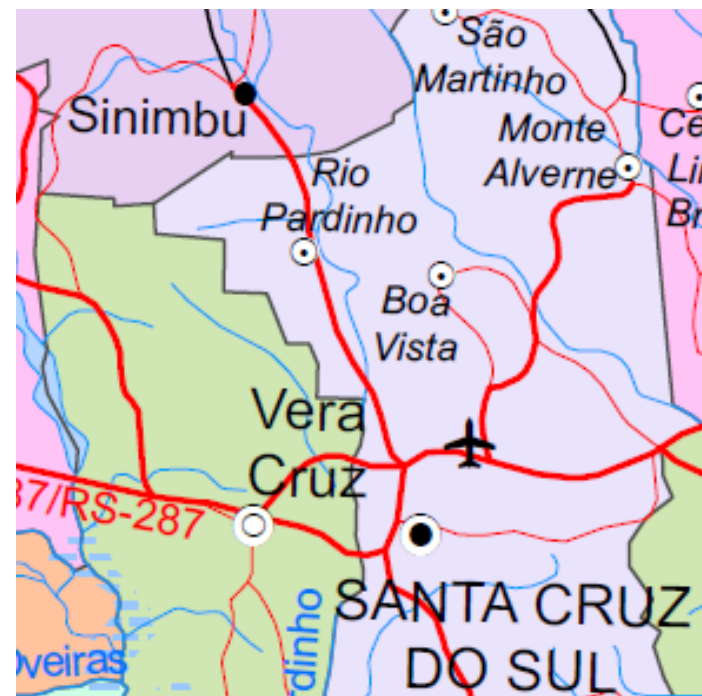
ZONA II – MÉDIO RIO PARDINHO: TRANSIÇÃO ARROIO-RIO E REGIÃO DE VALES (área de transferência)

A zona referente ao Médio Rio Pardo (297,4 km²) está situada, aproximadamente, entre a sede do município de Sinimbu e a ponte da RSC-287. Possui formato triangular alongado (20 km de comprimento e 8 km de largura). Transição Arroio-Rio: está situado na unidade morfológica da Encosta da Serra e Depressão Central, com altitude entre 60 a 140 m e declividade média de 2,0 m/km.

Nesta zona há apenas uma sede municipal, em Sinimbu. As populações urbana e rural são equivalentes. A densidade demográfica é superior à verificada na Zona I.

A atividade industrial é pouco expressiva, sendo a economia local baseada na pecuária (aves e suínos) e na agricultura de subsistência. Na área rural, os efluentes têm origem nas lavouras de fumo, milho e hortaliças, na criação confinada de animais (suínos e aves) e da extração mineral. Nas áreas urbanas, os esgotos domésticos são os principais efluentes (Kotzian; Pereira; Marques, 2003).

Figura 30: mapa do Médio Rio Pardo



Fonte: extrato de IBGE (2015).

MARA E ROGÉRIO BEHM

Agricultores familiares, Linha Cerro Branco, município de Sinimbu
Registro em 1 de março de 2025

Em Sinimbu nós agricultores já vínhamos pensando por quatro verões seguidos de estiagem, o último verão em 2023/24 foi o mais forte porque simplesmente não choveu. Nossa nascente quase não dava mais água, as famílias ficaram dependentes do caminhão-tanque da Prefeitura. Cada família no meio rural recebia 1.000 litros de água por semana, vinda de poços artesianos. Com isso você tinha que se virar a semana toda, só é suficiente para preparar a comida. A gente economizava para usar essa água só na cozinha.

Colocamos uma bomba no arroio Cerro Branco que passa na frente de nossa propriedade para regar a estufa com flores e plantas ornamentais, que Mara comercializava semanalmente na feira do produtor. Mas era uma água ruim, suja, porque o arroio estava secando, ainda bem que as plantas suculentas precisam de pouca água. Mas nossas lavouras, a grama, tudo secou. Nós produzíamos hortaliças e legumes, tanto para a feira, como na comercialização através do Programa Nacional de Alimentação Escolar, com o pouco de água que conseguíamos no arroio. Além disso, no verão descíamos pela estrada de terra até a beira do rio Pardinho com nosso Gol bastante usado para lavar a roupa da família à mão, trazer água em embalagens vazias de amaciante para usar no banheiro, tratar os cachorros, as galinhas e os porcos.

Em um certo ponto tivemos que parar nossa lavoura no verão e os pais do Rogério cederam uma área de várzea do rio Pardinho para plantarmos 3.000 pés de aipim e 6.000 pés de batata doce. Na safra de inverno de 2023 a gente conseguia tirar milho, para tratar os animais e aipim para uma empresa em Vera Cruz, a safra de verão é que não vingava. Enquanto a roça crescia, tínhamos contas a pagar e bate um pânico que você não vai conseguir pagar as contas.

Figura 31: plantio de aipim e bata doce na várzea (março de 2024)



No último verão Rogério começou a trabalhar como carregador no caminhão que passa nas propriedades familiares para buscar o fumo de uma empresa que abastece as fumageiras. De manhã ele saía para ir até a transportadora, Mara descia com o filho até a estrada onde

passa o ônibus escolar e depois Mara ia trabalhar na lavoura. O verão de 2023/24 foi muito bom para os produtores de fumo, o preço estava bom e a produção foi grande. O Rogério passava todos os dias da semana carregando fardas de tabaco com a equipe, cargas e mais cargas, até encher o caminhão com 60 toneladas.

E esse rio Pardinho que nos sustentou por quatro anos nas estiagens, que foi a nossa salvação, foi o mesmo que agora veio e levou tudo em abril de 2024. Na segunda-feira dia 29 de abril, Rogério estava ocupado na transportadora com as últimas cargas da safra e Mara estava em casa preocupada com a chuva constante e não deixou o filho ir na escola porque tem que atravessar uma ponte precária para ir e voltar da cidade. Nossa casa é antiga, a propriedade de 20 hectares íngremes no cerro compramos com o Crédito Fundiário do Banco da Terra que estamos pagando, assim temos muitas goteiras, pois ainda não deu para fazer uma reforma.

Mara telefonou para Rogério pedindo para voltar antes que caísse alguma ponte, pois já tinha chovido mais de 100 mm. Ele achou que não era o caso de preocupação e passou o dia trabalhando, quando voltou para casa à noite estava impressionado com os arroios invadindo as estradas. Mara estava preocupada com o risco de deslizamento no cerro e quase não dormiu.

Na terça-feira de manhã, dia 30 de abril, faltou energia elétrica pois a água estava derrubando os postes ao longo das estradas de fundo de vale. Continuou chovendo forte o dia todo, foram uns 300 mm.

Lá de cima da serra os moradores de Herveiras e Boqueirão do Leão avisavam nas redes sociais que ia descer muita água para Sinimbu. Mas, ninguém imaginava que seria tanta água.

Rogério foi caminhar pela estrada e voltou impressionou com a altura do rio Pardinho, não dava passagem e não tinha como ir para o trabalho. Ali pelo meio-dia Mara foi caminhar com guarda-chuva, o barulho que vinha do arroio era impressionante, pareciam carros se batendo, mas eram pedras descendo com a água. No potreiro a água descia como se fosse uma cascata.

Ali pelas 13h00 ouviram um estrondo mais acima, foi o deslizamento de uma encosta que caiu no arroio. Nunca tinham visto o arroio tão alto e concluíram que o centro de Sinimbu deveria estar debaixo de água. Um vizinho um pouco mais abaixo tinha visto a água baixar e disse que ia começar a limpeza com o rodo, mas foi nessa hora, ali pelas 14h00, que o rio começou a subir novamente, dessa vez mais rápido. Essa baixada rápida da água não era um bom sinal. Na parte alta do rio Pardinho deve ter ocorrido deslizamento de encostas que represaram o rio por algumas horas, mas quando a pressão ficou muito forte as pilhas de terra cederam e deixaram a água represada descer pelo vale de uma só vez.

Todos nós fomos criados aqui na beira do rio, nós estamos acostumados com enchentes, mas não desta forma como foi no dia 30 de abril. Fomos olhar o rio e não tinha mais ponte, os caminhões da empresa na qual Rogério trabalha no outro lado do rio estavam presos,

não tinha passagem. Não tinha mais postes, desde lá embaixo do asfalto todos os postes foram derrubados. Com isso imaginamos que nossa roça de aipim e batata na várzea também tinha se perdido.

Figura 32: perda total da lavoura na várzea (maio de 2024)



Ficamos 19 dias sem energia elétrica, nosso estoque de alimentos na geladeira, o aipim descascado para vender na feira, a carne do porco que carneamos como estoque no freezer se perderam. Em locais mais remotos as famílias ficaram até dois meses sem energia elétrica. Rogério teve que sair de moto com um amigo pelas lavouras até conseguir chegar na venda perto do centro da cidade para comprar um

estoque de velas, rádio de pilha e alguns alimentos, além de procurar sinal de celular para se comunicar com os parentes e ter notícias.

Na sexta, dia 3 de maio, quando baixou a água e deu passagem fomos até o centro ver como estava Sinimbu. Fomos de carroça, não tinha como ir de carro, e levamos bombonas de água potável, pois os moradores da cidade estavam sem água. Fomos até o centro de acolhimento da Prefeitura para nos apresentar ao trabalho voluntário.

Fomos trabalhar todos os dias, até 22h00 da noite, no centro de distribuição de doações que foi montado no salão comunitário da Igreja Luterana, na parte alta da cidade. Foi instalado um gerador ao lado do pavilhão da Prefeitura e assim tinha energia elétrica, também uma oportunidade para carregar o celular. Chegavam caminhões e caminhões de doações de roupas, fardos de garrafas com água, fardos de alimentos não perecíveis, que precisam ser descarregados manualmente e organizados nos setores dentro do salão. Os tanques do Exército circulavam pelas estradas rurais distribuindo as doações. Os helicópteros pousavam em um potreiro perto do salão da Igreja Luterana para carregar comida, remédios, fraldas, roupas para as propriedades mais remotas e trazer na volta os pacientes que precisavam de atendimento no hospital. Deu muito trabalho toda essa logística, nesse período de dois meses o Rogério ficou sem trabalho e nós sem renda, porque os caminhões da empresa estavam presos do outro lado do rio e não tinha como recolher o tabaco nas propriedades.

Poucas famílias chegavam no pavilhão para buscar doações, pois todas as pontes do município foram destruídas, não dava passagem para chegar até o centro de Sinimbu. Além disso, sem ener-

gia elétrica ou sinal de celular, as pessoas não tinham notícia do que estava acontecendo. Assim, outros grupos de voluntários tinham que montar as cestas que eram distribuídas pelo interior com helicóptero. Além disso começaram a chegar doações de colchões, roupa de cama, travesseiros.

O que mais me marcou foi um casal que conseguiu chegar até o centro de distribuição com uma criança para buscar colchão, que tinham perdido sua casa, imagina o estado emocional que deviam estar estas pessoas, essa criança, que não tem mais para onde voltar. Famílias como eles foram enviadas para o abrigo na escola estadual, para depois receber aluguel social. A Prefeitura não tinha estoque de gasolina para abastecer os veículos oficiais ou dos voluntários, os dois postos de gasolina da cidade foram atingidos, assim Mara e o filho desciam diariamente a pé para chegar até o centro, como não tinha escola funcionando o menino ficava brincando com outras crianças. No final do dia Rogério descia com o carro para buscar, assim economizando na gasolina com apenas uma ida ao dia.

Foram dois meses exaustivos, tiramos um domingo de folga apenas. Aprendemos que o setor público não estava preparado para responder a um desastre como este e a ação foi bastante descoordenada, às vezes deixando dúvida sobre os critérios de atendimento. Mas, todo mundo tem que se ajudar em um desastre como este. Por exemplo, certa noite às 19h00 chegou um caminhão com carga vindo de Santa Catarina e o motorista veio com ordem de descarregar e voltar de imediato. Ao chegar no centro de distribuição representantes da Prefeitura não quiseram receber pois já era tarde, assim os voluntários se organizaram para descarregar e liberar o motorista.

Figura 33: rio desbarrancado pós-enchente (maio de 2024)



Eram fardos de fraldas, medicamentos, água potável, mais de 90 sacos de roupa que descarregamos até as 22h00. Do Paraná vieram dois caminhões-pipa com bombeiros que por três semanas dormiam no centro de distribuição, estavam com a roupa encharcada, assim oferecemos para lavar e secar as roupas para manter a saúde dos bombeiros.

Nos primeiros dias após o rio ter baixado começaram a circular veículos com voluntários distribuindo marmita e água nas residências, pois todos perdemos alimentos das geladeiras pela falta de energia elétrica e os mercados estavam sem estoque. As famílias ribeirinhas que tiveram suas casas invadidas pela água não tinham fogão ou botijão de gás para cozinhar. Assim, as marmitas foram muito importantes nos primeiros dias para a comunidade. A escola de patinação de Santa

Cruz do Sul organizou uma campanha, os recursos arrecadados foram doados em cestas básicas, que através do contato com a direção da Escola Nossa Senhora da Glória foram destinadas para as famílias mais vulneráveis aqui na Linha Cerro Branco. Apoiamos a distribuição para os trabalhadores sazonais das fumageiras de Santa Cruz que ficaram sem renda neste período.

Outras famílias nas vilas aqui perto que receberam cestas básicas eram os trabalhadores da fábrica de calçados que fechou após a enchente e ficaram sem emprego. Também intermediamos os contatos de agricultores que perderam maquinário e equipamentos do fumo e que vão receber da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) vale-compra para as lojas e recompor seus equipamentos de trabalho. Em julho foram encerrados os trabalhos do voluntariado e só então percebemos o prejuízo de quanto perdemos em nossa lavoura e em plantio de alimentos para tratar os animais. Um casal de amigos mora aqui para cima, mas a lavoura deles fica do outro lado do rio e assim não tem como recuperar a safra deles, não tem mais pontes. Emprestamos um pedaço de terra de nossa propriedade para eles replantarem os alimentos de subsistência. Os agricultores que tem vaca de leite tiveram que descartar a produção, pois sem pontes ou acessos o caminhão leiteiro não tinha como buscar o leite, assim muito leite foi jogado fora.

Testemunhamos como diversas famílias se mudaram do município. Como não perdemos a casa, não tivemos acesso ao auxílio de R\$ 5.100 do governo federal, nem ao auxílio do governo estadual que foi direcionado para poucas famílias agricultoras no município. Pouco depois, já no inverno, a empresa de distribuição de insumos do

fumo começou a retomar as atividades, tirando os caminhões por uma passagem dentro do rio construída pelo Exército. Os soldados também construíram uma das primeiras ponte-pênsil sobre o rio. Rogério voltou a trabalhar com o caminhão e integrou equipe que foi buscar sacos de insumos que chegavam do porto de Rio Grande, carregados em bitrem vinham até Rio Pardinho e tinham que ser distribuídos no mesmo dia aqui nas propriedades para a nova safra de fumo, senão as famílias do entorno ficariam sem renda em 2025.

Rogério passou ainda a trabalhar na tardinha por diária, ajudando outras famílias para preparar leiras na lavoura. Além disso trocou serviço com agricultor que tem trator e preparou o terreno para nós plantarmos aipim, batata e feijão, as mudas e ramas recebemos de doação de outros agricultores. Mara plantou hortaliças para voltar a fazer conservas e participar do fornecimento de alimentos do vale-feira dos funcionários municipais.

Enquanto a produção estava sendo retomada, entre outubro e dezembro, Mara trabalhou diversas semanas como diarista na safra de tabaco, aproveitando a oportunidade de receber o pagamento de R\$ 25/hora, o filho ficava com os avós quando retornava da escola. Em janeiro de 2025 Rogério retomou o trabalho com caminhão no recolhimento das cargas de fumo seco nas propriedades rurais. No início de 2025 estamos vivenciando nova estiagem, com crescente número de pedidos de fornecimento de água na Prefeitura, esperando pela reconstrução das pontes. A cidade de Sinimbu foi construída praticamente dentro do rio, não estava preparada para a enchente e continua não estando preparada para outro desastre.

HARDVIG MEINHARDT

Professor de história aposentado, residente no núcleo urbano de Sinimbu
Registro em 18 fev. 2025

A maior enchente de que temos relato aqui em Sinimbu ocorreu em 22 novembro de 1919. Atingiu a cidade toda, houve três mortes por afogamento, animais morreram, foi uma experiência cruel recontada entre as gerações. A minha avó contava, e minha mãe confirmou, que na enchente de maio de 1941 a água teria passado pelo centro da cidade, mas, sem destruição. Alagou aqui a rua na frente, minha família saiu da casa e foi se abrigar na parte alta do cerro.

Me lembrei disso quando na terça feira dia 30 de abril, ali pelas 8h00 de manhã, um dos integrantes do nosso grupo de whats “Alerta Sinimbu” postou que a água ia subir pela estrada, o que nunca tinha acontecido. A água alagava sempre a entrada da cidade, bloqueava aquele arroio, mas nunca correu pela avenida principal. Este senhor mora lá no alto da cidade, quando ele avisou no grupo que a água vai ingressar na cidade entendi o risco, pensei: “Chegou a hora”. Peguei meus documentos, meus animais, um cachorro, um gato e um galo garnisé, coloquei tudo na camionete. Percebi que começou a entrar água no terreno, e não era água da chuva, era água mais escura do rio. Sai com o carro e subimos o cerro para aguardar a passagem da água. Pouco depois, lá pelas 9h30 tinha passado a enchente, desci e vim olhar a casa. Tinha entrado água, uma água limpa que não era do rio, algo que nunca tinha acontecido aqui em casa.

Estava com os três animais no carro e pensei que não podia deixar o gato ou o cachorro na casa molhada, eles iam ficar desorientados. Mas o galo deixei no galpão onde tem um viveiro alto, acima da água que estava aqui no quintal. Voltei novamente de carro para o cerro. Encontrei um amigo que me convidou para almoçar na casa dele no alto, depois de tarde eu poderia voltar para a casa e iniciar a limpeza. Esse era o plano da maioria do comércio aqui no centro naquela manhã de terça feira. A água tinha subido, desceu de novo e eles começaram a limpar as lojas.

Estava um dia fechado, chuvoso, e não percebemos lá do alto durante o almoço a onda de água que invadiu a cidade entre meio-dia e 2h00 da tarde, que foi o auge da enchente. Recebemos a notícia que entrou água na cozinha do hospital, que fica aqui nos fundos do meu terreno. Com isso mudou a situação, porque se inundou a cozinha do hospital deveria ter enchido minha casa de água. Eu ia descer para buscar meu galo garnisé e eles me impediram. Eu achava que a água podia subir meio metro ou um metro, nunca imaginava que tinha subido dois metros até o forro da casa.

Esse amigo voltou dali a pouco com um casal que ele resgatou e me orientou para cuidar do casal porque eles tinham sido resgatados contra a vontade na casa tomada pela água, mas eles não acreditavam que a enchente poderia subir e estavam somente com a roupa do corpo, não tinham se preparado e teimavam em não sair de casa. Para mostrar tranquilidade fiquei conversando com eles, a família empres-

tou umas roupas secas. Aí foi cortada a luz, ficamos sem internet e a família preparou uma janta. O amigo desceu para dar uma volta na cidade e retornou dizendo que estava tudo destruído. Eu ainda achava que era meio exagerado, que não seria possível tamanha destruição.

Mas, no dia seguinte quarta-feira, o primeiro de maio, acordei cedo e não ouvia nenhum ruído, senti falta do canto do meu galo. Ali pelas 9h00 descemos juntos e entramos a pé aqui no terreno, a lama cobria tudo, quando cheguei no galpão em meio ao entulho encontrei o galo afogado. Aquilo me abalou. A casa estava bloqueada de tanta lama e o anexo, onde eu guardava os arquivos e a biblioteca com obras da história da cidade que ganhei de antigos moradores, tudo coberto de lama, não conseguia nem abrir a porta. Deixei meu carro no terreno dos amigos no cerro. Moro sozinho, liguei para meus familiares em Santa Cruz pedindo para me buscar porque aqui não tinha nada que eu podia fazer naquele momento e fiquei abrigado em Santa Cruz.

Na quinta-feira continuou chovendo e estava instável o tempo, ninguém sabia o que poderia acontecer, assim não tinha como pedir para me trazerem de volta a Sinimbu. Consegui retornar apenas no sábado, dia 4 de maio, e estava tudo tomado pela lama. Os eletrodomésticos estavam comprometidos. No domingo subiu grande número de ônibus de Santa Cruz trazendo voluntários, eram tantos que a polícia fez uma triagem lá no trevo para entrar apenas pessoas que tinham condições de pegar no pesado e evitar a entrada dos “turistas de desastre”.

Veja aqui a marca que ficou na parede, tem dois metros de altura. Mesmo lavando a parede fica a marca. Durante o domingo, com o trabalho de uma equipe de voluntários aqui em casa, começaram a tirar tudo de dentro, foram levando e levando. O problema é que todo terreno estava tomado pela lama, não tinha como fazer uma triagem, separar o que ainda poderia ser preservado. Não tinha nada seco. As roupas estavam encharcadas, não tinha como lavar, não tinha água, assim foi tudo o que eu tinha foi jogado fora. Como nunca teve uma enchente como essa, a gente não estava preparado.

Durante 40 dias eu saía de Sinimbu no ônibus da noite e ia dormir nos parentes em Santa Cruz, voltava no dia seguinte de manhã para trabalhar na limpeza. Meu carro estava estacionado lá em cima no cerro, o gato e o cachorro deixei em uma hospedagem em Santa Cruz, no final de semana vinham os parentes para ajudar, durante a semana tinha muitos voluntários circulando na cidade para ajudar. Um morador do município de Passo do Sobrado veio aqui com um trator, um gerador, um tanque de água e com o lava-jato conseguiu limpar muita coisa. Em um sábado vieram três funcionárias do Banrisul da agência do município de Vera Cruz como voluntárias para o Posto de Saúde aqui do lado, mas ali já estava bastante gente trabalhando, aí indicaram que eu estava precisando de ajuda e elas passaram uma tarde inteira para completar a limpeza aqui do galpão e do pátio. Veio um grupo de voluntários de Ibirubá, chegaram um dia pela tarde e estavam caminhando pela rua, aí convidei para entrar e me ajudaram a completar a limpeza, estamos em contato pelo whats até hoje.

Aos poucos fomos nos reequipando. No comércio local não tinha mais mercadorias, assim dependíamos de doações. Da comunidade da Igreja Luterana ganhei uma máquina de lavar roupa, a cooperativa de crédito Sicredi doou um sofá, o clube Rotary doou um fogão a gás e assim foi indo aos poucos. Consegui salvar uma das geladeiras, mas ela continuou falhando e um dia solicitei a doação de uma geladeira usada na central da Prefeitura e os soldados vieram entregar aqui em casa.

Figura 34: rua central com entulho para remoção (maio de 2024)



Contratei um eletricista para revisar as fiações elétricas e um instalador para revisar o aparelho de ar-condicionado que ficou bem no limite da água. De manhã a primeira coisa era abrir a casa para tirar a umidade, era tanta umidade que o fogão não acendia a chama. Pintamos a casa, mas as paredes estavam tão úmidas que deu mofo. Pedi ajuda a uma funcionária da CEF para fazer o cadastro online com toda aquela burocracia e consegui acessar os R\$ 5.100,00 do governo federal. O comércio local recebeu ajuda de um grupo formado em Santa Cruz denominado “Por Sinimbu”, com arquitetos, publicitários, professores universitários e outros voluntários. Eles fizeram vários eventos nos finais de semana em Santa Cruz como feiras e shows para arrecadar recursos para as pequenas empresas e empreendedores informais de Sinimbu, bem como ofereceram cursos e oficinas, em articulação com a Câmara de Comércio, Indústria e Serviços de Sinimbu.

O epicentro da reconstrução será a Ponte Centenária, no centro da cidade. A ponte conecta os dois lados da cidade do Rio Pardinho. A ponte foi destruída pela enchente e prejudicou muito a circulação dos moradores, afetando o comércio local. Foi feito um acesso provisório de madeira para pedestres, bicicleta e motos que está lá até hoje. Parte dos veículos da Secretaria da Saúde, por exemplo, ficam estacionados do outro lado do rio. A equipe de saúde que vai atender os postos no interior, de manhã cedo, tem que cruzar o rio a pé e embarcar nos veículos do outro lado. Uma grande empresa da região se prontificou a custear a reconstrução, mas a negociação com a sede no exterior demorou muito tempo. Visitaram a ponte o governador, o Ministro Pimenta e deputados, mas ficou tudo no discurso. Como a reclama-

ção da população era frequente, o tema virou polêmica na campanha eleitoral de outubro de 2024. O grupo executivo meio que se isolou pelo excesso de demandas e a oposição não poupou a administração porque poderia ter aproveitado o estado de emergência para acelerar a reconstrução. No voto os eleitores puniram ambos os lados e elegeram o terceiro candidato a prefeito. Mas até hoje a administração tem dificuldade em elaborar projetos e fica dependendo de emendas.

Equipe de pesquisadores voluntários da Universidade Federal de Santa Maria esteve várias vezes na cidade e fizeram um mapeamento do centro urbano. Foi realizada uma audiência pública na Câmara de Vereadores onde explicaram à comunidade que existe uma faixa vermelha no mapa, as construções ao longo do rio, que é a zona de risco para o próximo evento climático. Ao lado ficam as habitações na faixa amarela, na qual está incluída minha casa, que precisa estar em estado de atenção. Há necessidade de investir na prevenção para defender melhor a cidade pois previram que a cada 25 anos tem uma grande enchente em Sinimbu. Eles explicaram que esta estratégia não é apenas para o centro urbano, tem que ocorrer investimento de prevenção em toda a extensão do rio que nasce no alto da serra. Implica em um custo alto, mas tem que ser feito.

Por enquanto não foi feito nada. A Prefeitura licitou ao todo 25 projetos de reconstrução, mas as grandes empreiteiras estão ocupadas na Região Metropolitana, as pequenas empreiteiras que venceram as licitações acabaram desistindo, ou iniciaram a obra, mas foram embargadas por irregularidades, então até agora não foi completado nada da prevenção. A falta de conhecimento é tamanha que uma família

iniciou a reconstrução da casa aqui na beira do rio, mas foi embargada pela Defesa Civil por estar em área de risco.

Eu procurei ajuda de um corretor para procurar um pequeno terreno no alto do cerro para construir um refúgio. Foi difícil, porque tem muito terreno sem documentação regularizada, tem propriedades em disputa de herdeiros. Achamos um pequeno terreno do lado de uma torre de telefonia, tive que contratar um topógrafo, depois busquei um engenheiro, paguei o CREA e agora preciso fazer a planta para cadastrar na Prefeitura e construir meu refúgio, uma quitinete com garagem. Comprei um carro compacto novo e na próxima enchente vou logo pegar meus documentos e meus animais e ficar no refúgio, abrigando outras pessoas se for o caso porque agora aprendi a importância da solidariedade nos desastres.

No anexo da casa eu guardava livros e materiais que recebi ao longo dos anos de outras pessoas sobre a história dos clubes de futebol, sobre as sociedades de bairro. Além disso eu tinha uma grande quantidade de jornais antigos guardados desde o meu avô quando o jornal Gazeta ainda era em alemão. Fui estocando todo este material em armários e prateleiras que mandei construir para um dia escrever a história da cidade e a água estragou tudo. Grande volume de fotografias ficou molhado e não tinha como secar e recortar este material todo, que se perdeu. Aprendi a lição de que deveria ter escrito a história antes do desastre, e não deixar para o futuro.

Agora alguns momentos que me emocionaram. Três semanas após a enchente passou aqui a agente de saúde e ofereceu uma con-

versa com apoio psicológico. Concordei, veio aqui uma psicóloga voluntária de Porto Alegre para conversar comigo, foi um momento importante pois foi a oportunidade de se emocionar, de chorar e colocar para fora toda aquela experiência. Também passei a fazer parte de um grupo de caminhada, nosso grupo percorre as trilhas do município para a gente conhecer melhor as redondezas e se localizar na geografia do município. O terceiro momento: desde seis anos atrás, quando estava nas últimas aulas no ensino médio, eu entrevistava pessoas da comunidade sobre sua profissão e, para dar amplitude maior a estas histórias utilizadas também em aula, comecei a publicar no meu Facebook. Desde então adquiri este hábito de escrever diariamente uma crônica sobre a cidade online e tenho cerca de 120 seguidores dos meus textos. Na terça feira, dia 30 de abril, sai cedo de casa, vi uma fila de ônibus escolares, que normalmente estacionam na frente da matriz, que estavam aqui na frente na rua. Então escrevi na minha página que os sinais indicavam uma forte enchente, foi uma intuição, ainda não tinha recebido nenhum alerta. Quando às 8h00 veio o alerta, saí de casa, fui para o cerro, depois fui para Santa Cruz e não escrevi mais na minha página. Depois que voltaram a funcionar as redes sociais correu a pergunta na cidade se alguém tinha me visto, ninguém tinha resposta. Circulou um boato nas redes de que eu tinha morrido dormindo em casa, veio gente olhar onde estava meu carro, bateram na porta para ver se eu estava dentro. No domingo de manhã cheguei em casa vindo de Santa Cruz e veio uma moça correndo: “Professor, vamos tirar uma selfie porque tenho que compartilhar que o senhor não morreu”. Sou o caso de uma “morte anunciada”, veja a confusão que ficou na comunidade durante o desastre.

Figura 35: mapa da localização do núcleo urbano de Sinimbu na confluência dos Rios Pequeno e Pardinho, dividindo a cidade



Fonte: <https://www.google.com/maps/place>

MAURO RACHOR

Comerciante, empreendedor, Centro de Aviamentos Rachor,
morador da Linha Rio Pequeno em Sinimbu
Registro em 1 de março de 2025

Começamos a segunda feira, dia 29 de abril, com muita chuva, pela tarde ficamos sem energia elétrica. Pouco antes das 17h00 meu filho, que estuda na Escola Nossa Senhora da Glória, ligou pedindo para buscar, pois a direção estava mandando as crianças para casa porque a água estava subindo demais. Trabalhamos aqui na loja eu, minha esposa e duas funcionárias, fechamos normalmente às 18h00. Mas estava escurecendo, sem energia, com a água subindo, falei para as funcionárias irem para casa e fechei a loja. Fomos buscar meu filho e seguimos para a Linha Rio Pequeno onde moramos.

Figura 36: fachada antes da enchente (abril de 2024)



Não estava preocupado com nada, inclusive meu carro estava com combustível na reserva, mas como estava chovendo muito, nem fui abastecer. Temos dois postos de combustível na cidade, deixei para abastecer no outro dia quando água tivesse baixado. De noite fomos dormir tranquilos, acordamos cedo na terça feira dia 30, às seis horas e estávamos sem energia elétrica em casa. O celular estava sem sinal de internet, não sabíamos o que estava acontecendo. Nos arrumamos como sempre para sair de casa às 7h30 para trabalhar na loja, são 7 quilômetros de distância até o centro. Quando estava tirando o carro da garagem, um vizinho, que trabalha em um mercado aqui no centro, estava voltando do meio do caminho avisando: “Não precisa nem sair de casa, não vai conseguir passar no rio”.

Não conseguia acreditar, mas ele disse que lugares na estrada que nunca pegaram enchente estavam bloqueados e que o centro de Sinimbu devia estar debaixo de água. Dali a pouco liguei para uma das funcionárias, a Carmen, que mora na rua principal da cidade. Ela disse que a rua principal não existia mais, o rio estava correndo pelo centro da cidade, possivelmente estava entrando água na loja. Não quis acreditar. Ali pelas 10h00 liguei de novo para a Carmen e ela disse que a água estava baixando. Como ela tem a chave foi abrir a loja pela porta dos fundos, que dá para o rio, e contou que tinha entrado um pouco de água sobre o assoalho dos fundos, que é mais baixo que o piso da loja.

Combinamos em descer de tarde para a cidade para fazermos juntos a limpeza da loja. Como também entrou água na casa dela, pois ela mora aqui na rua principal, disse para ela cuidar primeiro das coisas dela. Continuava chovendo forte e o casal vizinho saiu de novo

de casa para caminhar ao longo da estrada, ali pelas 14h00 voltaram e disseram que o centro de Sinimbu estava debaixo de água. “Está muito mais alto que pela manhã”. Eu não queria acreditar. Ali pelas 16h00 liguei de novo para Carmen e ela ficou sem jeito de falar comigo. Mas depois disse: “Nós estamos aqui em cima na esquina do Paulo Rachor na lancheria, mais no alto, porque o rio está batendo a 30 cm do ar condicionado da loja”. Bateu aquele desespero.

Figura 37: interior da Loja Rachor (maio de 2024)



Pouco depois caiu o sinal do celular e ficamos sem contato com a cidade. São duas pontes para chegar em Sinimbu, as duas quebraram. Ficamos sem saber o que fazer em casa, pois eu, minha esposa, nosso filho, e do lado reside a minha sogra, estávamos ilhados ali na Linha Rio Pequeno. Ligamos o radinho de pilha e ouvimos a Prefeita relatando que a cidade tinha sido destruída, que não tinha mais farmácia, nem mercado, nenhum comércio. Ficamos todos desesperados, mas, passamos a noite. Na quarta-feira, dia primeiro de maio, sai para compras no mercadinho pois não sabíamos quanto tempo ia durar aquela situação.

Na quinta-feira fui de novo no mercadinho e o dono estava conversando com os clientes, contando que o irmão dele tinha saído do Rio Pequeno no dia anterior subindo pelas estradas de terra entre as lavouras para chegar até a cidade de Boqueirão do Leão, lá no alto, e dali descer até Sinimbu. O irmão dele tinha feito um vídeo da cidade que estava circulando nas redes sociais, mas ele não quis me mostrar para não chocar. Pela tarde fui com um grupo de voluntários que saiu do Rio Pequeno para fazer uma passagem provisória para pedestres com tábuas sobre a primeira ponte. Tinha subido um pessoal da cidade que fez o mesmo na segunda ponte e conseguiu chegar a pé até aqui perto.

Na sexta-feira, dia 3 de maio, saímos pela manhã em grupo dos moradores de Rio Pequeno que trabalham no centro para descer a pé até Sinimbu. Caminhamos os 7 quilômetros com muita destruição

ao longo do caminho, com casas destruídas, as lavouras se perderam. Estava com o coração apertado, olhei pela vitrine de nossa loja e vi os móveis derrubados, lama por cima de tudo, não conseguia abrir a porta da frente. Nesse meio tempo meu irmão que mora em Santa Cruz do Sul já tinha visto os vídeos que circulavam pelas redes sociais e organizou um caminhão para vir até a cidade me ajudar na limpeza, trazendo voluntários, pessoas que a gente nem conhecia.

Tivemos que entrar na loja pelos fundos, com tudo revirado, jogado no chão, computadores, máquinas de bordado, a mercadoria pelo chão coberta de lama. Na sexta feira limpamos o dia todo, selecionando os tecidos e peças de roupa que ainda poderiam ser lavadas. Foram três cargas de caminhão ao longo do final de semana que desceram para Santa Cruz, descarregaram os tecidos e peças de roupa na casa de meus primos que com dois lava-jato fizeram a primeira limpeza da lama grossa. Depois tivemos uma parceria com a empresa EcoLav que utilizou suas lavadoras no período da noite para limpar as peças e mandar aquelas que podiam ser salvas de volta para recompor nosso estoque.

Como não tinha energia elétrica o grupo combinou que voltaria para casa no Rio Pequeno a pé no final da tarde, antes de escurecer. No sábado fizemos o mesmo trajeto de novo de ida e volta para continuar a limpeza. Nesse meio tempo corria a notícia que tinham aberto um caminho para chegar de carro até Boqueirão do Leão, dando a volta por cima do cerro. Aí decidimos sair de casa no domingo, dia 5

de maio, pois ficar sem luz, sem água, sem internet no Rio Pequeno, sabendo que as pontes levariam muito tempo para serem reconstruídas, não era uma opção. Um vizinho, que é vereador do município, conhecia o caminho e pedimos para ele nos acompanhar para descer até Santa Cruz. Minha sogra inicialmente não queria sair de casa, mas ela não podia ficar sozinha e acabamos convencendo a todos.

Figura 38: estoque retirado para recolhimento (maio de 2024)



Carregamos o essencial e em cinco pessoas no carro, no domingo de tarde, saímos de Rio Pequeno. Saímos pela Cava Funda,

Linha Almeida, Linha Estância Schmidt até Boqueirão do Leão, tudo em estrada de terra, sem sinalização, tivemos que parar para pedir orientação. Com o excesso de chuva encontramos vários barrancos desmoronados, os agricultores estavam usando seus tratores para abrir caminho e puxar os carros atolados. Demos uma volta de quase 70 quilômetros, em mais de quatro horas, para ao final chegarmos a poucos metros aqui nos fundos da minha casa no Rio Pequeno e deixar nosso guia que voltou o último trecho a pé, mas não tinha outro jeito. De lá seguimos pela Linha Alto da Boa Vista até chegarmos em Santa Cruz.

Ficamos dois meses abrigados em Santa Cruz na casa de meus pais. Minha sogra não queira ficar longe da casa dela e retornou ao Rio Pequeno depois de duas semanas. Todo dia eu subia de carro com meu filho para fazermos a limpeza, tinha muito voluntário ajudando na cidade. Fazíamos a triagem do que ia saindo da loja, o entulho foi se acumulando na rua, os soldados passavam com caminhão para levar tudo. Começamos a reforma com um pedreiro, refizemos as janelas e o assoalho. Alguns poucos moveis conseguimos salvar. Fizemos a primeira pintura, mas pelo excesso de umidade na parede a tinta não fixou e escorreu até o chão. Tivemos que esperar mais tempo para secar as paredes e então fizemos uma segunda pintura.

Vimos que a recolocação dos postes de energia ia demorar, as pontes iam demorar ainda mais e que não havia segurança em que poderíamos em breve voltar a morar em Rio Pequeno e ter um acesso

garantido até a loja. Vai que dá uma nuvem escura, chove de novo, ficamos ilhados e eu fico do lado de cá do rio e não consigo voltar para casa? Assim, resolvemos alugar um pequeno apartamento aqui na cidade e sair da casa de meus pais em Santa Cruz, evitando aquele trânsito diário de ir e vir até Sinimbu. Ficamos mais perto da escola para meu filho e com mais facilidade de acesso à loja para minha esposa. Tivemos que mobiliar o apartamento, até hoje estamos morando aqui perto do centro. De tempos em tempos vou até Rio Pequeno para olhar nossa casa.

Reabrimos nosso comércio dia 21 de junho, quase dois meses após a enchente. Somando tudo nosso prejuízo deve ter sido de R\$ 400 mil. Nas primeiras semanas a loja estava apenas parcialmente recomposta, vendendo as peças que foram salvas da enchente com desconto. Fomos colocando um novo balcão, recebemos doação de expositores dos fornecedores. Os fornecedores foram muito compreensivos, deram mais prazo, alguns trouxeram mercadoria com desconto. Fiz um financiamento com o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte pela agência da cooperativa de crédito Sicredi. A Associação Comercial e Industrial (CACIS) recebeu recursos da Federação do Comércio e nos doou o computador e os móveis do escritório, e vem realizando seminários e cursos para manter a motivação. Não tivemos acesso nem ao auxílio pessoal do governo federal, porque nossa casa não foi atingida, nem o recurso do governo estadual, pois não estamos Cadúnico.

O ponto da loja é excelente, no centro da cidade, na rua principal do comércio, ao lado da ponte que liga as duas partes do vale. O prédio não é nosso, é alugado, mas fica no barranco do rio. Mas não tem para onde ir, não temos outra opção, a cidade é pequena e não vou encontrar outro ponto como esse. A loja voltou a funcionar, mas o faturamento ainda não está no mesmo nível que antes da enchente. Diversos clientes que vinham quase todo mês não estão mais comprando aqui, imagino que para aquelas famílias que moram em locais mais remotos tem sido mais fácil ir no comércio de Boqueirão do Leão ou de Herveiras, porque praticamente todas as pontes de Sinimbu foram destruídas.

Se tivermos outro desastre como este de 2024, vai destruir de novo, porque continuamos em situação vulnerável na cidade. Estamos nos reerguendo porque os comerciantes meteram a cara, pegaram financiamento e resolvemos reiniciar. Não tivemos apoio por parte da administração municipal, nem neste governo, nem no governo passado. A Prefeitura tem deixado a desejar. A CACIS é que tem sido muito ativa e se esforça para reerguer o comércio. Mas o que podemos esperar da Prefeitura? Ela foi atingida, o prédio deles fica no barranco do rio, o piso térreo não foi reestabelecido até hoje. Nós tínhamos seguro na loja, mas este cobre apenas dano pela água se for chuva com destelhamento, água que sobe por debaixo e alaga o prédio não tem cobertura.

O que mudou desde o desastre foi minha postura em aceitar que podemos perder todo patrimônio da noite para o dia. Estou menos

preocupado em deixar uma conta bancária acumulada para meu filho e aproveitando mais meu tempo com ele e com a família. A gente não sabe o dia de amanhã, trabalhamos pesado por sete anos para montar nosso comércio e perdemos tudo em uma noite. Não adianta só trabalhar, trabalhar. Estou hoje aproveitando mais a vida, saímos mais para passeios em família, saímos para jantar fora, fazemos viagens. Depois da enchente estou aproveitando um dia após o outro, aproveitando mais a vida.

Figura 39: entulho na rua para remoção (maio de 2024)



CLAISI GOETZE BEHLING

Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora da Glória, moradora em Sinimbu
Registro em 18 fev. 2025

Nossa escola atende aproximadamente 500 crianças em Educação infantil e Ensino Fundamental, somos a maior escola do município de Sinimbu. Na segunda feira, dia 29 de abril, tivemos aula normal. Durante o dia estávamos recebendo notícias de Gramado Xavier de que estava chovendo muito, “vai dar enchente”. Terminamos as aulas mais cedo para que os alunos das comunidades rurais conseguissem chegar em casa. Mas, sete alunos não conseguiram retornar, os arroios já estavam transbordando e ocupando as estradas, nós ficamos aqui com eles. No começo da noite os pais conseguiram passar de trator e vieram buscar essas crianças. Fui para casa sem maiores preocupações, já tivemos enchentes antes e sabíamos como nos adaptar.

Mas no dia seguinte, terça feira dia 30 de abril, foi anunciado que as aulas seriam suspensas, pois o nível da água estava muito alto, os pais ou os ônibus escolares nem conseguiam transitar pelo interior. Eu morava ainda no Rio Pardinho naquela época, saí de casa pela manhã cedo e trouxe meus filhos para ficar com meus pais que moram em uma parte mais alta da cidade. Planejei passarmos o dia aqui em Sinimbu, esperando a água baixar, para não ficarmos isolados no Rio Pardinho. Tinha recentemente construído uma casa na Linha São João, fui até lá dar uma olhada e quando estava no trevo, na entrada da cida-

de, vi a cidade inundada. Era o início da enchente. Voltei para a casa dos meus pais, pois temos a experiência que a água sobe, mas seis horas depois da enchente a água baixa e vai desaguar lá no bairro Várzea em Santa Cruz do Sul. Na tarde sai de novo até o trevo da entrada da cidade e não consegui passar para chegar na minha casa, a água já tinha chegado até o asfalto e fechado a entrada da cidade, sabíamos que toda Sinimbu estava debaixo da água. Não tinha como ir a nenhum lugar conhecido. Ficamos sem luz, água, internet e não tínhamos como saber a situação aqui na cidade ou a proporção da enchente.

Na quarta-feira, dia primeiro de maio, pela tarde, pensei comigo que precisava ver a escola. Na quarta de tardinha ainda tinha água alta, fui até o trevo na entrada da cidade e um policial me questionou que não era seguro vir até a escola, pois a água estava subindo de novo. Eu disse que precisava só de cinco minutos para uma olhada rápida na escola. Consegui chegar até aqui, mas jamais imaginava que ia encontrar uma cena de guerra.

Eu tinha perdido minha roupa, tudo, só tinha aquele tênis, tirei o tênis e nem pensei no perigo, segui na lama até o joelho. Descalça vim até a porta da escola, mas não consegui entrar, porque os móveis tinham caído pela sala e bloqueavam a entrada. Pelo vidro visualizei as mesas compridas do refeitório penduradas na cerca, lama para todos os lados. Dava para ver a diferença, o Rio Pardinho alagou a parte da frente da escola, trazendo lama, enquanto a parte detrás foi alagada pelo Arroio São João que não tinha muita lama, mas entulhos. Dei

apenas uma rápida volta pela cidade, porque a água já estava subindo de novo, a cidade toda tomada de lama, uma destruição, uma cena de guerra. Na cidade, rua principal, todas as casas e comércio foram atingidos.

Figura 40: laboratório de informática pós-enchente (maio de 2024)



Na quinta feira voltei para minha casa no Rio Pardinho que também foi tomada pela água, fizemos a limpeza lá, jogamos quase tudo fora. Muita tristeza, nossa história virando um monte de lixo, o que mais me fez sofrer, é ver todo o trabalho de anos para construir um espaço para a família estar destruído.

Na sexta-feira, dia 3 de maio, começamos a limpeza aqui na escola. Foi dolorido finalmente entrar e ver tudo destruído, me emocionou ainda hoje. Sou diretora a sete anos, é uma escola municipal e tudo sempre foi difícil equipar a escola. A gente tem muito amor por este lugar. Cada móvel, cada equipamento, tudo foi conquistado com muito esforço da equipe e com ajuda dos pais, o Círculo de Pais e Mestres, que é muito atuante e sempre ajudou muito. Os equipamentos da escola foram todos destruídos. E ao mesmo tempo que estávamos limpando a escola, tínhamos a preocupação em saber como estavam nossos estudantes e suas famílias, não tínhamos notícias. Foram dias difíceis, mas de muita união e solidariedade.

Figura 41: reforma de piso histórico (maio de 2024)



O prédio é amplo e espaçoso, construído nos anos 1950 pela Ordem de Freiras Franciscanas, aqui funcionava escola, colégio, cur-

sos profissionalizantes, esta escola tem história e identidade. A água chegou a mais de 2 metros de altura em alguns locais do educandário. Perdemos no andar térreo todos os computadores, laboratório de informática, a biblioteca com mais de 10 mil livros que tínhamos recém cadastrados, tudo jogado fora.

Cinco salas de educação infantil com todos os brinquedos e móveis se perderam. Nas demais salas onde os alunos e os professores tinham seu material, também foi perdido. A secretaria, a Direção e os arquivos da escola se perderam. Os registros mais antigos em papel estavam arquivados no segundo andar e foram preservados, mas os processos e arquivos mais recentes se perderam. Agora a secretaria está funcionando sem papel, todos procedimentos acontecem online no sistema em ambiente virtual.

Figura 42: sala de educação infantil (maio de 2024)



No primeiro momento diversas organizações recolheram os computadores, deixaram secar e consertaram o que era possível. Mas, com o tempo eles foram falhando e tivemos que dar baixa também. Tínhamos ganho um lote de notebooks da prefeitura, perdemos todos. Esse prédio antigo tinha assoalho de parquet que teve que ser arrancado e substituído por piso frio. As salas de aula têm piso de taboão de madeira que incharam com a água, tiveram que ser consertadas e lixadas. Os móveis de MDF se perderam todos. A cozinha também foi atingida, perdemos diversos equipamentos.

Figura 43: voluntários na limpeza (junho de 2024)



No sábado dia 4 de maio, pela manhã, pararam três ônibus de voluntários de diversos lugares na praça, na frente da escola. Não precisava de tanta gente aqui na escola, assim uma parte dos voluntários se uniu aos nossos funcionários, os demais seguiram para a cidade.

Mais de cem pessoas estavam no sábado trabalhando retirando a lama, empilhando o entulho na rua, arrancando o parquet. Depois disso passamos mais vinte dias lavando as paredes no piso térreo, aplicando material de limpeza para tirar o cheiro, arejando e secando as salas. Aqui da cidade, e de todo o Brasil, tínhamos muitos voluntários. As empresas maiores da região liberaram os funcionários para ajudar, muito importante porque quem está aqui e viveu tudo aquilo perde as forças, a vinda de pessoas de fora foi muito importante para reanimar a esperança.

Figura 44: material pedagógico na rua (maio de 2024)



Não sei como as pessoas conseguiram meu whats, mas recebemos doações de todo o país, dos EUA, de Dubai, da Alemanha, de

diversos países. O Grupo do Bem de Santa Cruz do Sul adotou a escola, doou as cerâmicas para o piso e as tintas, além de muitos outros materiais, do presídio vieram os funcionários para pintar as paredes, o que levou duas semanas. Recebemos um valor em dinheiro através de doações de pix, além de muitas doações em materiais e móveis. Fiz uma lista dos materiais mais importantes necessários, buscava três orçamentos, quando vinha a oferta de doação eu enviava os orçamentos para as pessoas efetuarem a compra diretamente.

Figura 45: soldados limpando ginásio de esportes (junho de 2024)



Recebemos doações de computadores, notebooks, televisão, móveis, brinquedos, material escolar, entre outros. Temos muitas histórias lindas para contar, por exemplo, uma senhora em São Paulo comemorou o aniversário e pediu aos amigos o valor dos presentes em doação e arrecadou R\$ 35 mil que foram utilizados por um conhecido

em Santa Cruz para comprar material que precisávamos. Outro exemplo, uma empresa do Paraná fez a doação de muitos dos móveis para equipar as salas de aula. E dessa forma, muitas empresas e pessoas físicas nos ajudaram a reerguer. Somos eternamente gratos por toda a ajuda recebida.

Eu nem sabia de onde vinham tantos anjos da guarda, porque às vezes eu entrava na escola e identificava algo que precisávamos, em pouco tempo recebia uma oferta de ajuda e assim podia solicitar aquele item. Um dos fatos mais incríveis foi que estávamos terminando de limpar a escola para iniciar as aulas, mas, ainda faltava lavar o pátio externo, pois estamos com falta de água e não sabíamos como proceder, parou um caminhão-tanque na frente da escola, era uma equipe de voluntários de uma igreja que ajudaram a lavar o pátio para aprontar a escola. Então, Deus nunca nos abandonou, esteve presente em cada momento e nos enviou muitos anjos para ajudar.

A jornada de limpeza durou 45 dias, até que retomamos as aulas. Nesse período as crianças estavam em casa, a maioria sem acesso à cidade porque as estradas, ou a ponte-pênsil que conecta muitas famílias sobre o rio, tinham sido destruídas. Muitas famílias do interior estavam sem comunicação, sem luz, sem internet, e não imaginavam a situação de destruição que estava na cidade. Vimos quando voltaram a funcionar as redes sociais, os moradores questionando: “Porque não tem ônibus circulando?”, “Precisamos ir a Sinimbu fazer compras”, eles não sabiam que não tinha mais mercados funcionando, não tinha

como comprar alimento. Por isso foi muito importante a doação de alimentos que vieram de fora por meio de helicópteros que saíam de Santa Cruz ou Santa Maria. Mesmo quem não teve sua casa invadida pela água ficou sem alimentos, tanto na cidade, quanto no interior.

Após quase um ano, vemos muitas crianças na nossa escola que estão traumatizadas. Começa a chover tem criança que começa a chorar, fica com medo da enchente. Por exemplo, ontem choveu forte e diversos alunos nem vieram assistir aula, porque os pais estavam preocupados se iriam conseguir retornar para casa. Mesmo depois de retomar as aulas no ano passado, após a enchente, muitos alunos continuaram sem assistir aula, porque não tinham acesso sobre os arroios para chegar na cidade. Essas crianças receberam seus trabalhos para fazer em casa, quando possível enviamos material impresso através dos pais que tinham vindo até a cidade. Conseguimos recuperar o ano letivo com trabalhos à distância, mas, mesmo assim o aluno sai com prejuízo, sabemos disso.

Nossa escola conseguiu retomar as aulas em 45 dias e voltar a funcionar porque recebemos doações e ajuda externa. Se dependêssemos apenas dos recursos municipais não seria possível nesse prazo, porque o serviço público tem que seguir muitas regras, muitos prazos, que limitam a capacidade de resposta. Por enquanto, se acontecer outra inundação destas nosso município não está preparado para responder melhor. O rio ficou raso, porque está cheio de entulho, precisa muito menos chuva para termos uma próxima inundação. A gente vê o

esforço da administração municipal para a reconstrução, e as dificuldades que enfrentam, mas somos um município pequeno. Além das pontes maiores que precisam de reconstrução, muitas famílias moram em locais isolados que só tem acesso para pedestre através de ponte-pênsil, que também foram destruídas. Um desafio imenso.

Uma coisa que ficou muito forte são as imagens de estarmos aqui em nossa cidade e de uma hora para outra tínhamos helicópteros sobrevoando do vale, tanques e caminhões do exército subindo as ruas, pareciam cenas de guerra que nunca tínhamos visto. Eles estavam aqui nos ajudando, mas ver aquela cena com aquelas máquinas todas em movimento foi impactante, só em filme, foi muito forte.

Mas outra coisa que marcou muito foi a experiência da solidariedade das pessoas. Isso é algo assim impressionante, o quanto um ajudou o outro. As pessoas terminavam de limpar a casa delas e vinham ajudar na limpeza de outra casa. Nosso grupo experimentou a união, nossos funcionários ou os pais poderiam ter dito: “Isso não é minha função” e não fazer nada, mas não foi o que aconteceu, o que vimos foi todos ajudando.

A maior lição que fica é que em frente a uma situação destas, somos todos iguais, todos precisamos um do outro e somente com ajuda mútua, solidariedade, fé e muito amor é possível superar tamanha dor. Os traumas ficam, mas as lições também.

Figura 46: danos na cozinha (maio de 2024)



Figura 47: danos na secretaria (maio de 2024)



FERNANDO MENTZ HENNIG

Administrador, empreendedor, balonista, proprietário da cafeteria
Kaffeehaus, residente em Sinimbu
Registro em 14 de março de 2025

Eu convivo com Sinimbu desde que nasci, minha família é daqui, onde meu bisavô iniciou sua carreira de empresário do tabaco e nós tínhamos uma propriedade rural. Depois de circular por algumas cidades do interior, porque meu pai era médico, quando eu tinha 4 anos fomos morar em Porto Alegre, mas minha família foi proprietária de um clube em Sinimbu com campo de futebol, piscina, arroio. Eu tive férias maravilhosas aqui com tudo que uma criança pode querer, a gente vinha de Porto Alegre passava rapidamente em Santa Cruz do Sul para ver meus avós, depois a família vinha direto para passar a temporada em Sinimbu. Eram os anos 1950, uma cidade muito agradável, tinha cinema naquele tempo, o centro era atrativo e muito seguro. Naquela época a cidade tinha uma vida própria, vivia em função de si mesma, hoje com a facilidade de deslocamento para Santa Cruz do Sul e a diferença que foi crescendo entre as duas cidades, hoje a vida econômica e o lazer daqui é mais em função de Santa Cruz.

Ainda hoje Sinimbu tem um conforto e um sossego que é impagável. A gente morava em Porto Alegre, mas eu viajei muito a São Paulo pelo trabalho, minha ex-esposa era do Rio de Janeiro, a gente conheceu muita coisa naquele eixo econômico, mas a qualidade de vida em Sinimbu é inigualável. A casa na qual moro e trabalho é muito

confortável, foi adquirida e reformada a primeira parte por meu bisavô como anexo ao ponto de secos e molhados e ao entreposto do comércio de fumo e de pedras, depois foi ampliada pelo meu avô, temos uma floresta nos fundos com nascente própria. Temos um apartamento no térreo para alugar pelo Airbnb, do lado fica a cafeteria, às vezes passo o dia inteiro ocupado somente aqui na nossa propriedade, trabalhando no computador, faço manutenção do perfil “Sinimbu antigo” no Face, é muito agradável a vida aqui como aposentado.

Mas, nunca tinha visto uma enchente como em abril de 2024. Vi algumas enchentes onde a água chegava um pouco acima da ponte que cruza o Arroio São João, essa primeira ponte aqui na frente na entrada da cidade. Lembro somente de uma vez que a água esteve tão alta naquela ponte que não consegui chegar na cidade, alagou imóveis que tinham fundos para o rio, mas só assim de molhar o piso. Essa enchente do ano passado foi fora dos padrões que conhecíamos. Chovia, chovia todo fim de semana e percebemos que a quantidade de água seria muito grande, pelo whats trocamos mensagens alertando os moradores e ficamos de olho no rio, era uma chuva forte. Nós sabemos que as cabeceiras dos rios ficam em uma região muito alta, a ponta extrema do município chega a 650 metros de altitude sobre o nível do mar, ou seja, a água desce com muita velocidade.

Na terça de manhã, dia 30 de abril, acordei e fui olhar o arroio. A água já tinha chegado na ponte e não dava mais passagem. Tinha muita gente ali parada, preocupados com os familiares, com o imóvel,

com o comércio do outro lado sem ter notícia. Tinha uma longa fila de carros vindos de Santa Cruz que não conseguiam mais chegar na cidade, estacionando à beira da estrada a perder de vista. Nós começamos a tirar as coisas do café para a parte alta da casa, arrumamos dois ajudantes para acelerar e salvamos a maioria das coisas do café. Dois dias depois, quando a estrada para Santa Cruz estava liberada, nós íamos até lá para comprar mantimentos, mandar e receber notícias e abastecer o carro que estacionamos na parte alta da estrada aqui do lado. Passávamos a noite e voltávamos, e assim foi por quatro dias.

Uma pessoa trouxe um barco a remo e motor de popa para tentar a travessia, mas a correnteza do Arroio São João estava forte levando o bote em direção ao rio Pardinho. O rio estava subindo muito rápido, na cidade as pessoas estavam subindo no telhado para se salvar. Como o rio estava muito cheio, a água que descia pelo arroio não conseguiu avançar e fez uma curva, subindo aqui no morro na frente de nossa casa e entrou pela rampa alagando nosso café. Já estávamos a mais dias sem luz e sem energia elétrica, tínhamos água potável porque temos a nascente nos fundos, mas não tínhamos acesso à internet e os familiares em outras cidades preocupados querendo notícia. Eram 18h00, foi escurecendo e ficamos à luz de velas.

Na quarta feira ficamos ilhados aqui, porque não tinha travessia para Sinimbu, e a estrada para Santa Cruz estava alagada. A partir da quinta feira passávamos o dia aqui, quando baixou a água voltávamos para Santa Cruz para o pernoite, retornando no dia seguinte. Aqui fi-

cou um cenário de guerra, surreal. Porque a estrada aqui na frente é o acesso da cidade, nunca vimos a cidade com tanta gente, eram caminhões de ajuda humanitária, veículos do exército e dos bombeiros, aviões e helicópteros sobrevoando, voluntários de todos os lados. Ninguém passou fome porque tinha várias barracas pela cidade com voluntários distribuindo marmitas e água potável, no salão da Igreja Evangélica Luterana foi montado um centro de distribuição de cestas básicas, roupas, móveis e utensílios. Por uns dois meses teve famílias que receberam mais do necessitavam, muitos voluntários vieram ajudar na limpeza, a cidade se viu acolhida o que reduziu um pouco o sofrimento pelo desastre.

Por conta de meu vínculo com o Rotary Clube nosso galpão se tornou um entreposto de doações enviados por Rotary de muitos outros lugares. Veio muita doação de Santa Catarina, do Paraná, muita água potável. Teve uma escola que recebeu um telhado novo, está hoje melhor que antes da enchente. Para fazer uma entrega criteriosa, quando vinha uma família pedir cesta básica ou um fogão, a gente ligava para algum vizinho de confiança e confirmava a informação do dano antes de fazer a doação no dia seguinte. Lamentavelmente teve saque no comércio do centro, teve gente que veio com a camionete somente para entrar nas lojas, nas joalherias, para saquear o que conseguisse carregar. Por outro lado, teve famílias humildes às quais oferecemos doações e eles diziam que não precisavam de móveis, apenas uma cesta básica para levar no vizinho que mora mais longe. Um desastre como este revela tanto o melhor, como o pior, do ser humano.

Depois foi diminuindo o trânsito de pessoas e a ajuda, voltou o cotidiano e teve comércio que levou três meses para se restabelecer. Todas lojas e bancos da rua principal que tinham parede de vidro sofreram danos, porque um metro cúbico de água pesa uma tonelada, imagina o peso e a força que a água do rio aplicou nas vidraças. Algumas lojas e agências de banco foram transferidas para salas comerciais na rua de cima, em novo endereço, onde a água não chega. O rio Pardinho agora está muito mais largo, os barrancos cederam, alguns imóveis perderam metade da sua extensão para o rio, os imóveis ribeirinhos perderam valor. Fica a pergunta: “Vai acontecer de novo? Vale a pena investir na cidade? Vale a pena ficar aqui?”. O estrago foi também de imagem e de perspectivas.

Sobre desastres anteriores tenho informação de leituras ou de história oral. O desastre mais falado é o de 1919, quando foram perdidas várias vidas. Em matérias de jornal estão registradas como muito fortes, primeiro a enchente de 1941, depois as de 1959, 1974 e 1984.

Quanto ao desafio da reconstrução, um exemplo da fábrica de cerveja artesanal: o empresário perdeu só o estoque, a fábrica não foi atingida. Se tivesse atingido toda a instalação, será que ele ainda estaria aqui? As fábricas de bolsas e a de sapatos, ambas na beira do rio, foram totalmente destruídas. Somente a fábrica de sapatos está sendo restabelecida e contratando novamente mão-de-obra local pois presta serviços para a empresa Beira Rio, do município de Santa Clara do Sul, que está ajudando na reconstrução. Produzir aqui em Sinimbu

fica caro, o mercado consumidor local é pequeno, a renda do município depende muito da lavoura do tabaco, o que não atrai turistas. A paisagem de Sinimbu é muito bonita, temos belezas naturais, mas não temos atrações para fomentar o turismo, o que limita a reconstrução da cidade.

Sinimbu não está preparada para um próximo desastre, vai ser necessária muita ajuda de fora. A construção de diques ou barragens de contenções é muito caro, não acredito que vai ser feito. Hoje o que está sendo feito é remediar o estrago. A reconstrução depende também de que a cidade tenha uma vida própria, gerar mais recursos públicos que possam financiar a estrutura necessária para prevenção. Mas, você fala com os jovens e muitos tem restrição em ficar por aqui, o interior lamentavelmente é muito isolado. O interior tinha 28 salões de baile, uma das poucas opções de lazer, mas após o incêndio da boate Kiss em Santa Maria o corpo de bombeiros estabeleceu regras muito rígidas de funcionamento, a maioria dos estabelecimentos não conseguiu se adequar e hoje temos somente dois salões de baile no interior. As escolas rurais estão fechando, é mais barato para o setor público transportar os alunos das comunidades rurais até as escolas no centro da cidade. Já teve gente comentando que a emancipação foi um erro. Acho maravilhoso morar aqui, mas me parece que a gurizada pouco se entusiasma em ficar no município, seria necessário um plano de futuro. Temos que aproveitar essa proximidade com Santa Cruz, que é uma cidade muito rica, para nos gerar renda. Trazer os moradores das cidades próximas para consumir aqui.

ZONA III – BAIXO RIO PARDINHO: RIO E REGIÃO DE MEANDROS (área de deposição)

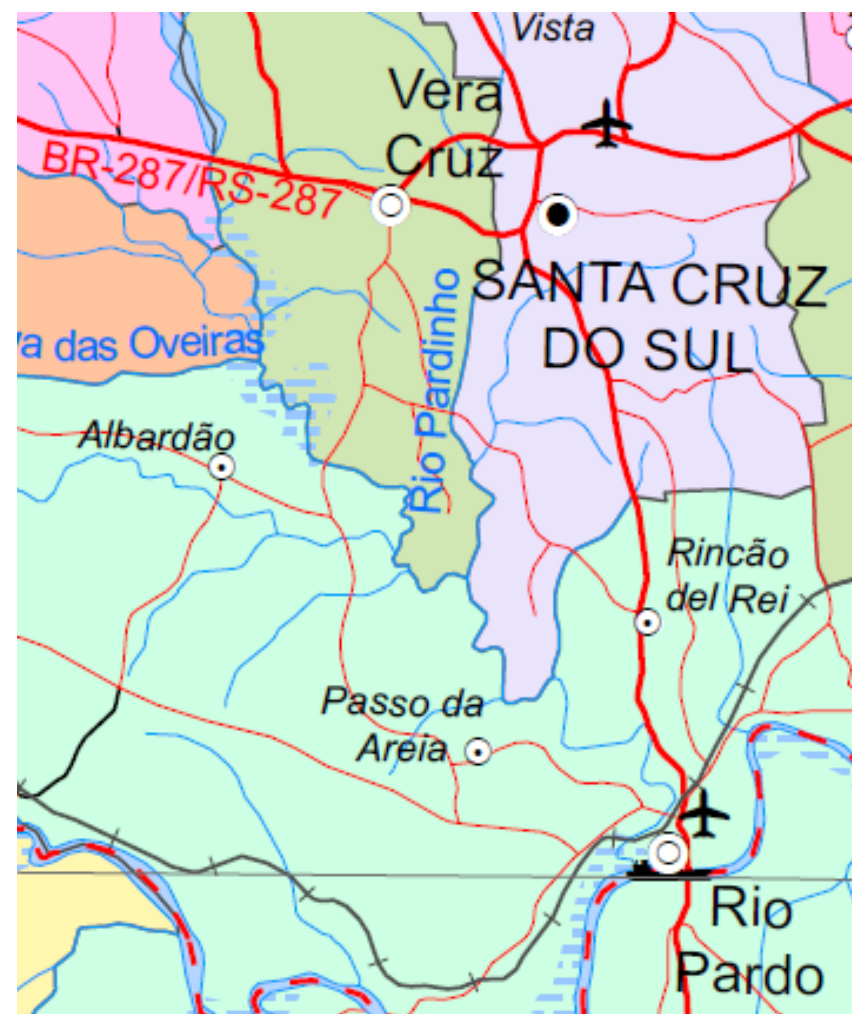
O Baixo Rio Pardinho (290,9 km²) está situado entre a ponte da RSC-287 e a sua foz no rio Pardo. A área apresenta formato irregular (16 km de comprimento e 13 km largura). Nesta zona o único afluente de porte do rio Pardinho é o arroio Andréas.

Ecossistema do rio: está situado na unidade morfológica da Depressão Central, com altitudes inferiores a 60 m e declividade média da ordem de 0,8 m/km. Planície de inundação, sobre a qual se encontram campos secos e úmidos nos vales, com vegetação de banhados e florestas densas nas escarpas da Encosta da Serra e junto aos corpos de água.

Conta com duas sedes municipais (Santa Cruz do Sul e Vera Cruz). Predomina a população urbana, sendo a densidade demográfica de 300,5 hab./km². A atividade industrial é expressiva, contando-se com indústrias de beneficiamento de fumo, vestuário, alimentação, bebidas e lapidação. A economia local baseia-se nas atividades urbanas (serviços) e industriais, no cultivo de arroz irrigado e criação animal (suínos e aves).

Os efluentes e resíduos são de origem urbana (esgotos domésticos e efluentes industriais) e rural (efluentes de lavouras de arroz, de soja e resíduos fecais animais) (Kotzian; Pereira; Marques, 2003).

Figura 48: mapa do baixo Rio Pardinho



Fonte: extrato de IBGE (2015).

ARMINDO KAPPEL

Agricultor familiar, presidente da Associação Pro-Desenvolvimento Agropecuário e Industrial de Rio Pardinho, presidente da Paroquia Evangélica de Confissão Luterana de Rio Pardinho
Registro em 4 de junho de 2025

O avô de minha esposa Doralice Kappel construiu a casa na várzea, não tem uma encosta, mas ele manteve distância de uns 50 metros da marca até onde chegou a enchente de 1919 e também da marca de onde chegou a água na enchente de 1941. Ali fica hoje o galinheiro. Além dessa distância, a casa foi construída em cima de fundamento ficando o assoalho um metro acima do solo, com os fundos dando para a várzea do rio a uns 2 quilômetros de distância.

Somos a terceira geração morando na casa e a água nunca entrou, meu sogro sempre dizia que ali a gente não precisava se preocupar com enchente. E dessa vez a água entrou por debaixo da porta da cozinha e cobriu o assoalho, por pouco não subiu os dois degraus e teria entrado na sala. Não sabemos o que tinha nessa água pois as fruteiras estão morrendo. Temos um pomar ao lado da casa e também muitas fruteiras plantadas pelo antigos ao longo do rio, que sempre se recuperaram das enchentes. Mas desta vez foi diferente, as árvores frutíferas estão morrendo aos poucos, pêssego, laranja, limão, ameixas, estão morrendo. Eu tinha plantando umas vinte mudas de abacate, perdemos tudo.

Temos dois filhos, ambos formados pela Unisc, um é engenheiro ambiental, o outro é engenheiro agrícola, eles não moram mais aqui

conosco, somos minha esposa e eu. Na terça feira dia 30 de abril me sentia tranquilo apesar da chuva forte. Estava tirando um cochilo depois do almoço, quando minha esposa chamou para recolher os ovos porque estava entrando água no galinheiro. Num primeiro momento não acreditei, coloquei as botas e fui buscar os ovos. A água estava subindo, cobriu minhas botas e por prevenção soltei as galinhas.

Já temos o hábito de recolher o gado quando começa uma enchente e levar para a parte mais alta ao redor da casa. Estávamos com 18 cabeças de gado de corte no pasto, comecei a ficar assustado com a água que não parava de subir, trouxe o rebanho para o galpão nos fundos da casa. Mas, a água não parava de subir, chegou no joelho dos animais. Decidi abrir o portão lateral do galpão e o portão da frente da propriedade, assim o gado poderia subir até a estrada RSC 471. Como os trechos baixos da estrada estavam cobertos de água, não tinha trânsito e os animais não estavam em perigo na estrada. Estava mexendo no portão e ouvi por trás de mim um barulho, me virei e uma vaca em pânico pulou o cercado, caiu na água e os demais animais seguiram atrás. Duas vacas foram levadas pela correnteza, uma foi encontrada 14 dias depois debilitada, quase não conseguia caminhar, por vizinhos que foram pescar um quilometro abaixo no rio, a outra perdemos.

No final da tarde minha esposa decidiu tentar salvar as galinhas, várias delas estavam se afogando, ao descer os degraus da cozinha ao pátio a água estava batendo quase nos ombros dela. Em um momento ela tropeçou e caiu dentro da água. Conseguimos salvar algumas galinhas que a correnteza não levou, mas quando baixou a água recolhemos 57 galinhas mortas pelo pasto.

Tenho três hectares de lavoura ao longo da beira do rio que estão cobertos de troncos e galhadas que o rio trouxe das partes altas, é muita madeira, ainda não sei como fazer para limpar aquele trecho. Recebi doação de 15 horas-máquina do governo estadual para reabrir as valetas de drenagem na várzea, mas foi difícil o trabalho da máquina por causa do lodo que cobre as terras mais baixas, o trator fica atolado muitas vezes e o trabalho não rende.

Recebemos visita dos técnicos do Senar que vieram fazer diagnóstico do solo e nos deram orientações sobre adubação e calcário para recuperar as lavouras. O Senar ainda doou sementes de milho que plantamos no final de 2024 e estamos colhendo agora para fazer silagem. Além disso, ajudaram a fazer uma estimativa das minhas perdas, um primeiro cálculo foi de R\$ 200 mil em danos imediatos, sem calcular os prejuízos ao longo do tempo com perda de solo, queda da produtividade das novas safras ou o custo para recuperar outras lavouras. O custo de produção para recuperar um hectare de terra na várzea equivale à produção em dez hectares. Mas, a safra de milho desse ano não está produzindo nem a metade do que estávamos acostumados.

Temos que agradecer a todos os brasileiros que não conhecemos, mas que ajudaram nosso distrito após a enchente. Mandaram três carretas de doações, entre roupas, móveis e água potável, que recebemos no salão da igreja e distribuímos para as famílias mais vulneráveis que perderam suas casas na beira do rio.

Aqui ao lado de minha propriedade tem uma barreira, uma linha de 300 metros de largura de eucalipto plantado. Aprendemos que não

devem ser plantadas barreiras de eucalipto na várzea. Elas funcionam como um filtro, seguram o entulho que o rio traz de Sinimbu formando uma barragem que retém a água. Veja quanta mata tem aqui ao redor, temos que manter as matas em pé para deixar a água do rio passar na enchente e para infiltrar a água no solo como já diziam os antigos.

Figura 49: várzea do Rio Pardinho pós-enchente (maio de 2024)



Para a reconstrução, os técnicos devem ouvir mais os antigos aqui da região, somos agricultores e respeitamos quem tem diploma universitário, mas nosso conhecimento também deve ser respeitado.

O leito do rio Pardinho está assoreado. Qualquer chuva mais forte vamos ter nova enchente, porque o leito do rio está entulhado. Na beira do rio tem que deixar as árvores se recuperarem, tem que voltar a ter uma mata ciliar. Mas, não pode deixar árvores muito altas, as grandes devem ser podadas ou retiradas, pois na enchente elas caem. Não pode deixar fechar com árvores muito grandes, se tiver nova enchente com 5 ou 6 metros de água, elas vão embora. As árvores pequenas se dobram e voltam a ficar em pé, elas seguram as margens.

Figura 50: várzea do Rio Pardinho pós-enchente (maio de 2024)

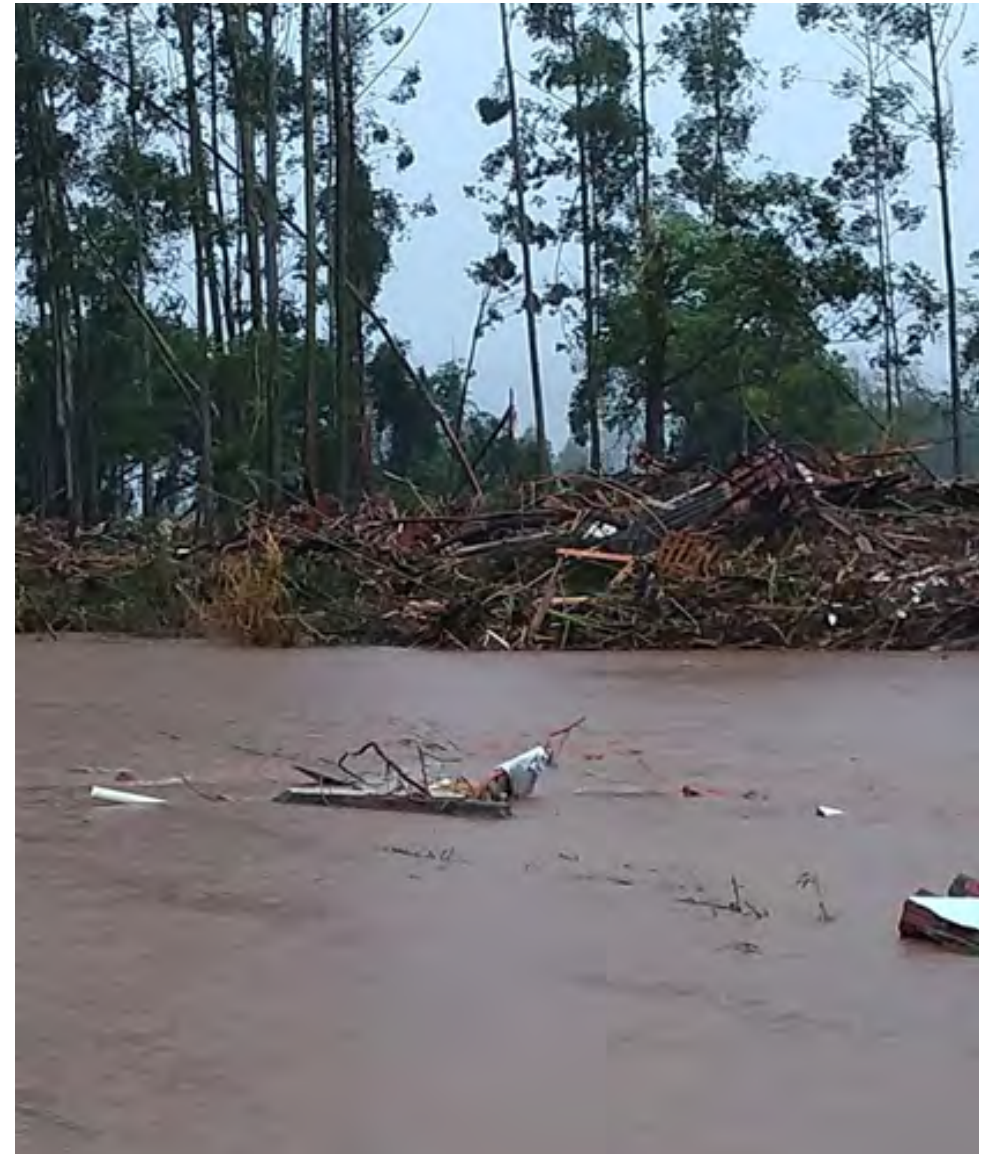
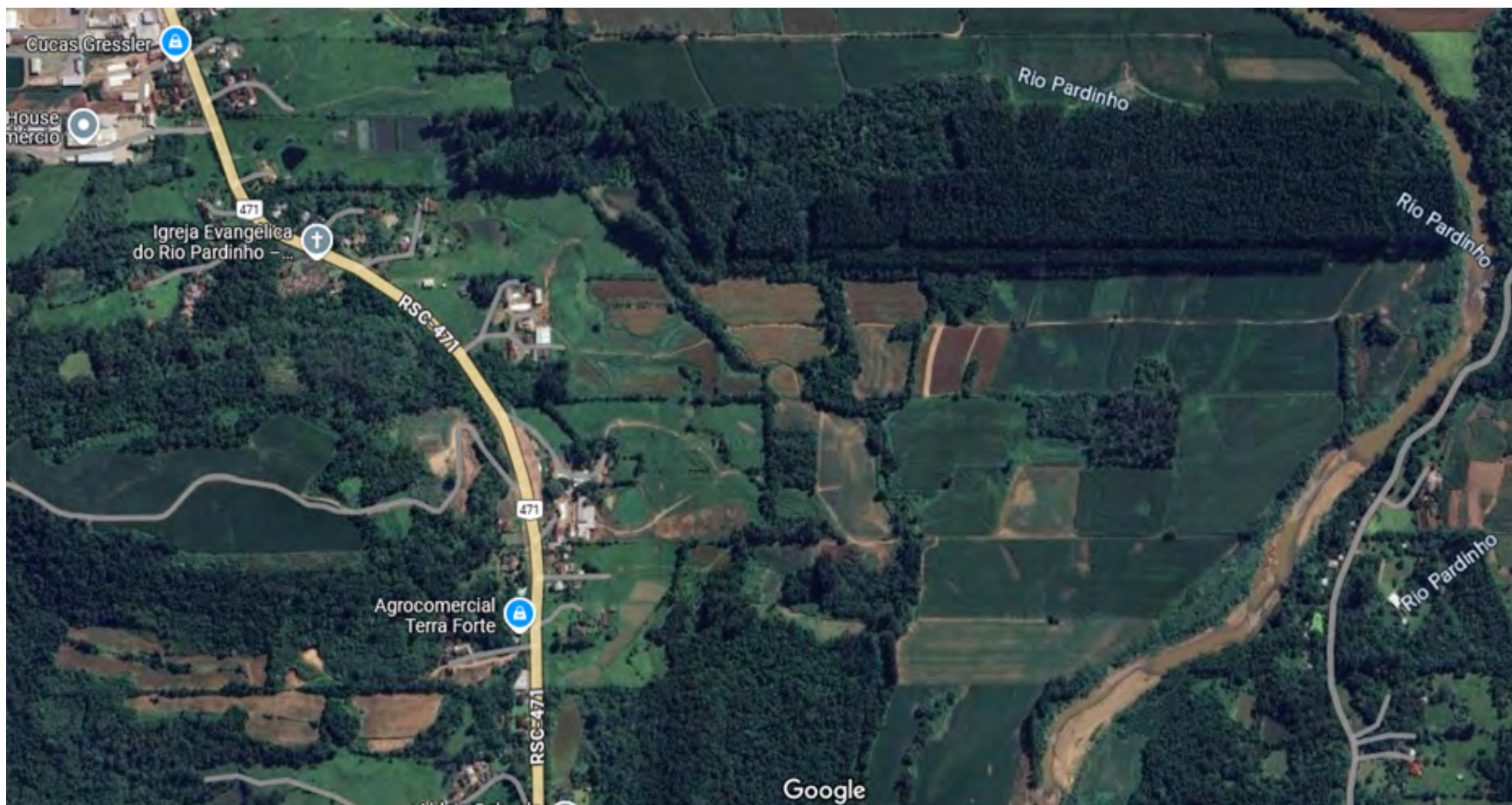


Figura 51: Distrito do Rio Pardinho no entorno da Igreja Evangélica localizada em colina com vista para a várzea sob cultivo



Fonte: <https://www.google.com/maps/place>

CLEO SCHULZ

Agricultor familiar, liderança comunitária, distrito Rio Pardinho,
município de Santa Cruz do Sul
Registro em 4 de junho de 2025

Nossa propriedade com 28 hectares vem de meus avós por parte de mãe, a família de meu pai vem da Linha Alto Rio Pequeno no município de Sinimbu. Meus pais residem na propriedade localizada nessa várzea do rio Pardinho desde os anos 1970, até 2014 plantávamos fumo, mas não ia bem na várzea. Aqui da casa de meus pais até o rio são 1.800 metros. Estou morando em Santa Cruz do Sul, mas trabalho na propriedade onde diversificamos plantando soja, milho e temos gado de leite.

Na segunda-feira de noite, dia 29 de abril, os vizinhos começaram a ficar agitados pois o rio não parava de subir. Um rapaz que mora aqui perto e de vez em quando faz serviços na propriedade me ligou preocupado com a chuva forte, eu disse: “não se preocupe, o rio não deve subir tanto assim”. Eu achava que era uma enchente como as outras que a gente viveu. Eu estava com 42 anos, nunca aconteceu uma enchente muito forte, não acreditava que ia acontecer algo que a gente só conhece de ver na televisão, que acontece com os outros.

Eu estava em Santa Cruz e ligava para meu pai para me manter informado, na terça-feira continuava chovendo e o rio amanheceu com a água subindo. Na terça de tarde liguei para o vizinho Sr. Kappel que disse: “está tudo tranquilo, a Doralice está tirando os ovos do galinheiro e soltando as galinhas para prevenir, mas está tudo bem”. Re-

comendei que ele soltasse o gado do galpão para subir perto da estrada RSC 471, pois eu tinha notícias de parentes que moram em Sinimbu que estava vindo muita água de lá.

Figura 52: imagem da várzea propriedade Schulz (maio 2024)



Figura 53: antes e depois na propriedade Schulz



E no final da terça feira a inunda  o tomou uma propor  o fora do normal. Ainda bem que foi de dia, pois se fosse de noite, pegando

os moradores desprevenidos, teria morrido mais gente. A gente nunca poderia imaginar que o desastre ia tomar esta propor  o. No final da terça feira a água chegou até o galpão que fica mais abaixo no terreno, nossa casa fica aqui na parte mais alta e não foi atingida. Eu sa  i de Santa Cruz tentando chegar aqui, mas a estrada estava coberta de água e não dava passagem.

Liguei para meu pai para cuidar do gado pois ele também não estava acreditando que a água poderia subir tanto, ele tem experiência com muitas enchentes. Ele decidiu manter os 55 animais presos no galpão, as vacas ficaram com água até os joelhos, mas não entraram em pânico. O gado gosta de sua rotina e querem estar na hora certa no lugar certo, como conheciam o galpão, não se agitaram. Se a água subisse ainda mais meu pai tinha a opção de trazer o rebanho para a parte alta, mas não foi necessário pois a água parou de subir. Ainda bem que as vacas não estavam soltas, pois corriam o risco de serem levadas pela força da correnteza, como aconteceu com o vizinho.

Quando teve um momento que o rio deu uma baixada, passei com o carro e consegui chegar na propriedade. Liguei o trator e o gerador e com isso voltamos a ter acesso    internet. Não tivemos prejuízo na casa, nem sofremos fisicamente, mas tivemos grandes perdas. A planta  o de soja estava no ponto de colheita, dos dez hectares plantados não colhi um saco. Nós tínhamos 20 hectares de milho para fazer silagem, também perdemos.

Ainda perdemos as pastagens que ficaram cobertas com lama, a silagem que deveria durar até agosto foi levada pela água, não tinha

como alimentar o gado. Tivemos que comprar silagem e fomos obrigados a reduzir o rebanho. Vendemos umas 20 vacas por um preço mínimo. Não bastassem esses prejuízos, nos meses de agosto e metade de setembro ficamos sem receber o pagamento da empresa de laticínios. Tivemos que trocar de comprador e entrar com um processo na justiça para tentar receber o valor que nos devem.

Na resposta pelo governo estadual ao desastre tivemos direito a 15 horas-máquina para reabrir as valetas de drenagem na várzea, mas quando veio a retroescavadeira eu quase não conseguia acompanhar a máquina pois ficava preso no lodo. Recebemos doação de 15 sacos de semente de milho da Afubra, e da cooperativa Cotribá recebemos 1.800 kg de ração e semente de aveia. A prefeitura de Santa Cruz do Sul conseguiu repassar doação de um pouco de silagem. O Senar também ajudou, tanto com doação de feno, como com visitas e orientação técnica.

Os bancos não contribuíram, está bem difícil. Existe o movimento SOS Agro no estado, mas a tentativa de prorrogar a dívida acaba sendo um esforço individual. Os financiamentos têm origem do BNDES e são repassados por outros bancos, como não conseguimos pagar todas as contas foi emitida ordem de busca e apreensão do trator e demais implementos agrícolas. Consegui encontrar um escritório de advocacia solidário, que está cobrando honorários em muitas parcelas, assim conseguimos impedir a apreensão de nosso maquinário.

Fazendo uma estimativa, nosso prejuízo deve somar algo como R\$ 1 milhão. Porque você não pode só contabilizar os danos imediatos, mas também projetar as perdas que vamos ter ao longo dos próxi-

mos anos, com redução da produção de leite e safras menores. Temos diversos financiamentos para pagar e contas a vencer, mas a produção não retornou ao nível pré-enchente. A gente fica pensando se vai parar tudo e largar de mão, fazer outra coisa, se vale a pena continuar.

Figura 54: camada de lodo sobre as lavouras (setembro de 2024)



Em dezembro de 2024 voltamos a plantar, as áreas de lavoura estavam cobertas com uma camada de areia de até um metro, por bai-

xo o lodo úmido. Você olha assim de longe e vê a areia seca, parece que está tudo bem, mas o lodo está encharcado até hoje, não seca. Fora os tocos e troncos que o rio espalhou pela várzea. Eu entrava com o trator para semear milho, mas o vizinho tinha que estar por perto com o trator dele para me tirar quando ficava atolado. Em março de 2025 fomos colher para fazer silagem, atolei diversas vezes com o trator e tive que deixar parte do milho em pé para colher mais tarde. Um ano após a enchente precisamos trabalhar com dois tratores ao mesmo tempo, para um socorrer ao outro por causa do lodo cobrindo as áreas de lavoura.

Figura 55: lavoura na várzea encharcada (março de 2025)



Nós já vínhamos de quatro verões com estiagem reduzindo a produtividade. Antigamente eu colhia normalmente até 180 sacas de milho por hectare, nas partes ruins no mínimo 120 sacas, agora estamos colhendo 60 sacas por hectare. Além disso, tínhamos duas safras ao ano, plantava e colhia o milho, fazia silagem, depois entrava com a soja. Este ano só conseguimos entrar muito tarde na lavoura por causa do lodo e plantamos só uma safra de milho. Se não bastasse este prejuízo, ainda tivemos que lidar com o fato de que a semente de milho que compramos estava revalidada, a produção falhou e quase não deu espiga. A semente foi comprada a prazo, tem data para pagar, mas não tivemos produção e estamos discutindo com o revendedor como proceder, temos o boleto com prazo para pagar.

Quanto ao aprendizado para uma próxima enchente, o mais importante seria preparar o rio. A margem do rio Pardinho precisa ser estabilizada com rochas e gramíneas, pois está cada vez mais frágil, não tem mais mata ciliar, é apenas areia e com novas chuvas o rio vai alargar e entrar mais nas lavouras. As árvores grandes e pesadas com raiz superficial, na maioria canela, caíram todas, por outro lado o bambuzinho, que tem raiz profunda, ficou de pé. Além disso, o rio ficou mais raso pois está assoreado. Seria necessário um estudo para refazer as margens do rio e não sofrermos de novo na próxima enchente, recompondo a mata ciliar de forma planejada.

Não deveria ter na várzea esses trechos fechados de eucalipto em linha perpendicular ao rio. São árvores muito altas que não se dobram na enchente e retém o entulho, troncos, galhos e pedras que

descem com o rio, formam uma barreira e fazem a água subir ainda mais alto no trecho represado.

Figura 56: entrevista para mídia regional (junho de 2024)



Meu falecido avô por parte de mãe já falava que não deveríamos derrubar as barreiras. São trechos de cana de açúcar, ou trechos de mata de três ou quatro metros de largura, que cortam a paisagem e separam as lavouras, pois elas seguram a força da correnteza e impedem o rio de lavar a terra. Estas barreiras deveriam ser mantidas e copiadas em outras regiões ao longo do rio. A fileira de coqueiros que acompanha o traçado da estrada interna da propriedade também não podemos tirar, pois ela segura a cerca quando a água sobre, até hoje a cerca está intacta.

Figura 57: avanço do assoreamento e solapamento das margens no distrito de Rio Pardinho (2008 e 2017)



Fonte: UNISC (2018, p. 57)

ÁUREO LUIZ JAEGER

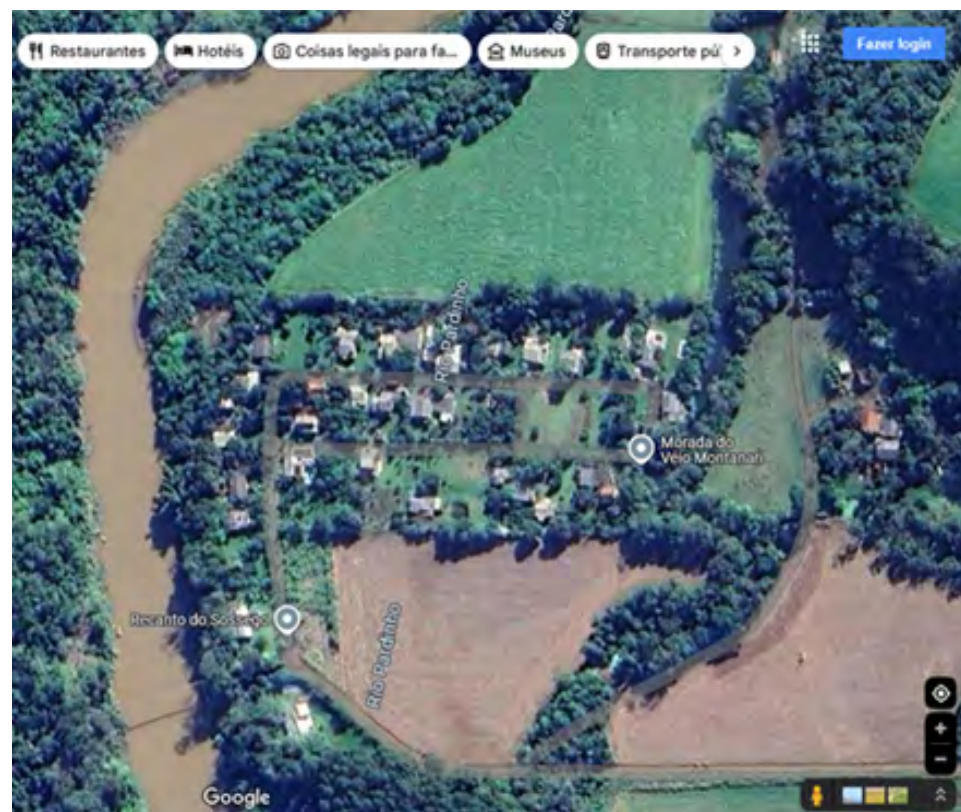
Advogado trabalhista, morador do distrito do Rio Pardinho,
município de Santa Cruz do Sul
Registro em 19 fev. 2025

A cerca de 40 anos meu pai comprou do irmão dele um lote de terra à beira do Rio Pardinho, na localidade do Balneário Panke. Ele construiu uma moradia e os filhos frequentavam com suas famílias aquele local para veraneio. Meu pai gostou da vivência tranquila na curva do rio, comprou mais um terreno. Uma ex-colega de trabalho dele também comprou um terreno. Meu tio idoso não trabalhava mais na lavoura, aproveitou para vender vários terrenos, três hectares no total, assim foi surgindo uma pequena comunidade com 32 moradias. Foram instalados postes e iluminação, foram canalizadas duas nascentes para fornecimento de água. Inicialmente a maioria para veraneio, mas conforme o tempo foi passando cada vez mais famílias se mudaram para lá de forma definitiva, que chamamos de Recanto do Sossego.

Construí minha casa em 1998, inicialmente uma residência simples para passar o final de semana, receber amigos e fazer um churrasco. Mas com o tempo fomos fazendo melhorias, contratamos um poço artesiano para ter água potável, instalamos piscina, painéis solares. Pela facilidade de comunicação fui me tornando a liderança daquela associação informal, todo ano realizávamos uma assembleia para deliberar os investimentos necessários, em especial no abastecimento com água. Com o tempo abrimos dois poços artesanais e fize-

mos a manutenção das ruas. Diversos casais foram se aposentando e começaram a morar lá. Em 2023, minha esposa e eu também decidimos vender nossa casa em Santa Cruz para nos mudar em definitivo para o Recanto do Sossego.

Figura 58: Recanto do Sossego na várzea do Rio Pardinho pré-enchente (março de 2024)



Fonte: <https://www.google.com/maps/place>

Já tínhamos passado por uma enchente em 4 de janeiro de 2010. Entrou um pouco de água na minha casa, mas em três ou qua-

tro dias estava tudo limpo novamente. Ou seja, até a enchente de primeiro de maio de 2024, a gente brincava entre nós que aquele tinha sido o pior desastre, que o rio não ia inundar outra vez porque estava muito assoreado. Mas, não era mais o rio que conheci quarenta anos atrás na minha infância, quando ele era mais fundo, estreito. Em 2010 estava soterrado, com margens alargadas e achávamos que comportaria mais água no caso de chuva excessiva.

Por conta da pandemia do Covid-19, minha esposa e eu pegamos nossos dois cachorros e fomos morar no Canto do Sossego. Passamos os dois anos da pandemia isolados lá, fomos levando cada vez mais nossas coisas da casa em Santa Cruz e passamos a residir lá. Em maio de 2023 compramos um terreno anexo para ampliar nosso espaço e iniciar uma lavoura de verduras, mandioca e feijão. Minha esposa já estava aposentada, mas eu ia e voltava a Santa Cruz todo dia para trabalhar. Fomos levando fogão, geladeira, televisão, louças e colocamos nossa casa vazia à venda e conseguimos vender. O casal comprador apenas não ocupou a casa porque estavam esperando um financiamento.

Choveu bastante no final de semana de 27 e 28 de abril, mas ninguém contava com aquela tragédia, a gente estava acostumada com as subidas do rio porque frequentávamos a anos aquela região. Na terça-feira dia 30 de abril vim cedo às 7h30 trabalhar em Santa Cruz como sempre fazia, sem preocupação. No meio da tarde como a chuva não parava, por volta de 16h30, liguei para minha esposa e ela disse que o rio estava enchendo bastante e que minha irmã Beth e o esposo Claudio estavam reunindo os objetos pessoais para sair da casa vizinha e se abrigar na residência deles em Santa Cruz.

Figura 59: antes e depois no Recanto do Sossego



Decidimos então que eu ia sair do trabalho e retornar, enquanto isso minha esposa ia ajeitando as coisas, pegar nossos dois cachorros, o Bono e a Gaia, e íamos também nos abrigar em Santa Cruz. Como eu sabia que o rio estava cheio, sabia que para chegar a partir do asfalto não ia dar passagem de carro na pontezinha sobre o Rio Pardinho para chegar ao outro lado do rio onde ficava o Recanto do Sossego. Tentei ir pela Linha Sete como alternativa, mas o riacho já estava transbordando e não dava acesso. Outra alternativa era a estrada pelo Alto da Boa Vista, mas de lá não consegui descer para a baixada, pois a água já tinha lavado a estrada que estava intransitável. Tinha um Honda Civic que transitou por tudo isso sem atolar, mas foi arriscado, entrei em estradinhas que eu não conhecia, áreas altas com penhascos sem sinalização. Já era 19h00, escuro, chovendo pesado e estava desesperado porque não conseguia chegar no Recanto do Sossego para buscar minha esposa.

Voltei então pela estrada de asfalto até o centro da vila de Rio Pardinho onde tinha sinal e consegui falar com minha esposa. Ela disse que não estava mais em casa, com nossos dois cachorros estava abrigada na casa vizinha de minha outra irmã Beatriz. A casa dela era mais alta, mais segura, ainda não tinha entrado água e seria tranquilo passar lá a noite. Voltei para Santa Cruz, mas como nosso imóvel estava vazio fui dormir na casa de minha irmã no bairro Arroio Grande.

No dia seguinte, quarta-feira dia primeiro de maio, tentei diversas vezes ligar para minha esposa sem sucesso. Liguei para meu cunhado, ele informou que minha esposa tinha perdido o celular pois tinha entrado água na casa deles. Ele estacionou o dentro da garagem

elevada acima do nível da rua e tinham colocado o sofá em cima de uma mesa. Minha esposa estava ali sentada com os cachorros e a água estava subindo.

Figura 60: ruínas do Recanto do Sossego (maio de 2024)



Comecei a pedir ajuda com os diretores do Sindicato dos Vigilantes onde trabalho, ligamos para os bombeiros, para a defesa civil, mas ninguém tinha barco disponível pois estavam ocupados nos resgates em Santa Cruz. Liguei então para uma amiga nossa, cujo filho gosta de pescar para ver se conseguia um barco. Ela me indicou um

amigo deles, dono de uma loja de barcos, que inicialmente não acreditou que a situação era tão séria. Convencemos ele e fomos na casa de um conhecido dele, que emprestou uma caminhonete 4X4 e subimos pela estrada do Alto da Boa Vista.

Com o carro com tração conseguimos descer a Travessa Raushke até na beirada da água. Colocamos o barco na água, os dois saíram margeando entre galhadas das árvores, mas não conseguiam seguir adiante. As plantações de milho estavam pouco abaixo da superfície e o milho enroscava na hélice, travando o motor. Nesse meio tempo chegou uma equipe da Guarda Municipal com dois barcos para tentar resgatar o guarda Daniel, vizinho nosso, que estava abrigado no telhado da casa com a filha e um menino, filho de um vizinho. Era cerca de 14h00, a água já tinha levado os cachorros e o barco da Guarda Municipal não conseguiram chegar até lá. Eles desistiram para retornar no dia seguinte.

Nós estávamos a uns 500 metros e não tinha como chegar até a casa de minha irmã, pois uma lagoa na beira do rio acabou criando um canal, gerando forte correnteza. O dono da loja de barcos foi até a cidade de Rio Pardo buscar emprestado um jet-ski, retornou ali pelas 20h00. Mas o jet-ski sugou os pés de milho, a correnteza foi forte, ele caiu na água e teve que se salvar agarrado em uma árvore. Ali pelas 18h00 chegou o Eduardo Diehl, filho de um agricultor com propriedade mais no alto do cerro, e veio com o trator acoplado com um carroção oferecer ajuda. Ele tentou por três vezes, mas ficou parado no meio caminho porque a água estava alta e não dava passagem e retornou.

Já eram 22h00 da noite, escuro, e voltamos até a propriedade Diehl, a mãe dele fez um café e nos emprestaram roupas secas. De tempos em tempos o Eduardo dava uma volta a pé para ver como estava a estrada, estava chovendo ainda, mas parecia que a água estava baixando. Ali pela 1h00 da manhã ele disse que água tinha baixado, fomos de novo com o trator e o carroção. O trator só conseguiu chegar até a metade do caminho, a lagoa tinha se transformado em um valão, não tinha como passar. Aí começamos a andar naquela lama no escuro da noite, o pessoal focou as lanternas e avistamos de longe uma montanha de entulho ao longo dos eucaliptos, mais de 3 metros de pedaços de madeira e entulhos que tinham se empilhado ao longo dos troncos das árvores que ficavam à margem da antiga lagoa, e avistamos uma luzinha piscando. Pisei entre dois troncos, torci o joelho e não conseguia mais avançar, sentei em uma laje do piso que tinha sobrado de uma casa.

Estava chovendo, caindo raio e o terreno estava coberto de tijolos, pedaços de entulho, pedaços do fogão e tábuas, fui ficando cada vez mais desesperado. O Eduardo e o vizinho voltaram caminhando com o menino que eles resgataram dos galhos das árvores. O menino sentou ao meu lado, estava batendo o queixo de frio pois tinha ficado mais de 12 horas na água. Ele contou que uma onda levou a casa do guarda Daniel, ele se jogou e nadou em direção às árvores a uns 500 metros. Contou que o Daniel caiu na água, mas não conseguiu segurar a mão da filha que morreu. Me deu uma ânsia, comecei a passar mal, parecia que ia ter um enfarte. Perguntei das outras casas e ele disse que todas foram levadas pela água.

A seguir os dois voluntários voltaram até as árvores e trouxeram o vizinho Mauro, que tinha fechado a porta da frente da casa e quando a água estava levando a construção ele abriu a janela, pulou e ficou agarrado a uma das árvores clicando o isqueiro, por isso tínhamos avistado a luzinha. O Mauro também estava mal e levamos os dois de volta até o trator para se abrigarem do frio. Aí decidimos procurar as outras pessoas, apesar da escuridão e das pilhas de entulho. Em dado momento vi várias pessoas retornando e me alegrei, porque minha família tinha se salvado agarrada nas árvores a noite toda. Comemoramos o resgate.

Depois perguntei para minha esposa sobre nossos cachorros e ela começou a chorar, pois a água tinha levado. Aí meu desespero aumentou de novo, porque a gente se apegava aos animais. Os voluntários saíram na direção de outra casa, do Sr. Machado, um senhor de idade que morava sozinho e que a gente tinha dado por morto, mas para nossa alegria ele se salvou, mas bem debilitado.

Minha esposa contou que a água tinha entrado na casa já na terça-feira, depois baixou na quarta-feira pela manhã, baixou um pouco e parou. Depois de tarde subiu de novo, não parava de subir e veio então de Sinimbu uma grande onda que levou as casas de vez. Tentamos achar o guarda Daniel, mas não tinha como resgatar ele naquela madrugada, porque ele ficou preso em uma ilha no meio do rio. Só tinha sobrado um pouco de terra e uma árvore no meio do rio, com correnteza forte dos dois lados. Ele foi resgatado no outro dia, na quinta-feira, pelas 6h00 da manhã.

Fomos então todos até a casa da família Diehl que nos abrigou, fizeram lanche, deram roupas secas para esperarmos o amanhecer.

Figura 61: busca e resgate pós-enchente (maio de 2024)



Ali pelas 8h00 na manhã da quinta-feira chegou uma viatura da Guarda Municipal que foi nos levando em pequenos grupos até Santa Cruz. Perdemos tudo, esta camisa e essa calça que estou vestindo recebi nas doações, que permitiram a gente se recuperar lentamente. Minha esposa e eu voltamos a morar provisoriamente na casa vazia, recebemos doações de amigos e familiares de bujão de gás, colchão, louça e geladeira. Acessamos o auxílio de R\$ 5.100 do governo federal. O sindicato doou mesa e forno de microondas.

Aí começou minha missão de tentar achar nossos cães. Um vizinho voltou lá no dia seguinte ao resgate, para ver como estava o terreno. Ele relatou que tinha gente saqueando o que sobrou após a água baixar, estavam levando ferramentas, cortador de grama, vaso sanitário, os objetos que estavam espalhados pelos restos das lavouras. Eu estava aqui no sindicato conversando com os amigos e ele mandou a foto de um cachorro, era a Gaia, ele a achou viva presa em meio aos cipós e galhos dos eucaliptos. Ela está traumatizada até hoje, quando começa a chover ela se esconde no canto mais remoto da casa. O outro cachorro, o Bono, fiquei procurando por uns quinze dias, ia lá todo dia, falei com todos os agricultores ao longo do rio, mas nunca mais encontrei. Encontramos rio abaixo o cachorro de meu cunhado, que estava debilitado, com a boca coberta de espinhos, deve ter atacado um porco-espinho. Acabamos adotando um filhote que foi resgatado do desastre.

Em junho começamos a reunir os vizinhos e conversar sobre o futuro. Muitos já aposentados, sem saber como reconstruir a vida pois tinham perdido a moradia no Rio Pardinho. Eu e minha esposa estamos morando provisoriamente no imóvel que foi vendido, não temos mais casa em Santa Cruz. Procuramos a Secretaria Municipal de Habitação na busca por apoio da Prefeitura para fazer a limpeza da área e recebemos a proposta de abandonar aqueles terrenos, que estão interditados como área de risco, em troca de outra área. Concordamos e foram iniciadas negociações incluindo o gabinete da Prefeita, que concordou com a proposta.

Percorremos todo o distrito do Rio Pardinho procurando uma área regularizada na parte alta que estivesse à venda, o que é difícil de encontrar, mas achamos uma adequada. Nós formalizamos uma associação, para receber a doação em nome desse CNPJ. O local foi inspecionado pelos fiscais municipais que aprovaram, mas a Procuradoria Geral não deu aval porque estávamos entrando no período eleitoral e o processo foi trancado.

Na campanha eleitoral de outubro de 2024 recebemos visitas de candidatos que prometeram que, se ganhassem a eleição, nós ganharíamos o terreno. Após a eleição houve troca de gestão e procuramos a nova administração, esta informou que vai fazer loteamentos para distribuir aos atingidos nas enchentes, mas que nosso grupo não se enquadraria nos requisitos de baixa renda. Percebemos que não temos como retornar ao Recanto do Sossego, nem vamos receber terrenos pela política municipal. Temos que virar a página, assim compramos um lote na área alta do Rio Pardinho, minha esposa e eu estamos coordenando a obra e vamos voltar a morar lá, só que agora em uma área segura.

Figura 62: Delimitação da área afetada pelas cheias no bairro Navegantes, cidade de Santa Cruz do Sul



Fonte: UNISC (2018, p. 56)

ANDERSON ODILO RAASCH

Marceneiro, presidente da Associação dos
Moradores do Bairro Navegantes, município de Santa Cruz do Sul
Registro em 27 de fevereiro de 2025

Aqui em casa temos uma medida para as enchentes. Aquele vaso cimentado ali ao lado do portão de entrada, a borda dele está a um metro de altura do leito da rua e está na mesma altura que a crista do dique no qual foi pavimentada a RSC 409 que liga Santa Cruz e Vera Cruz. Essa a altura máxima de enchentes, porque se a água do rio Pardinho subir mais que isso, passa por cima da rodovia e se espalha pelos campos.

Eu aterrei este terreno e construí a casa mais alta com base no nível máximo da enchente de 2010, a maior que já existiu até então. Construí o alicerce 40 centímetros acima daquele nível para não sermos atingidos pelas enchentes e funcionou, nunca precisamos subir os móveis. Moro a 40 anos no bairro e nunca tive a casa invadida pela água, nunca precisei tirar o carro da garagem. Por incrível que pareça, foi feita medição e o bairro Navegantes está 80 centímetros acima do nível do bairro Várzea. O que inunda frequentemente são os campos entre os dois bairros, tem uma depressão que separa os bairros e nestes casos ficamos ilhados aqui porque inunda a rua Ir-mão Emílio o que dificulta sair para trabalhar. Mas moramos aqui despreocupados, são 153 residências no bairro, a gente está adaptado com as enchentes.

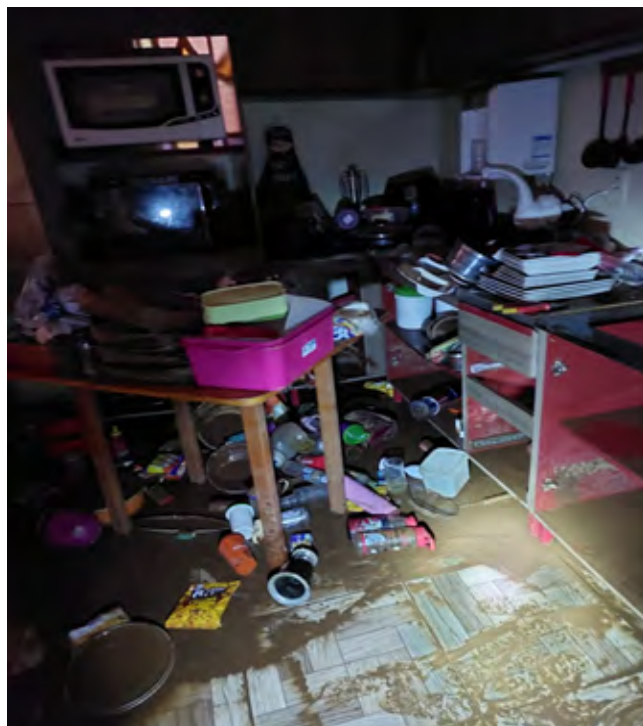
Mas, na segunda feira, dia 29 de abril, começou a chover demais. A água foi subindo pela manhã, foi subindo, e ali pelas 15h00 o nível da água estava passando da beirada daquele vaso. E minha filha questionando: “Pai, já passou do nível que o senhor sempre mostra, o que vai acontecer agora?”. Respondi que não sabia como sair dessa, ou o que ia acontecer, mas comecei a juntar pedras e tijolos pelo terreno para colocar debaixo dos móveis. Toda casa foi mobiliada com nosso esforço, eu mesmo construí os móveis ao longo dos anos e tínhamos muita coisa, pois a casa é espaçosa. Recentemente tinha comprado uma cama para nossa filha e estava renovando o quarto dela. Quando terminava de erguer algum móvel, vinha aqui na frente para conferir o nível da água.

Depois comecei a juntar tocos de lenha para calçar os dois carros, subindo cada lado de vez com macaco e colocando os tocos embaixo das rodas. O segundo carro eu tinha recém comprado para minha esposa, estavam os dois carros apertados aqui no pátio. Foi um sofrimento porque estávamos estressados, nervosos, na correria acaba ferindo as mãos com as pedras. Chegou um ponto que olhei para minha esposa e decidimos salvar só o essencial. Peguei umas latas de tinta, coloquei abaixo dos pés da cama e colocamos roupas e livros. O computador e aparelhos eletrônicos colocamos no ponto mais alto, que era por cima dos guarda-roupas. Coloquei os dois cachorros em cima da mesa de bilhar.

Recebemos avisos pelo celular da Defesa Civil, da Prefeitura, mas nós nunca precisamos sair, estávamos acostumados com enchentes. Sempre tem o risco do saque. Aconteceu na grande enchente, em

2010, que teve vizinhos que saíram de casa, vinha gente de fora do bairro com barco e começou a saquear as casas. É muito triste que neste ponto de sofrimento tem gente que não pensa em outra coisa a não ser aproveitar o desastre para roubar dos outros. A gente não queria sair. Mas, a água continuava subindo e chegou aqui dentro em 1,60 metros de altura, ou seja, 2,60 metros acima do nível da rua. Minha esposa e eu começamos a pensar em como sair daqui. Por que a Defesa Civil e os Bombeiros não tinham barcos suficientes, além disso, os barcos deles tinham estragado. O Exército já tinha tirado parte dos moradores, mas o caminhão não conseguia mais passar.

Figura 63: primeira imagem do imóvel Raasch (maio de 2024)



Disse para minha esposa que ela precisava ir embora com nossa filha. Ela começou a chorar, não queria ir, eu insisti que ia ficar na casa e cuidar de tudo. Tive que acalmar elas naquela situação desesperadora. Aquela água suja, pesada, já tinha tomado minhas ferramentas de trabalho que acumulei ao longo de toda uma vida. Quando a água desceu de Sinimbu arrastou tudo que tinha pela frente, inundou as agropecuárias e trouxe junto os produtos químicos e tóxicos que estavam estocados nos galpões. O rio arrastou também depósitos de empresas de transporte que tinham cargas tóxicas e combustíveis estocados. Os faróis e para-choque do meu carro ficaram corroídos dessa água contaminada e não teve mais conserto, tive que trocar. Perdemos o carro de minha esposa, porque era mais moderno, com muita fiação e peças eletrônicas que ficaram corroídas.

Pedimos socorro a um vereador que tinha um amigo com barco, ele passou aqui e levou minha família até no alto da rua Irmão Emílio, na altura do Salão Gigante. Eu não sabia que a água já tinha chegado até lá. Mas, aqui em casa fiquei no desespero, porque tinha comprado a pouco tempo uma televisão nova e tinha duas outras antigas, não tinha onde colocar. Comecei a dar socos no forro que é de pvc, quebrei o forro para colocar as televisões para cima, mas a nova arranhou em um prego e perdi.

Fiquei ilhado, coloquei os documentos em um saco e saí pelo portão nadando, com a água batendo no pescoço. Não tinha mais barco circulando no bairro, porque a correnteza estava tão forte que

não descia mais barco vindo do alto no Salão Gigante. Por sorte tinha um empresário circulando com um jet-ski, ele desceu a rua e resgatou a mim e um vizinho. Naquele momento não consegui pensar em salvar os animais, depois fiquei triste porque imaginei que iam morrer. Não tinha mais espaço para abrigar mais pessoas pela Prefeitura, assim fomos para a casa de minha irmã. Passamos lá dois dias, no desespero buscando notícias e informação. Eu pedi várias vezes ao meu cunhado para vir de carro olhar o bairro e procurar ajuda, pois os cachorros não tinham sido resgatados.

Figura 64: danos na garagem e automóvel (maio de 2024)



Na quinta-feira, dia 2 de maio, começou a baixar o nível da água. Vim para cá com o coração apertado, o portão da frente estava estourado pela pressão da água quando baixou o rio. Quando cheguei encontrei os dois cachorros em cima da churrasqueira coberta de lama. Dentro de casa estava tudo revirado, porque a água quando sobe vai flutuando os móveis, e quando a água baixa cai tudo pelo chão. O computador com os estudos da universidade de minha esposa se perdeu. A parede lateral ficou com rachadura, o banheiro externo estava coberto de lama. Tive que abrir um buraco na parede de trás, que dá para o rio, para sair o lodo. Minha esposa e eu começamos a limpar sem saber ao certo o que fazer, usando a água do rio para limpar.

Figura 65: primeiro dia de limpeza (maio de 2024)



Na sexta-feira, dia 3 de maio, baixou de vez o nível de água e voltamos para continuar a limpeza, nossa filha ficou com os tios para não se impressionar demais com o estrago. Os sofás estavam virados, a mesa grande da sala onde estava empilhada a louça, tudo caído. Começamos a limpar e separar o que era possível recuperar, o resto foi sendo jogado na rua. Dali a pouco começaram a passar pessoas de bom coração pelo bairro, que a gente nem conhecia e vieram nos ajudar como voluntários. Vieram três moças do CTG que limparam os brinquedos de nossa filha que sempre foi muito caprichosa com as coisas dela. No domingo vieram os colegas do hospital para ajudar.

Trabalhei quarenta anos para construir o que temos e em duas horas perdemos quase tudo. Nunca tive que pedir nada a ninguém, minha esposa e eu sempre trabalhamos. Percebemos nossa vulnerabilidade quando parou um padeiro em um Uno velho aqui na frente e nos ofereceu pão. “Não tenho mais que isso, só pão, mas é de coração”. Estávamos a horas limpando lama com enxada, nem vimos a hora, e de repente dependemos da doação de um pão para nos alimentar. Foi chocante, um sofrimento. Como temos renda própria como casal, o único auxílio que recebemos foram os R\$ 5.100 do governo federal. Mas, apenas o conserto do carro custou R\$ 8.000, não sobrou nada. A gente pagou todos nossos impostos a vida inteira e quando precisamos não temos nenhum auxílio ou benefício.

Além de ter que acolher minha família, era gente do bairro todo se comunicando e querendo atendimento da associação. As pessoas se perguntado o que vai ser da vida delas. Dependemos da

Prefeitura para comer com as marmitas, ninguém tinha como cozinhar. Eu correndo para cima e para baixo para conseguir trazer ajuda não só para minha família, mas para o bairro. Um conhecido me emprestou uma camionete e assim eu buscava bombonas de água potável que estavam armazenadas no hospital para distribuir no bairro. Trouxe rancho, cestas básicas para distribuir. Mobilizamos uma força tarefa com os vereadores para nos ajudar e obter auxílios para o bairro. Quem nos atendeu muito bem foi o então Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, não deixou de nos atender.

Figura 66: circulando de barco no dia 1 de maio de 2024



O bairro estava um cenário de guerra, com as ruas tomadas pelos móveis e entulhos. Aí fui buscar o Exército e vinham os soldados para carregar aquele entulho. Começou a reconstrução. Corri com a Secretaria Municipal de Habitação para acessar os programas de habitação para as famílias que não podiam mais voltar para as residências. Aí fomos atrás de carro-pipa para fornecer água. A Prefeitura organizou muito bem os auxílios, com distribuição de alimentos e depois de móveis. Para não criar problemas com a associação, orientei os moradores a cada um mobilizar doações por um pix próprio, assim não passou dinheiro pela associação e não deu margem para dúvidas sobre a destinação dos recursos.

O bairro inteiro está interditado, por se tratar de zona de risco de arrasto em uma nova enchente. As residências com rachaduras ou dano estrutural foram interditadas, as famílias continuam morando com parentes, com aluguel social ou algumas se mudaram. Nós fazemos parte das famílias que voltaram às suas residências porque o setor público não tem como abrigar a todos. Para receber o aluguel social, que poucos receberam, você tem que receber a provação, depois correr atrás de uma das poucas imobiliárias que aceitem trabalhar com este valor, a casa para alugar tem que estar completamente legalizada e sem pendências fiscais, e o valor do aluguel tem que estar dentro da faixa disponível, o que é difícil, pois houve um aumento do valor do aluguel na cidade.

Outra modalidade de acesso à habitação que estamos assessorando pela associação é a compra assistida com recursos do go-

verno federal através da CEF. O recurso é de até R\$ 200.000, sendo sorteado entre famílias de baixa renda, a residência tem que estar condenada, sem possibilidade nenhuma de retorno. Aqui no bairro Navegantes foram sorteadas somente três casas neste programa, para toda a cidade foram sorteados outros 25 financiamentos, o que é pouco, frente à demanda.

Além disso a Prefeitura está prometendo o acesso das famílias mais vulneráveis ao loteamento Santa Maria II, com 144 lotes, que é parte do programa federal Minha Casa, Minha Vida, no bairro Dona Carlota do outro lado da cidade. Mas poucas famílias se propõem a mudar para lá, porque é uma região conhecida por ser dominada por facções do tráfico de drogas, tem assassinatos frequentes, a venda de drogas ocorre nas esquinas. Quem vai querer criar seus filhos ali? Aqui nosso bairro é seguro e tranquilo, você pode deixar seu carro estacionado ali na rua, com porta e janela aberta que ninguém mexe. Além disso, o loteamento é apenas para quem não tem renda, ou muito baixa renda, aquelas famílias que tem emprego, trabalho próprio, não se encaixam no cadastro.

Estamos pela associação agora lutando para melhorar a infraestrutura do bairro. Começando com o concerto das taipas ao longo do Rio Pardinho, além disso refazer os canos de drenagem e as galerias de escoamento. Tem que melhorar a pavimentação da rua Irmão Emílio, pois esta é a única rota de acesso ao bairro. E tem que instalar mais galerias para escoar a água por baixo do dique da RSC

409. Por enquanto, tanto a gestão passada como a atual gestão, estão atendendo nossos pedidos, não podemos negar isso. As ruas aqui foram cascalhadas. As máquinas da Prefeitura no momento estão trabalhando no bairro Belvedere, onde existe risco de deslizamento de encosta, mas assim que terminarem as obras lá retornam aqui para o Navegantes.

Mas, todos sabem que estas são obras paliativas, se tivermos uma outra enchente como foi a de 2024, o bairro vai ser inundado de novo. O rio Pardinho está cada vez mais raso, com assoreamento, assim fica mais largo também e inunda uma área cada vez maior. O que nos preocupa para o futuro é a expansão urbana de Vera Cruz, pois estão instalando novos loteamentos ao longo do rio Pardinho que são protegidos por barreiras contra inundações, assim nosso bairro corre o risco de ficar preso na várzea de inundação com Vera Cruz de um lado, o lago Dourado, e o dique da RSC 409 lá embaixo fechando tudo. Além disso as duas Prefeituras estão negociando a construção de uma nova ponte, que deve cortar aqui ao lado nosso bairro. Assim, ou temos que ter taipas cada vez mais altas, ou realocar o bairro.

Sabemos que as obras são na sua maioria paliativas, com os fenômenos climáticos cada vez mais intensos nosso bairro está sujeito a novos desastres. Em conversa com o Superintendente da CEF, este me relatou que esteve trabalhando no Vale do Taquari no desastre de setembro de 2023, e um morador contou que a casa dele nunca tinha sido atingida. Entre 2023 e 2024 a casa dele foi atingida três vezes, ou seja, os riscos estão se agravando. E como esta é uma área

de risco de arrasto, o governo federal não acredita que esse bairro seja seguro. Mas, nós dependemos dos governos para uma solução, queremos que os impostos que pagamos sejam revertidos em auxílio para nosso bairro. Para as famílias que não tem condição de construir, que o governo transfira estas famílias para o loteamento Santa Maria II. Para as famílias com renda própria, que tem condições de construir, a Prefeitura deveria fornecer um terreno em outros bairros, com pontos de luz e de água, para a família instalar uma nova moradia. Estamos atolados em contas e dívidas e precisamos de auxílio para nos realocar.

Aqui no bairro temos vínculo familiar, me criei aqui durante 40 anos, meus parentes moram aqui perto, aqui é como se fosse um condomínio particular, seguro. Se a gente passa uns dias fora, o vizinho cuida da casa e alimenta os cachorros, podemos viajar tranquilos. O bairro é como se fosse uma grande família. E sabemos que o tráfico toma conta de áreas periféricas e não queremos ir para lá. Nossa história é toda aqui, nos adaptando a uma enchente de vez em quando. Quero muito agradecer às pessoas que vieram como voluntários ajudar no bairro, pessoas que não conhecemos e a quem devemos gratidão. Mesmo que era apenas para tirar lama com enxada ou distribuir um pacote de biscoito, nós recebemos com gratidão. Também precisamos agradecer as duas administrações municipais, a antiga e a atual, bem como os vereadores que nos apoiaram, não são apenas autoridades públicas, são pessoas que nos apoiaram em um desastre.

MEURA MARI ZAGONEL

Cabelereira, dona de casa, residente no bairro Navegantes,
município de Santa Cruz do Sul
Registro em 21 de fevereiro de 2025

Estou morando atualmente nesta casa de aluguel social. Nós moramos em casa própria na parte baixa, no bairro Navegantes, na Rua Paulino Martin. Naquele dia da enchente já vinha chovendo a dois dias, desde 27 de abril, sem parar. A gente estava acostumado com enchente, elas vêm de vez em quando, inunda a rua, nosso pátio é mais baixo e já ficamos com água até o joelho, mas nunca entrou dentro de casa. A casa foi construída mais alta. Dessa vez os vizinhos estavam comentando que era muita água. Meu marido mora aqui a 40 anos, ele ficou preocupado e disse que nós precisávamos controlar a subida da água, dessa vez era diferente. Colocamos o celular para despertar a cada 3 horas. A gente recebia os avisos da enchente, vimos muita gente sair, mas nós não acreditamos que seria tão forte a inundação. Achamos que seria como a de 2010, que foi a mais forte, onde entrou 80 centímetros na casa da minha mãe.

Meu marido deixou o carro estacionado na entrada do bairro Várzea, no alto. Ficamos nos revezando até umas 2h00 da manhã, mas caímos no sono, não aguentamos o cansaço. Eram 4h00 da manhã da terça feira, dia 30 de abril, quando acordamos com o celular tocando, era minha cunhada que mora no bairro Várzea, estava assustada porque a água lá já estava mais alta que no Navegantes. Ela

disse: “Esta enchente é diferente, não é como as outras”. Fomos até o pátio na beira do rio, no escuro, com lanternas e faltavam apenas dois dedos para a água entrar dentro de casa. Começamos a erguer os móveis ali pelas 5h00 da manhã.

Figura 67: água começando a subir na sala (30 de abril de 2024)



O nenê tinha nascido a 29 dias, a gente precisou de mais móveis, assim o roupeiro era novo. Tiramos todas as roupas de dentro para erguer com pedras e colocamos em cima da cama que tínhamos

também erguido. Ficamos cansados de tanto esforço, era um trabalho pesado. Quando começou a clarear ali pelas 6h00 começou a entrar água na casa. Decidimos ir para a casa dos pais de meu marido, que moram no bairro Várzea em uma casa de madeira mais alta. Tentamos levar nossos dois meninos de 14 anos, o nenê e os cachorros. E ligamos para os Bombeiros, a Defesa Civil, para pedir socorro, mas eles estavam ocupados e disseram que não sabiam quando podiam mandar ajuda.

Figura 68: água subindo na cozinha (30 de abril de 2024)



Aí fomos para a casa de minha sogra ali pelas 9h30 da manhã, tivemos que deixar os seis cachorros. Meu marido organizou com tábuas um poleiro alto para deixar os bichos. A casa da frente no terreno estava à beira de ser alagada, mas a casa dos fundos dos meus sogros estava no seco, então decidimos esperar ali pelo socorro. Meu marido não sabia mais o que fazer se não tivesse barco, a única alternativa seria subir no telhado.

Liguei para uma amiga aqui do bairro e pedi ajuda, mas ela estava em situação mais feia ainda e não tinha como mandar barco para nos buscar. Nesse meio tempo meu marido e um dos meninos voltaram lá em casa para buscar mais roupa para o nenê, porque vimos que a coisa ia ficar pior, ouviram um estrondo e a água começou a subir mais rápido, quase se afogaram no caminho. Avisaram pelo celular que não iam conseguir voltar aqui e se abrigaram em uma casa de dois pisos na esquina. Mas eu não ia conseguir me salvar sozinha com o nenê no colo. Então meu marido voltou atravessando pelos pátios dos vizinhos, se machucando nas cercas, arrastando o menino junto.

Minha sogra estava fazendo comida e quando o almoço estava pronto, ali pelo meio dia, começou a entrar água na casa dela, estava subindo mais rápido que antes. Minha amiga ligou que conseguiu um barco com voluntários de Porto Alegre, que estavam na frente no terreno, mas não sabiam onde nos encontrar. Meu cunhado foi andando pela água até a frente do terreno para sinalizar o caminho.

Meu marido me colocou com o nenê em cima da mesa e foi me empurrando até o barco. Estava uma chuva forte, que cortava de frio. Minha sogra vinha trazendo os documentos em uma sacola, meu sogro estava com água pela cintura. No barco estavam um vereador e dois voluntários, não ia caber todos. Meu marido me ajudou para subir no barco, não tinha colete para todos, assim enrolei meu nenê em um saco para aquecer.

Figura 69: água subindo na casa dos sogros (30 de abril de 2024)



Apareceram dois rapazes em dois jet-ski, cada um levou um dos meninos. O barco voltou para buscar meu marido e meu sogro, encontraram eles sentados em cima do muro para ficar fora da água. Nos levaram todos para a entrada do bairro Várzea, ali ao lado da escola, mas a água também já estava batendo na canela. Tinha um micro-ônibus esperando e fomos para o abrigo no parque da Oktoberfest. Lá tinha colchão, tinha roupa, ficamos abrigados por um mês. Não tinha como voltar para casa porque não tinha água potável no Navegantes para fazer limpeza. A Prefeitura mandava caminhão-tanque com água, mas soubemos que os vizinhos brigavam entre si para saber quem ia receber água primeiro, meu marido precisava trabalhar e eu com nenê pequeno, preferimos não voltar para lá tão rápido.

Uma semana depois que baixou a água voltamos para a casa pela primeira vez, mas não dava para aproveitar nada. As roupas estavam fedendo. A água chegou a 1,60 metros na parede, e deixou uma camada de 80 centímetros de lama dentro de casa, meu marido começou a limpar com a enxada com a lama pelo joelho. A casa ficou vazia, só salvamos a geladeira e a televisão que meu marido tinha pendurado bem no alto.

Perdemos o carro, um Gol 1999, porque o orçamento para reparar o carro ficou em R\$ 7.000, a água corroeu a fiação. A moto conseguimos reparar, porque o conserto foi mais barato, um mecânico vizinho nosso consertou sem custo, só cobrou as peças porque era instrumento de trabalho. Alguns voluntários tinham resgatado nossos cachorros, perdemos só um deles.

Figura 70: primeiro dia de limpeza no bairro (maio de 2024)



Figura 71: pertences pessoais e móveis no entulho (maio de 2024)



Voltamos para casa só com os colchões e cobertas que ganhamos no abrigo da Oktoberfest. Ganhamos de voluntários um conjunto de cozinha e sofá. Alguns outros móveis foram de doação, a Prefeitura mandou entregar dois roupeiros. Durante um mês recebemos vianda e água em casa, porque não tinha como cozinhar. Ficamos todos doentes, porque estava muito úmido, o mofo cobrindo as paredes. Não tinha como usar o banheiro, assim fazíamos a higiene pessoal no pátio. A geladeira voltou a funcionar, mas temos que trocar porque ela fica degelando. Perdemos todo o quarto que tínhamos comprado para o nenê, ficamos com uma dívida de R\$ 3.000 que

estamos pagando as parcelas.

Meu marido tem um conhecido na Secretaria Municipal de Habitação que ficou preocupado com nossa situação e nos indicou para o cadastro do aluguel social. Nossa casa própria não foi interdita, mas não temos como pagar a reforma. A coordenadora do CRAS nos conseguiu o aluguel social. Passamos dois meses procurando casa, mas não foi fácil, ninguém quer alugar com aluguel social. Meu marido trabalha em obra sem carteira assinada, com aquele período de chuva as obras estavam paradas e ele trabalhava apenas poucos dias.

Fui participar de uma manifestação que aconteceu ali na escola para chamar a atenção da Prefeitura e fui entrevistada pela Rádio Gazeta. O dono desta casa, Sr. Eloir, ouviu a entrevista, entrou em contato com a rádio e conseguiu meu número de whats. Ele fez contato e disse que tinha essa casa desocupada no bairro Avenida, que estava em processo de inventário e que a gente poderia morar aqui provisoriamente. Aqui do lado tem uma sala que eu poderia usar nos finais de semana como salão de beleza, quando meu marido está em casa para cuidar das crianças. Como o imóvel está à venda estamos aqui temporariamente, em junho vai vencer o aluguel social e temos que voltar para nossa casa.

Estamos procurando outra casa para continuar na prorrogação do aluguel social por mais um ano, mas ninguém aceita uma família com cinco cachorros. Porque para voltar para nossa casa em junho, vai ser no inverno, e se der nova enchente vai entrar água no pátio. O pátio é mais baixo, perto do rio, mas não podemos aterrar pois é

proibido. Vou de tempos em tempos lá para limpar a casa e limpar o pátio, não podemos abandonar por causa do mosquito da dengue, mas dá um aperto no coração. Assim não temos ainda solução no momento.

O Ministério Público ainda não nos obrigou a sair de nossa casa, mas a Prefeitura nos deu a opção de ir para o loteamento Santa Maria II, no bairro Carlota. Eu e meu marido fomos lá para conhecer a região, mas voltamos preocupados com a violência, tem polícia circulando com arma na mão, tem gente vendendo droga na esquina, de vez em quando aparece um morto, quem quer criar os filhos assim? Lá a escola é muito longe, aqui a escola dos meninos é perto, eles vão de bicicleta. O Navegantes é um bairro muito bom, tranquilo, você pode deixar a moto na rua quem ninguém mexe. Além disso, para receber uma casa a renda tem que ser menos de R\$ 2.000, nós não nos enquadramos nessa faixa, mesmo que meu marido tenha renda irregular na obra e com o nenê e não estou trabalhando muito como cabelereira.

Outra opção é que os moradores tiveram uma reunião com o atual prefeito que anunciou que as famílias com possibilidade de construir uma casa nova teriam a opção de receber um terreno em outro local da cidade para mudar. Não que nós tenhamos condição para construir, mas esta seria uma outra possibilidade que até agora não saiu da conversa. Meu marido trabalha em obra, assim, se tivéssemos um terreno, com ajuda de amigos e parentes para o material, a gente poderia construir no começo apenas uma peça grande com banheiro, que já seria melhor que morar lá embaixo na enchente.

Tendo passado agora um mês da nova gestão ninguém da Prefeitura mais fala disso, só anunciam que vão fazer obras no Navegantes, arrumar as taipas. Não sei se não estão nos levando em banho-maria para evitar que a gente faça escândalo na frente da Prefeitura.

Mas acho que o Navegantes não tem mais jeito, a natureza mudou o curso, o rio já tem um novo leito, está assoreado, as enchentes só vão aumentar. As próximas enchentes vão ser ainda mais fortes que essa e não quero mais passar esse risco. Aquele bairro não deveria mais ser habitável. Algumas famílias saíram de lá, foram morar em outra parte da cidade com aluguel social e alugaram a casa deles no bairro bem barato. Por isso já tem alguns novos moradores lá que não conhecem o rio. O que eles vão fazer se der uma nova enchente?

Como fica o psicológico de quem passou por isso e vai ter que conviver com novas enchentes? Quem nos ajuda no bairro é o promotor estadual Dr. Erico Barin, ele sempre escuta o que temos a dizer. Mas na hora de pedir voto no ano passado, os candidatos passaram no Navegantes e prometeram que poderíamos receber ajuda para sair de lá, quem quisesse sair poderia sair, e agora que mudou o ano, nada. A luta dos moradores ali tem mais de 20 anos, naquela época ainda dava para fazer melhorias, mas agora não tem mais jeito, as enchentes vão ser cada vez mais fortes. As pessoas boas foram anjos que nos ajudaram, aos voluntários só temos que agradecer. Os outros moradores da cidade se alegram quando tem uma chuva, uma chuvinha boa para dormir, mas para nós é um pesadelo. Com chuva eu acordo de madrugada, levanto, vou olhar o pátio e vigiar o rio.

Figura 72: danos ao patrimônio (maio de 2024)



GILMAR PEDRO SEVERO KONEGER

Alpinista industrial, chef de cozinha, morador do Bairro Navegantes,
município de Santa Cruz do Sul
Registro em 16 de fevereiro de 2025

Comprei este terreno de esquina em 2014, tinha um chalé de madeira na altura da rua. Como já passamos por diversas enchentes aqui no bairro, desmanchei o chalé e aterrei em meio metro para subir o nível do terreno. Depois construí a casa com segundo andar, em cima de pilotis, para não alagar. Mas em abril a chuva foi muito forte, deu mais de 200 mm e foi muito rápido. Jamais imaginava que ia dar uma enchente que chegasse em um patamar absurdo como esse. Começou a entrar água na minha casa às 5h da manhã na terça-feira dia 30 de abril. O vizinho me alertou e colocamos as coisas do térreo em cima das mesas. E de tarde começou a chover absurdamente, a água foi subindo e saí a pé, com água na cintura, nas casas da vizinhança para acolher as pessoas no segundo piso da minha casa.

Algumas pessoas idosas na vizinhança com dificuldade de locomoção, tivemos que arrombar a porta porque tinha inchado com a água e carregar até aqui. Assim como alguns vizinhos que tem casa de dois pisos, acolhemos estas pessoas, demos toalhas para elas se secarem e emprestamos roupas. Alguns vizinhos tiraram seus carros que estavam na rua e colocaram aqui no pátio porque é mais alto, amarramos os carros para a correnteza não levar. Todo mundo ficou assustado. Fiz um almoço para os abrigados aqui em casa e ficamos esperando.

Figura 73: água subindo no pátio dia 30 de abril de 2024



Fizemos contato com a Defesa Civil, Bombeiros, mas não pareceram. No final da tarde, ali pelas cinco horas, foram os pescadores que tinham bote próprio que vieram nos buscar. Levavam a gente até a parte alta da Rua Irmão Emílio. Eu me voluntariei para ficar em um bote e ajudar a resgatar pessoas que ainda estavam dentro de

casa, famílias com crianças, pessoas idosas. Todos foram acolhidos pelo pessoal da Prefeitura, abrigados no ginásio ou foram para casa de parentes. Eu também saí daqui de casa por causa do risco, podia ter ficado, mas estava muito perigoso. Ninguém sabia até onde ia chegar a água, lá em Sinimbu a água cobriu as casas, se viesse para cá com aquela força ia varrer o bairro. Cortaram a luz e a água como precaução, achei melhor sair e me abrigar em casa de parentes.

Figura 74: água subindo na Rua Irmão Emílio dia 30/04/25



Voltei três dias mais tarde, outros moradores ficaram mais tempo fora, a água não chegou a invadir a parte de cima da minha casa. Houve um acolhimento muito bonito pelo setor público, pela Prefeitura, mas também pelos voluntários, por grupos religiosos e pela própria UNISC. O pessoal vinha limpando de porta em porta com lava-jato, tinha virado um cenário de guerra. Parecia uma guerra por aqui, tudo coberto de lama. Depois o pessoal percorria todo dia as ruas e vinha trazer almoço, a janta e compartilhava um abraço. Perdi um armário, o carro está com problema até hoje, mas consegui salvar um freezer e a moto.

Figura 75: lodo cobrindo o pátio pós-enchente (maio de 2024)



Tivemos ajuda tanto pela Prefeitura e voluntários, teve até voluntários de Minas Gerais atuando aqui, para lavar aquela lama. No início foi utilizada a própria água que estava por aqui, porque a água encanada foi cortada. Depois o pessoal da Prefeitura trouxe tanques com água para a limpeza, os voluntários trouxeram até ferramentas para nos ajudar. Eu não tenho animais domésticos, mas aqui na redondeza tinham gatos e cachorros em cima das casas.

Acho que foi um acontecimento extraordinário. Enchentes pequenas a gente estava acostumado, por exemplo, na enchente de 2010 tinha aqui no terreno um chalé na altura da rua e a água subiu 30 ou 40 centímetros. Essa enchente de 2024 foi um absurdo, aqui em casa subiu 1,40 metros, mas ao nível da rua teve casas que chegou a 2 metros de altura a água. Não tinha medida de prevenção que teria impedido essa enchente. Inclusive ela não atingiu apenas nós aqui no bairro Navegantes, a água subiu até a parte mais alta do bairro da Várzea, chegou até ao asfalto da rodovia. Foi inundada a rodoviária de Santa Cruz do Sul que fica na beira da estrada e grandes empresas no entorno que tiveram que remover o seu parque de veículos.

Estão sendo feitas várias melhorias no bairro, por exemplo, estão sendo reforçadas as taipas na beira do Rio Pardinho. Temos uma associação com um presidente muito ativo aqui no bairro, que está sempre atrás de buscar melhorias. Diversas famílias tiveram suas casas interditadas e precisam acessar algum programa do governo para ter moradia. Ali do outro lado da rua tem diversas casas com cartaz na frente proibindo a reocupação. A casa está lacrada. A família comprou o lote com um chalé de madeira, aterrou

para erguer o terreno e construiu a casa de alvenaria, mas com as rachaduras a Defesa Civil condenou se não for feita uma reforma. São quatro pessoas que por enquanto estão morando com aluguel social em outra parte da cidade, mas o aluguel social foi anunciado só para um ano, se nada acontecer vai ter que ser prorrogado. Provavelmente a casa vai ser demolida.

O que aprendemos é que temos que prevenir, se chover de novo, temos que nos prevenir, erguer os móveis, alertar os vizinhos, confiar nos alertas da Defesa Civil que se comunica com os moradores do bairro via celular. Para mim, o aprendizado mais importante com esta enchente foi a solidariedade, o acolhimento após o desastre por pessoas que a gente nem conhecia. Foi uma lição de vida a ajuda mútua que recebemos e participamos.

Figura 76: entorno da casa pós-enchente (maio de 2024)



MAIQUEL ROOS E DANIELE ELLWANGER

residentes no bairro Navegantes
Registro em 21 de março de 2025

Nosso relato provavelmente vai ser um pouco diferente de outras famílias porque somos preocupados com a adaptação com o rio e tentamos ser o mais precavido possível. Compramos esse terreno de fundos com o Rio Pardinho com um chalé a oito anos atrás, e aos poucos fizemos a reforma para a casa de alvenaria onde moramos hoje. Aterramos para ficar na altura máxima da enchente de 2010, que foi a mais forte que o pessoal aqui no bairro vivenciou. O piso da casa está alinhado com a altura da escola municipal Guido Herberts, na entrada do bairro Várzea, que é o ponto costumeiro de encontro nas enchentes e que não alaga.

Maiquel trabalha na logística de uma papelaria que atende escolas e empresas na Região dos Vales, desde Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Lajeado, Cruzeiro do Sul, até Estrela. Nas enchentes de 2023 viu pessoalmente a destruição no Vale do Taquari e sabia do risco do excesso de chuva. Foi encarregado de levar doações para aquela região e fez vídeos e áudios para registrar os danos que veio para Daniele, registrando os riscos de morar na beira do rio.

Sabíamos que um dia podia acontecer algo aqui no bairro e queríamos estar prevenidos, mas achávamos que se desse uma enchente forte ia subir no máximo uns 10 ou 20 centímetros acima do piso em nossa casa. Pois quando dá enchente aqui do Rio Pardinho, na verdade o que alaga é a reta da pista da rua Irmão Emílio, que

fica numa baixada entre os bairros Várzea e Navegantes. Aí o Navegantes fica ilhado, o caminhão do Exército faz o trajeto entre os dois bairros para que os moradores possam ir trabalhar, mas, as residências do bairro Navegantes não têm histórico de alagar.

Vinha chovendo forte a dias e durante todo o final de semana. Na segunda-feira dia 29 de abril, Daniele tinha aula à noite na UNISC, incluindo duas provas. Ela comentou que talvez não conseguisse chegar ou que a universidade poderia cancelar as aulas, mas Maiquel argumentou que as provas estavam marcadas e seria importante participar. Depois das aulas, como em outras enchentes, eles iriam juntos com o filho para a casa de parentes na cidade de Vera Cruz para pernoitar e evitar o transtorno de depender do caminhão do Exército para sair do bairro no dia seguinte.

Daniele foi com o carro para a universidade, saindo do bairro antes que a água cobrisse a rua Irmão Emílio. Mas a água não parava de subir, o rio nos fundos da casa estava muito violento, Maiquel reuniu objetos pessoais e, ao invés de esperar, saiu do bairro com outro automóvel levando o menino até Vera Cruz. Daniele depois da aula foi direto para Vera Cruz antes que cobrisse o dique da RSC 490. Por causa desta saída preventiva, não levantamos os móveis ou guardaram os eletroeletrônicos, a casa ficou aberta para os fundos para liberar os cachorros, mas com os móveis no lugar.

Na madrugada da terça-feira a vizinha enviou mensagem pelo whats que estava entrando água na casa deles pelo portão da frente, não estava vindo pelos fundos com o rio. São um casal de amigos que mora ali de aluguel, eles avisaram que iam se abrigar em nossa

casa que é mais alta. Eles vieram para se abrigar na nossa casa e juntaram os objetos e aparelhos em cima da cama. A cama acabou flutuando com a água, muita coisa foi salva, os cachorros ficaram em cima do sofá que flutuou e assim eles se protegeram.

Figura 77: imagem de busca e salvamentos (maio de 2024)



Ficamos assustados com as notícias pelo whats pois estávamos em outra cidade, sem saber o que estava acontecendo, sem saber se o patrimônio ia se perder com o desastre pois a água que desceu de Sinimbu foi muito forte. Nunca tinha entrado água na casa dos vizinhos. Às 6h00 da manhã na terça acordamos para ir trabalhar, mas o noticiário da televisão estava informando que a água tinha chegado na altura da escola Guido. Ficamos em contato pelo whats com os vizinhos ilhados e questionamos por que ainda estavam no bairro, responderam que não tinha como sair, não estavam passando barcos, não tinha resgate. Enviamos mensagens para as rádios e redes sociais informando que ainda tinha famílias no bairro Navegantes que precisavam de resgate. Como os bombeiros e a Defesa Civil não tinham barco, foram os pescadores com mais experiência que vieram com seus barcos para tirar as pessoas ilhadas na sede da associação de moradores, que é o ponto mais alto do bairro.

Na região em geral, foi muita sorte não morrer mais gente. Porque ninguém imaginava o que ia acontecer. As famílias que já moravam a muito tempo no bairro achavam que ia ser apenas mais uma enchente, que precisavam levantar os móveis, depois ia passar, por isso não saíram de suas casas. Hoje estamos mais experientes, mas ninguém esperava uma enchente tão forte.

Ficamos sem contato visual da casa por dias, recebendo notícia dos vizinhos na quinta-feira dia 2 de maio que estavam passando de barco e tiraram algumas fotos mostrando que dentro da casa a

água chegou a 1,20 metros. Na sexta-feira dia 3 de maio retornamos porque a água tinha baixado, deixamos o menino com os parentes em Vera Cruz para não assustar com os danos. Tinha uns 20 centímetros de lama cobrindo tudo, não tinha como entrar em casa, a água virou tudo. Como não tinha água nas torneiras, colocamos uma bomba no rio e começamos a lavar a garagem e a casa. O lodo foi aproveitado para aterrar o pátio e o jardim, depois plantamos grama por cima. A arborização que tem nos fundos do terreno ao longo do rio fomos nós que plantamos, por isso não houve desbarrancamento ali, o rio não ficou mais largo.

Muita gente diz que os danos são só materiais, é só tijolo. Mas para nós que construímos aqui cada parede, instalamos cada porta, conquistamos esse patrimônio que temos aqui em quatro anos, não é só tijolo, é o nosso lar. Nós nunca ganhamos nada, tudo foi conquistado pelo nosso trabalho. Alguns móveis conseguiram salvar, foram lavados e higienizados ao longo de semanas para estarem limpos porque tinham sido comprados a pouco tempo, estávamos pagando as prestações. Mas como não tínhamos experiência com enchentes, ficamos felizes com os voluntários ajudando na limpeza que jogaram fora o micro-ondas e a geladeira, hoje sabemos que poderiam ter sido recuperados.

Não tinha energia elétrica, não tinha como preparar comida, assim recebemos marmitas e água potável. Acessamos o auxílio de R\$ 5.100 do governo federal. Nós recebemos muita ajuda, de amigos, de parentes, de colegas de trabalho, de pessoas que não conhecemos, foi muita ajuda. Ficamos admirados com moradores de Santa

Cruz passando aqui na frente e oferecendo ajuda. Nós já tínhamos visto pelo noticiário desastres em outros lugares, mas a gente não imagina que pode acontecer conosco. Hoje sabemos da importância do trabalho voluntário.

Figura 78: imagem da perda de patrimônio (maio de 2024)



O casal de vizinhos se mudou para outro bairro, tem novos vizinhos alugando aqui do lado. Recomendaram aos amigos não voltar por causa do risco. Perder a gente perdeu muito, recuperamos muita coisa em um ano, mas na verdade hoje o pior de tudo é a incerteza. A gente não sabe o que vai acontecer, o que a gente vai fazer. Não sabemos se vamos ganhar uma casa que a Prefeitura fala. E se tiver casa pela Prefeitura, a gente não sabe se vai aceitar porque não queremos

ir para aqueles lados do loteamento Santa Maria II.

A incerteza do que vai acontecer tem sido o pior sentimento. Tem obras e investimentos para fazer em nosso imóvel, aí ficam em dúvida se vale a pena continuar gastando o dinheiro, porque se tivermos que sair perdemos o investido. Vale a pena ou não trocar a porta dos fundos? Morar num lugar que você não sabe se vai ficar a longo prazo é muito ruim. O pior é que não tem uma posição clara da Prefeitura de qual vai ser o futuro do bairro. Até tem comprador interessado na casa, mas eles vão oferecer um preço tão baixo que não conseguimos comprar outro imóvel adequado. Se tivesse um terreno ou uma casa em localização boa pela Prefeitura, a gente até poderia sair, mas não temos clareza de um plano concreto. E se sairmos dessa casa sem que tenha demolição, em poucos dias vai ter gente ocupando aqui.

Esse bairro em que moramos é muito tranquilo, gostamos muito de morar aqui. É um lugar que sempre sonhamos para criar nosso filho, tirando esse desastre do ano passado, aqui é muito bom, os vizinhos são muito bons, não temos um portão na frente porque nunca tem perigo. Quando voltamos do trabalho na cidade no verão, aqui é alguns graus mais fresco por causa da arborização e do rio. Quem mora aqui no Navegantes gosta muito, então para sair teria que ter um plano para mudar a comunidade toda, morar as mesmas famílias umas perto das outras. Não queremos ir para algum loteamento onde ficamos sozinhos, sem saber quem vão ser os vizinhos.

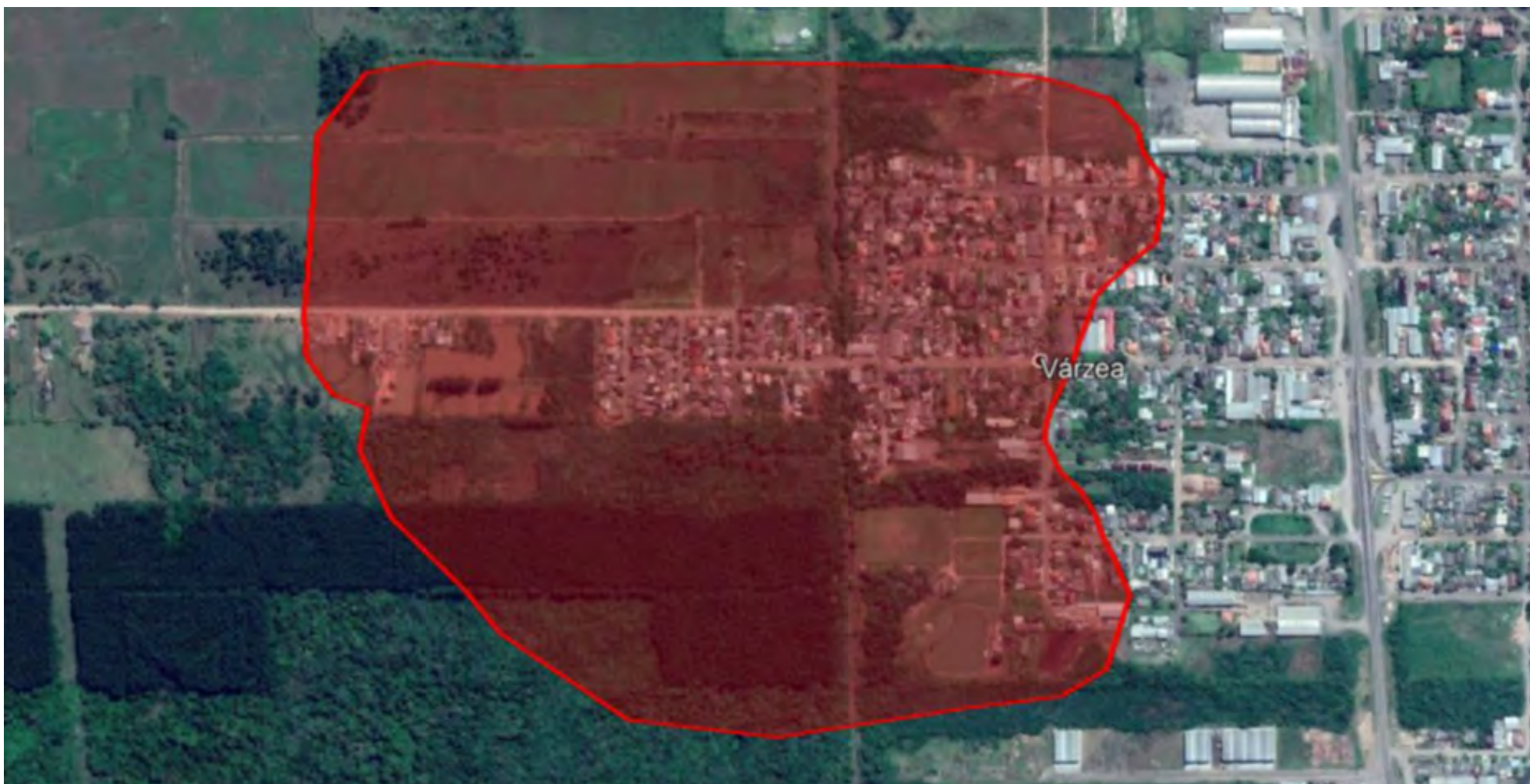
Para quem é de fora é fácil questionar: “Porque que vocês moram no Navegantes? É muito ariscado”. Mas, só quem mora aqui sabe como é agradável e tranquilo o bairro. Além disso, se vender

o imóvel por preço baixo não vai conseguir comprar em outro lugar bom. Durante a campanha eleitoral teve muita conversa, muito boato, mas até hoje não tem uma proposta concreta pela Prefeitura, nenhum mapa, uma planta ou uma foto de como seriam as casas. Não teve reunião com os moradores, não tem um processo de planejamento que nos dê uma segurança. Sabemos que a Prefeitura não é obrigada a dar uma casa nova, mas se querem que os moradores saiam daqui deve ter um processo planejado. Por exemplo, até hoje não foi feita uma avaliação das residências no Navegantes. É muita incerteza. O bairro não é uma invasão, todos temos escritura e matrícula, a Prefeitura teria que estar negociando com cada família para sair, mas nada está certo, a Prefeitura não tem um plano. E se nos tirarem daqui, dali a pouco tem outros morando aqui.

Um elemento importante para lidar com a incerteza para o Maiquel é participar ativamente da associação de moradores do bairro, onde são debatidas as demandas e repassadas informações sobre as negociações com a Prefeitura e o Ministério Público Estadual. Outra adaptação foi instalar câmeras na frente e nos fundos da casa, voltadas para o rio, cuja imagem pode ser vista pelo celular e dá uma sensação de maior tranquilidade quando fora de casa.

Para Daniele o aprendizado foi resgatar a confiança no ser humano. “Pode ter pessoas ruins pelo mundo, mas tem muito mais gente boa, que ajuda em caso de necessidade”. Outro aprendizado foi a importância do voluntariado, de ajudar os outros em um caso de desastre. Achemos muito importante a experiência da ajuda que recebemos de pessoas que não nos conheciam.

Figura 79: Delimitação da área afetada pelas cheias no bairro Várzea, município de Santa Cruz do Sul



Fonte: UNISC (2018, p. 62)

SINVAL SILVA

Mecânico de manutenção, bacharel em geografia, aposentado, morador do Bairro Várzea, município de Santa Cruz do Sul
Registro em 13 de fevereiro de 2025

Sou de Encruzilhada do Sul, mas fui criado por um casal em Santa Cruz do Sul que não tinha filhos, eles criaram sete filhos adotivos. Eles me deram estudo, frequentei o Colégio Goiás, depois fiz curso Técnico em Mecânica no SENAI. Em 1966 comecei meu primeiro emprego em empresa fumageira no centro, na Avenida Assis Brasil, hoje estão todas situadas lá fora no distrito industrial. Trabalhei 40 anos como mecânico de manutenção nas fumageiras, a gente ganhava bem para trabalhar de prontidão no sábado, domingo e feriado, de noite e de madrugada, para revisar as máquinas.

Casei com Terezinha Barreto da Silva, a primeira mulher negra a ser Secretária Municipal. Ela foi Secretária Municipal de Desenvolvimento Social na administração do prefeito Wenzel. Fomos casados por 52 anos e compramos o lote aqui. Naquela época essa área toda era um descampado e as famílias proprietários como os Spengler, Weiss e Ohland, fizeram loteamentos aqui na Várzea, os lotes ia desde a esquina onde fica hoje a padaria Ohland até a baranca do rio. Não tivemos filhos, mas temos 21 afilhados espalhados por toda cidade, a mais nova tem três aninhos, o mais velho tem 43 anos. A Terezinha era muito ativa na comunidade da Paróquia da Ressureição, era querida por todo mundo, deixou um legado muito bonito. Ela tinha o dom da palavra.

Compramos uma casa pré-fabricada de madeira da Madesati, na época uma novidade, material muito forte, está aqui até hoje, mais de 40 anos. A casa resistiu a essa enchente, porque essa porta da frente estourou com a força da água e com isso o rio ao baixar obteve vazão e não forçou a estrutura da casa.

Quando me aposentei, o primeiro ano foi muito bom, nunca tinha tirado férias, mas aí no segundo ano ficou difícil. Pensei: “O que vou fazer?” Vi uma senhora passando ali na frente com um livro debaixo do braço, pensei comigo: “É isso que vou fazer”. Fui na escola aqui no bairro e me inscrevi no EJA. Tinha uns amigos meus, a gente se encontrava todo final de tarde, deram risada, não acreditaram. Fui no armazém, comprei um caderno e disse com orgulho para a atendente: “Vou começar a estudar”. Os amigos não acreditavam. Fiz o EJA e depois fui na Escola Impacto e tirei o diploma de segundo grau intensivo. Todo mundo falava em fazer vestibular, fazer vestibular... Fui escondido fazer vestibular com 57 anos sem falar nada para ninguém. Mas na hora de preencher o formulário esqueci um código e aí a UNISC ligou aqui para casa, eu não estava, e assim a Terezinha ficou sabendo que eu ia fazer vestibular. No dia do vestibular perguntei a ela o que ela achava, ela disse: “Deus é que sabe, o que for melhor para você, Deus é que vai te mostrar”. Na terça-feira saía o resultado às 14h00 na rádio, e eu nervoso, esperando, deu 14h30 e nada. Estavam lendo os nomes e disseram “Sinval Silva” e eu flutuei, flutuei nas alturas. Peguei o telefone e liguei para a UNISC para confirmar se tinha mesmo sido aprovado, a moça olhou lá nas listas e dois minutos depois confirmou: “Sim, Sinval Silva está

aprovado” e eu disse: “Sinval Silva sou eu e vou dar três cambalhotas de alegria!”.

Figura 80: água subindo na Rua Irmão Emílio, 30/04/2024



Fiz curso de Bacharelado em Geografia, foram sete anos estudando por que só fazia três disciplinas por semestre. Tenho um galpãozinho no fundo do terreno, passei sete anos ali dentro estudando. Foi fantástico, se colocar uma fila de automóveis lá na rua não troco pelo conhecimento do estudo. A formatura foi em 2011, a minha alegria. Tem aquela caixa de papelão ali, foi só o que sobrou da minha

biblioteca, dos mapas, dos meus trabalhos, a enchente levou tudo. Saíram cinco carrinhos de mão de entulho dos meus estudos. Aqui tem algumas poucas fotos e alguns trabalhos de curso com a Profa. Karnopp, Profa. Virginia Etges, Prof. Silvio, Profa. Juçara, que estou secando no sol. Estas fotos que sobraram são dos trabalhos de campo e viagens de estudo que fizemos para a Serra, para Caxias, fomos até São Paulo e Rio de Janeiro, quase todas fotos se perderam.

Na segunda feira dia 29 de abril ouvi na rádio a prefeita de Sinimbu alertando para o grande volume de chuva nas cabeceiras do Rio Pardinho, era muita água. Nosso parâmetro de enchente é a igreja católica de Sinimbu, quando nos avisavam que está enchendo o piso da igreja sabemos que seis horas depois vai chegar água na nossa casa. A prefeita dizia que nunca tinha vista tanta água. Pensei comigo que ela é uma política nova, uma jovem, não deve conhecer as enchentes já passamos aqui, aquele de 2010 foi a mais forte, deve estar exagerando e não saí de casa. Não estava me sinto muito bem, faziam apenas cinco meses que tinha perdido minha esposa.

Mas na terça feira dia 30 de abril a água continuo subindo, já estava quase um metro de altura. Vieram afilhados me ajudar e subimos os móveis 1,20 metros acima do chão, mas a água continuava subindo e estava invadindo a casas deles também, tiveram que sair. Todos me chamam de Dindo, estou chegando aos 80 anos e sou conhecido aqui por Dindo. Eles disseram: “Dindo, vamos ter que te deixar, vamos ter que atender nossas casas”. Fiquei sozinho, coloquei uma cadeira em cima da mesa da cozinha, subi com o meu cachorro Dominic e ficamos ali esperando. Fiquei num desespero, fiquei gritando pela janela para os vizinhos por ajuda, mas estavam ocupados em salvar seus familiares.

Aí vi um barco passando na rua lá na frente com bombeiros e acenei com um pano branco pela janela e gritei por socorro. Eles me viram e fizeram sinal de que esperasse um pouco, senti um alívio no coração. Fiquei tranquilo porque sabia que alguém tinha me visto. Dali uns vinte minutos os dois bombeiros voltaram, mas não conseguiam entrar com o barco porque o portão da frente é muito alto. Assim vieram caminhando e me levaram com o Dominic até o barco. Nos levaram até a parte mais alta da rua Irmão Emílio, na frente da escola. Ali tinha um ônibus aguardando os moradores, mas a água continuava subindo e não deu cinco minutos o motorista nos apres-sou pra subirmos no ônibus e sair logo dali. O nível da água acabou subindo mais que aquele muro ali, subiu 1,85 metros. Nos levaram até o Parque da Oktoberfest, ali chamei um taxi e fui até a casa de minha irmã no residencial Bem Viver.

Figura 81: aviso de interdição pela Defesa Civil (maio de 2024)



Ficamos lá abrigados 40 dias, eu com o coração doído sem saber como estava minha casa. O meu vizinho aqui, um rapaz muito inteligente que montou aquela oficina mecânica, era quem monito-rava a água, circulava por aqui de barco e me ligava dando notícias se a água estava baixando. Finalmente foi um sábado que avisaram que a água tinha baixado e podia voltar, mas eu estava sofrendo com o medo do que ia encontrar. Deu um desespero, um desespero! Aí recebi uma ligação: “Dindo, é a Amanda, eu e Stefano estamos lim-pando sua casa”. Ela era um nenê, minha afilhada, que eu carregava no colo, agora estava me ajudando no desastre! Me deu um alívio! No dia seguinte, domingo, cheguei aqui e encontrei 17 pessoas lim-pando a casa, fiquei aliviado, imagine como estava meu coração de voltar e encontrar a casa em ruínas.

Tenho certeza que a enchente foi causada por causa de açudes lá em cima da Serram, acima de Sinimbu. Sei disso com certeza por-que veio aqui o pastor luterano, a mãe dele era muito nossa amiga, ele veio trazer alguns móveis e contou que viu dois açudes estoura-dos lá em cima da Serra. Por isso que veio essa água toda para cá.

A Prefeitura organizou um mutirão para cadastrar todos os moradores do bairro Várzea e acessamos a ajuda de desastre do Lula, comprei móveis novos, esse armário, rack, televisão, microondas. Ganhei de afilhados e de voluntários um sofá, móveis de cozinha e roupa. Da Prefeitura recebi uma porta nova e cestas básicas que vi-nham dos clubes Rotary e Lions. Parou uma camionete ali na frente, um casal que eu nem conhecia, me trouxeram uma cama e roupa de

cama. Consegui salvar parte da minha louça, consertar um freezer, uma geladeira, uma máquina de lavar e aquelas duas poltronas.

Quando eu estava estudando geografia fiz um levantamento de todos os moradores da baixada da Praia dos Folgados, hoje o bairro Navegantes. Fiz um levantamento de quantos moradores tinha ali, a quantos anos eles estavam morando, quantas enchentes eles tinham vivenciado. E agora com a enchente teve um grande rodízio de moradores lá, muitas famílias não puderam voltar porque as casas foram condenadas. Outros não queriam voltar e colocaram para alugar lá, mas o valor é muito baixo.

Aqui na Várzea agora é assim, se for para morar aqui, a pessoa não quer nem de graça, porque dá enchente. Só não vou embora daqui porque desvalorizou muito. Essa vizinha na casa ali do lado, ela não quer mais morar aqui, a filha dela casou com um rapaz de Rio Pardo e foram com os pais dele plantar soja em Roraima, ela quer ir morar lá. Colocou aquela casa para alugar, mas quer vender, está pedindo R\$ 140 mil mas não acha comprador. O que é uma pena, porque a Várzea é excelente lugar para morar. Aqui não tem violência, você está vendo aqueles carros estacionados na rua? Eles passam dia e noite ali, não tem perigo. Ninguém mexe. A creche ali só tem câmara, nem vigia tem.

Mas a enchente vem aumentando por causa da inauguração do Lago Dourado. O Lago Dourado são 120 hectares de água parada, esse espaço antes recebia a água quando chovia e descia lá de Sinimbu, agora não tem mais para onde ir e inunda tudo. Outro detalhe é

que a chuva tem ficado mais rara aqui em Santa Cruz, porque o lago reflete o calor do sol. Isso fiquei sabendo em 2009, quando estava lá na Serra no alto de Sinimbu, onde a UNISC tem uma área de conservação, e um rapaz que estava fazendo um estudo lá me disse para prestar atenção como a chuva está rareando em volta de Santa Cruz por causa do Lago Dourado, igual acontece lá no Paraná com o lago da usina de Itaipu. O pessoal que plantava ao redor do lago de Itaipu, eles venderam as terras e foram embora, porque o calor do lago reduz a chuva e não tem mais como plantar. Repare que tem chovido mais em Venâncio Aires, em Vera Cruz, em Sinimbu, e aí desce mais água na Serra, está chovendo menos em Santa Cruz.

Figura 82: imagem aérea inundação bairro Várzea, 30/04/24



Fonte: Lucas Germano Lange em Portal Gaz

ADRIANE SALETE GASS

Dona de casa, desempregada, liderança comunitária, moradora do
Bairro Várzea, município de Santa Cruz do Sul
Registro em 16 de fevereiro de 2025

Na segunda feira, 29 de abril, quando a gente viu a chuva recebi a ligação de Sinimbu de que estava chovendo muito na cabeceira do Rio Pardinho, era para avisar os moradores do bairro Várzea que a enchente ia ser muito grande, maior até que a de 2010 que tinha sido a pior de todas até então. Eles que me avisaram. Aí entrei em contato com o Tenente Barbosa da Defesa Civil. Depois comecei a avisar os moradores do bairro pelo whats, porque quando dá esse tipo de ameaça de chuva, de enchente, os moradores já começam a me mandar mensagens perguntando. “Tem notícia de Sinimbu?”, “Entrou em contato com Sinimbu?”, “Alguém avisou alguma coisa?”.

Aí eu avisei: “Ergam as coisas, saiam de casa enquanto dá tempo”. Inclusive minha mãe mora lá embaixo no bairro Navegantes. Quando falo do Várzea, incluo o Navegantes junto, porque para mim Várzea é o quadrilátero entre a estrada RSC 287, a RSC 471, a RSC 409 e as margens do rio Pardinho. Minha mãe tem quase 80 anos e mora lá na baixada, o neto que mora com ela estava de serviço no quartel. Avisei: “Tira ela de lá”. Mas ninguém achava que ia ser tão alto. Acabou que morreram os cachorros dela afogados, morreram os cavalos. E ela não morreu por muito pouco, porque os vizinhos socorreram.

Então muita gente achou que não ia ser tão alto e na hora H começou o desespero me mandando mensagem: “Adriane, me ajuda, estou com meu filho em cima da mesa, tenho nenê de colo, pelo amor de Deus a gente vai morrer”. E conforme a água foi subindo, no dia seguinte, o nosso pessoal daqui, dos Bombeiros, da Defesa Civil, os soldados do quartel, não estavam mais descendo a Rua Irmão Emílio para a baixada do Navegantes, porque não achavam seguro. Tanto para eles como para os moradores que iam ser socorridos de barco. Então nós ficamos aqui todos esperando por uma equipe especializada que veio de Porto Alegre. E quando essa equipe chegou, alertei: “Olha, tem gente com criança dentro de casa ainda, eles estão em cima da mesa, pelo amor de Deus tenta socorrer”.

Além de ter que erguer os móveis, depois perder tudo, a gente ainda tem que atender e socorrer os vizinhos e ajudar os outros. O vizinho aqui do lado que não tem casa com aterro gritava para mim da janela: “Adriane a água está entrando, a água está na minha cintura, ninguém vem me socorrer”. Mandeí ainda mensagem ao ex-prefeito Wenzel para vir ajudar os idosos. Quando vi um vizinho veio com o barco trazendo minha mãe. Todo mundo enfrentando a mesma situação, todo mundo tenta se ajudar.

A água foi subindo na madrugada de segunda para terça feira, dia 30 de abril. Minha casa é mais alta, a gente tinha esperança que não ia entrar água. Então sai da minha casa e vim aqui para o lado, a casa do meu filho é mais alta ainda. Ele saiu para ir trabalhar e quando ele chegou ali na frente da escola chamei ele de volta: “Olha, está entrando água na sua casa”. A água estava subindo e era tão forte, vinha com tanta velocidade, que parecia que a casa estava balançan-

do. Ele voltou e quando chegou aqui a água já batia na minha canela dentro de casa. Quando saí da casa só não me afoguei porque ele me apoiou de um lado e o marido de minha sobrinha do outro lado, porque não sei nadar, me levaram até lá frente na rua pelo corredor com a água no meu pescoço. Me levaram até a rua onde tinha um voluntário com um barco. E eu não conseguia subir. Tive que subir em cima de um carro estacionado, uma Fiorino, fraturei uma costela, para conseguir entrar no barco.

Figura 83: marcas da enchente em 30 de abril de 2024



Fomos de barco até a parte mais alta da rua Irmão Emílio, na frente do Clube Gigante, esperando pelo resgate das outras pessoas pela equipe que veio de Porto Alegre. No mesmo dia o meu filho, meu genro, meu companheiro e o marido da sobrinha voltaram de barco para salvar os gatos e os cachorros. E acabei indo com minha mãe para casa de minha tia, que nos abrigou.

Voltei para cá, aí teve a segunda enchente no dia 11 de maio, o Dia das Mães, e tivemos que sair de novo porque a gente não sabia o nível que ia dar essa nova enchente e fomos passar a noite no pavilhão da Oktoberfest. Aonde a maioria dos moradores do bairro ainda estavam lá, estavam lá desde 30 de abril. Muita gente está no aluguel social até hoje, não tem como voltar e a Prefeitura não sabe quando vai conseguir um local, se vai conseguir ou não um local para moradia.

Para dormir à noite não tinha mais nada, a Prefeitura distribui colchões e colocamos plástico no chão e o colchão por cima. A Defesa Civil começou a trazer roupas e cesta básica. Não adiantava a gente ganhar cesta básica porque ninguém tinha fogão ou bujão de gás, não tinha panela ou prato. A ajuda pela Prefeitura com um QG aqui na escola foi importante, onde as pessoas do bairro iam buscar marmitex de café da manhã, almoço e janta. Lá embaixo na baixada do bairro Navegantes as equipes iam entregando o marmitex nas residências das famílias que conseguiram voltar, eram poucos, porque a lama que ficou acumulada é imensurável.

Ficamos acompanhando: a água vai subir, não vai subir? Vai entrar, não vai entrar? Erguemos nossos móveis e saímos de casa. A enchente mesmo foi na quarta feira dia primeiro de maio. E quando a gente voltou, conseguiu entrar aqui, foi só no sábado, para começar a fazer a limpeza e tudo, tudo, tudo que a gente tinha virou lixo. Inclusive móveis que eu tinha comprado e estava ainda pagando. O que sobrou foi minha casa, e a do meu filho, vazias, e as peças de roupa no corpo. O resto tudo, tudo, foi fora, a exemplo do resto do bairro. A minha casa ainda ficou de pé, ainda é habitável. Mas muitos tiveram a casa interditada, ficou só o telhado de fora da água. A perda é igual para todos.

Tudo, tudo, dos objetos pessoais virou entulho. Inclusive os meus documentos pessoais só salvei depois de 14 dias quando consegui colocar para secar. A grande maioria de moradores perdeu tudo e teve que refazer os documentos na Secretaria de Assistência Social onde tinha um serviço especial com o Ministério Público Estadual para fazer registro de nascimento, certidão de casamento, identidade e CPF. O promotor Dr. Érico Barin esteve aqui pessoalmente no bairro, nos visitou para ver como era a realidade. Ele mesmo disse que muito pouco podia fazer frente à catástrofe.

O medo que fica é aquela coisa de enfrentar tudo isso de novo. A gente acompanha agora em fevereiro de 2025 o noticiário e vê as chuvas torrenciais em São Paulo e Santa Catarina. A gente sabe que o período de chuvas e de cheia na nossa região desse ano está chegan-

do e nada foi feito aqui no bairro, nada foi feito. As administrações têm que ter consciência que toda obra que é feita na região central da cidade deságua aqui. Agora tem essa promessa de um estacionamento subterrâneo no centro da cidade, a água existe, é a mesma água, e ela vai chegar mais rápido aqui quanto mais drenagem tiver. Tudo desagua aqui no bairro Várzea.

Figura 84: enchente na Rua Irmão Emílio 01/05/2024



Fica esse apelo: lembrem que a gente existe, que a gente ajuda a melhorar o município, que a gente arca com as consequências de todas as melhorias que são feitas na cidade. Depois nós somos

desrespeitados ao escutar: “Vocês estão morando lá por que querem, vocês estão na área do rio, na área das enchentes”.

Não é assim, nós já estávamos aqui, nós existimos, nós pagamos nossos impostos. Nosso IPTU é muito valorizado. A gente comprou, a gente pagou, a gente luta para adquirir o que perde a cada enchente e depois escuta: “Não, não é possível, não é viável, é muito caro fazer obras”. Lá no Navegantes são cerca de 150 casa, aqui no Várzea são cerca de 500 residências que inundam.

Figura 85: interior da cozinha pós-enchente (maio de 2024)



Muita gente lutou em 2001 para ficar na Várzea, depois da inauguração do Lago Dourado, porque é um dos bairros melhores para viver pela proximidade com o centro da cidade. Não temos violência aqui. Mas nos proibiram de aterrar os terrenos, proibiram novas edificações, nos proibiram de nos adaptar. Nosso problema são as enchentes que se agravaram, não por causa da natureza, enchente sempre teve, mas por causa de obras sem licenciamento ambiental do Lago Dourado. Nossas casas desvalorizaram, casas que valiam R\$ 300 mil ou R\$ 400 mil, se hoje oferecer por R\$ 150 mil não vende. Ninguém compra e ainda criticam: “Porque a casa foi construída ao nível da rua, tão baixo?”. Antigamente não entrava água, ninguém é louco de construir uma casa baixa em área alagadiça se vai inundar na primeira enchente. A prova de que o Várzea não era assim está nas casas daquelas famílias que tiveram condições de subir a construção. E mesmo assim, estas casas erguidas estão inundadas e cada nova enchente o imóvel desvaloriza por ser área de risco. É risco, não por causa dos moradores ou da natureza, mas pelas obras do Lago Dourado. Quem tem condições vai embora, vai chateado porque o bairro é bom.

O que eu tenho a dizer para todos é que o bairro Várzea é um bairro esquecido. A 24 anos nós buscamos a limpeza do rio, o desassoreamento do rio Pardinho, e não temos resultado. Hoje, nada o que tiver que ser feito aqui em obras é emergencial, ou de emergência, porque nós buscamos soluções, nós alertamos tudo isso, a 24 anos. Alertamos para o que a gente acabou enfrentando na enchente de

abril do ano passado. Se tivesse sido feito algo antes, talvez os efeitos não tivessem sido tão grandes como foram. Graças a Deus não tivemos morte, porque fomos avisados antes, mas de madrugada acordamos com chuva e vamos andar pelas taipas para ver se o rio vai subir.

O bairro Várzea, além de ser um bairro esquecido, é um bairro doente, a maioria dos moradores aqui tem problemas de depressão, síndrome de pânico. Quando a maioria da cidade dorme com o barulhinho de chuva, tranquilamente, porque que é bom, aqui nós entramos em pânico e já começamos a contatar com o pessoal que mora em Sinimbu. Eles sempre foram nossa referência, agradecemos o pessoal de lá, eles nos ligam e dizem: “Adriane, avise o pessoal para erguer os móveis, tem muita chuva na cabeceira do rio, tem muita água para descer”.

O pessoal de Sinimbu para nós no Várzea é de suma importância para saber o que acontece por lá como aviso. A gente também agradece muito ao Ministério Público Estadual, que tem nos socorrido, que tem sido nossa voz, porque para muitas demandas a gente tenta entrar em contato com os governos de Santa Cruz, não só um, são muitos, a gente vem desde 2001 dessa luta, e às vezes não é recebido ou não é atendido. E a resposta para as inundações da Várzea tem sido sempre: “Não podemos fazer, custa muito caro, não vale a pena”.

Só que os governantes esquecem que o bairro Várzea existia antes de muitas das obras feitas no município. Antes da construção do Lago Dourado, antes da construção da UNISC, antes de cons-

truir o bairro COHAB, antes de criar o bairro Universitário, antes das obras para secar a Avenida Assis Brasil que inundava também, tinha a Várzea e a drenagem dessas obras vem tudo para cá. Só que 80% da água e do esgoto de Santa Cruz do Sul cai dentro do Arroio Lajeado que corta o bairro Várzea. Nem sequer a limpeza do Arroio Lajeado é feita. Tudo deságua aqui e nada é feito aqui. Depois de maio de 2024 vivemos um terror, nosso pânico é que as enchentes alcancem esse nível de novo.

Figura 86: imagem da Rua Irmão Emílio (1 de maio de 2024)



JURACI MARIA CONRAD e GLAUCI BEATRIZ KOPP

Vizinhas no bairro Várzea em Santa Cruz do Sul
Registro em 14 de fevereiro de 2025

Desde a enchente de 2001, cada vez quando chove muito, pedimos informações sobre o nível do Rio Pardinho lá de Sinimbu, no restaurante Quiosque que fica nas margens do rio. Conforme a água vai subindo lá, o Emerson vai monitorando e vai informando a Juraci, pois quando entra água no porão do restaurante, também entra água na nossa casa no bairro Várzea, por esse motivo, temos esse nível como referência.

Quando a água chega no seu limite máximo lá em Sinimbu ele me avisa pelo WhatsApp, aí se preciso for ainda temos tempo de 5 a 7 horas pra conseguir avisar parentes, vizinhos e amigos pra levantar os móveis ou até mesmo carregar tudo num caminhão e tirar das casas, até a água encher o bairro Várzea.

Dessa vez, segunda-feira 29 de abril, ele avisou que seria muito forte, porque tinha chovido muito nas cabeceiras, pois já tinha subido mais do que a última cheia e que já estava entrando no porão do Quiosque. Então já sabíamos que iria entrar dentro das casas, aí começamos a carregar tudo pra dentro da garagem, que já tínhamos construído mais alto.

Tiramos as portas internas e colocamos em cima de cavaletes, pra subir nossos pertences e não molhar. Na manhã do dia 30 de abril, fomos informadas que tinha subido 1 m a mais do que a enchente de 2010. Como a água já tinha descido de Sinimbu pra cá e

invadido as casas, não tínhamos mais o que fazer, a não ser sair das casas. Então saímos com água pela cintura e fomos até o mercado, onde o esposo trabalhava e começamos a subir as mercadorias para o segundo andar, onde eles moram, e graças a Deus conseguimos tirar tudo a tempo pra não perderem, antes das águas tomarem conta do mercado.

Figura 87: danos na sala (maio de 2024)



Foi tanta água que logo depois do meio dia tivemos que sair de barco, pois não tínhamos contato da situação de Sinimbu, pois lá não tinha luz, nem internet, foi quando minha filha me pediu pra sairmos, pois as águas tinham tomado conta do centro da cidade de Sinimbu.

A gente não fazia nem ideia de como estava em Sinimbu, só depois de ver os vídeos que tivemos certeza da real situação de lá. Como nós morávamos no interior de Sinimbu há anos atrás, a gente conhece bem lá, aí contaram que a água tinha baixado um tanto, antes do meio dia e as pessoas começaram a limpeza e de repente, em questão de uns 15 minutos, a água começou a subir novamente.

Na minha casa a água ficou 10 cm abaixo do forro, molhou tudo, mas também conseguimos salvar muita coisa, graças a ajuda de muitos amigos, conhecidos e familiares, que nos auxiliaram na limpeza das casas, outros trouxeram água de camionete, pois não tinha nas torneiras, trouxeram lava jatos, mangueiras e extensões, os que levaram as nossas roupas pra lavar, outros que nos doaram roupas, calçados, eletrodomésticos, camas, colchões e até mesmo fizeram doações em dinheiro, eu inclusive recebi uma boa quantia via pix, que uma amiga da minha filha fez uma vaquinha lá na Austrália.

Figura 88: limpeza no retorno (maio de 2024)



Ficamos uns dez dias abrigados na casa de parentes. Voltamos o mais rápido possível, por medo que saqueassem a nossa casa.

A casa da Glauci já foi construída bem mais alta do que o nível da enchente de 2001. Pensando na segurança, caso viesse mais enchentes, foi feito um sótão pra poder se abrigar. Ela morava na parte de trás do terreno em um chalé, naquela enchente de 2010. Depois o marido construiu a casa de alvenaria mais alta, porque achava que a água não podia subir acima do nível do asfalto da RSC 409, que liga Santa Cruz a Vera Cruz. Achávamos que aquela seria a altura máxima se o Rio Pardinho chegasse até aquele limite, ele iria se espalhar pros outros lados.

Figura 89: limpeza no retorno (maio de 2024)



Mas desta vez foi água demais, choveu fora do normal pra Linha Rio Grande e arredores em Sinimbu onde a água vai descendo e se juntando com o arroio Primavera, o rio de Rio Pequeno e o arroio São João que se juntam todos em Sinimbu.

A gente já está acostumado com enchentes de pequena proporção, mas nada comparado com essa, pois desta vez não parou de subir, cortaram a luz, a bateria do celular acabando e os vizinhos começaram a abandonar as casas conforme os barcos passavam. Nossa mãe saiu primeiro, de manhã, no barco dos bombeiros e foi pra casa de nossa irmã. Fiquei eu e minha filha, pois não imaginávamos que a água chegaria a essa altura, mas acabamos saindo pela tarde. Graças a Deus que vieram voluntários, que se tornaram anjos em nossas vidas, para resgatar as pessoas e os animais.

Infelizmente nestas ocasiões tem também algumas pessoas sem noção, que se aproveitam pra passear de jet sky, andam em alta velocidade, e não tem a mínima noção de que estão fazendo ondas, derrubando muros, portas e os pertences que as pessoas levantam dentro de casa. Fechamos a empresa onde trabalhamos, por esses dias, pois não tinha como trabalhar e ficamos limpando e cuidando nossas casas.

Quando voltamos para limpar, uma coisa muito importante nos chamou atenção, vieram muitos voluntários que se juntavam, faziam lanche, comida, e passavam nas casas, perguntando quantas pessoas tinha em casa e nos davam as marmitas, os lanches e a água.

Assim a gente não precisava se preocupar com isso, porque não tinha mais nada em casa para comer e beber. A gente via pelos carros que a maioria das pessoas que nos socorreram nessa hora, eram pessoas simples, porém com o coração enorme, que disponibilizaram do seu tempo e dinheiro para nos trazer comida e água e a essas pessoas seremos eternamente gratos.

Para você ver como são as coisas, a poucos dias atrás eu estava no baile no clube Gigante e um rapaz tocou no meu ombro e perguntou se estava tudo bem, se já havia me recuperado da enchente. A fisionomia não me era estranha, mas não sabia quem era e perguntei de onde o conhecia e ele disse que era um dos dois rapazes do barco que haviam me resgatado de casa, juntamente com meus cachorros e aí finalmente consegui agradecer a ele por ter nos salvado.

O que mais me marcou quando passou a enchente e voltamos a trabalhar na loja de material de construção foi que a gente não conseguia mais guardar um código na cabeça, tinha que anotar tudo, porque não conseguia mais se concentrar por causa do trauma.

Temos seguro das casas, que cobre vendaval ou incêndio, mas o seguro não cobre enchente, aí não recebemos nada. O seguro cobriu apenas a perda o automóvel que ficou preso na garagem. Até hoje a gente ainda procura coisas pela casa e depois lembra que a água levou. Muita gente acaba perdendo tudo, porque colocam fora, talvez pelo desespero da situação, mas não precisa, por exemplo, sendo madeira maciça e ferro, o móvel não estraga, pode ser usado

novamente. A geladeira, televisão e outros eletrodomésticos também podem ser secos e consertadas. A Glauci fez na casa dela a pia da cozinha de tijolo, revestido de azulejo, para não perder de novo, porque antes era de compensado e este não tem como salvar, e a Juraci já tinha feito a pia da cozinha de tijolo e agora mandou também fazer um roupeiro de tijolo.

Quando chove muito em Sinimbu a Prefeitura suspende as aulas, para que os alunos e os professores que moram no interior, ou mesmo aqui em Santa Cruz do Sul, consigam atravessar os arroios e rios e voltar para casa.

Temos uma irmã que trabalha como professora na Linha Almeida, no alto da Serra, e em Rio Pequeno, que quando chove muito precisa vir embora pra casa. Ela vem monitorando a altura do Rio Pardinho quando vem descendo, margeando o rio para retornar a Santa Cruz e nos avisa a quantidade de água que está descendo, para assim ficarmos de prontidão, para caso for necessário levantarmos os nossos móveis e se precisar sair de casa.

No primeiro momento, diversas famílias saíram do bairro e foram morar de aluguel em outros bairros e deixaram a casa aqui para alugar. Mas com o passar do tempo, todas as casas foram ocupadas novamente, pois o Várzea é um bairro muito bom de morar, pena que alaga. Para prevenir novas enchentes, aqui na Várzea tem que limpar e afundar o leito do rio, de fora a fora, desde Sinimbu a Rio Pardo, pois hoje não tem mais leito, o rio está totalmente assore-

ado. Deveriam aproveitar a seca para deixar o rio mais fundo tirando o cascalho regularmente, deixando o leito do rio livre e profundo e abrir mais galerias na RSC 409, evitando assim, que a água fique represada.

Figura 90: nível máximo da água em 30 de abril de 2024



Figura 91: danos ao patrimônio (maio de 2024)



CAROLINE DOS SANTOS

Bacharel em Direito, assistente administrativa na UNISC, moradora do bairro Várzea, município de Santa Cruz do Sul
Registro em 14 de fevereiro de 2025

Acompanhei pelas redes sociais os alertas do governo estadual de muita chuva, que poderia ocorrer uma cheia equivalente ou superior à cheia de 1941. Até então eu estava um pouco descrente do que de fato poderia acontecer. Já passei pelas enchentes de 2001, que não chegou a atingir minha casa, e a de 2010, que entrou na casa de meus pais e na minha em pequena proporção. Essa terceira cheia foi a maior de todas. Na minha casa deu 1,80 metros de água, e isso que a minha casa fica na parte um pouco mais alta da minha rua. Eu nunca imaginei uma enchente dessa proporção poderia acontecer.

Na madrugada do dia 29 de abril para o dia 30 acordei com a movimentação dos carros na rua. Boa parte da rua já estava tomada pela água e questionei os vizinhos se haveria necessidade de erguer os móveis e sair. Até aquele momento era só a movimentação na vizinhança, não vi bombeiros, nem a Defesa Civil, nada. Fiquei acompanhando a subida da água com outros vizinhos no entorno. Eu moro no terreno ao lado da casa dos meus pais. Acordei meu pai e ele estava tranquilo e me disse: “Não vai chegar até aqui”. Muitas pessoas não acreditavam, mas eu comecei a erguer as coisas na minha casa, depois na dele e na da minha vó. E a água continuava subindo. Aí juntei objetos que estavam na minha vista e que eram essenciais para mim, coisas do trabalho, de estudo, alguns livros, o que lembrei na

hora de tentar salvar e disse ao meu filho: “Salvamos o que deu, não há mais o que fazer, a água está subindo muito rápido.”

Figura 92: busca e salvamento, 30 de abril de 2024



Nunca imaginei que a enchente seria em uma proporção tão grande. Faziam apenas quinze dias que eu tinha concluído parte da reforma de minha casa, não queria sair dali. Na madrugada de segun-

da para terça-feira caminhei pelo bairro para acompanhar a situação. Na manhã de terça, bem cedo, tirei a minha avó e a minha neta de casa. Ali na rua Irmão Emílio havia a concentração de autoridades e barcos de voluntários, mas as outras ruas ficaram praticamente desassistidas, tanto que tive que solicitar o auxílio de um barco voluntário para ajudar a tirar meus pais de casa. Por volta das duas horas da tarde da terça-feira todos da minha família já tínhamos saído de casa e o bairro já estava completamente inundado, a água, surpreendentemente já estava na altura do meu ombro. Ficamos abrigados em casas de parentes por alguns dias, estávamos muito abalados e vulneráveis. Foi a primeira vez que cogitei a possibilidade de sair do bairro que nasci e que amo tanto.

Figura 93: água subindo na sala, 30 de abril de 2024



Comecei despretensiosamente a me engajar em prol do bairro quando a água baixou e muitos moradores tinham dúvidas do que ia acontecer. A Stefani criou um grupo no whatsapp para que houvesse a comunicação entre os moradores, até porque teve moradores que ficaram as três noites sem dormir monitorando as ruas, tentando manter a segurança das casas e nos informando sobre qualquer situação ou novidade. Havia relatos de saques das casas e consequentemente muitas preocupações dos moradores. A partir do grupo de whatsapp foram evoluindo as preocupações com o futuro do bairro e da nossa comunidade, então, fomos buscando saber quem era o presidente da associação do bairro, que teoricamente deveria representar os mais de 1.600 moradores que clamavam por respostas junto ao poder público municipal.

Os dias foram passando, o grupo foi crescendo, sem que o representante do bairro aparecesse, foi aí, que por iniciativa própria dos moradores, nos mobilizamos para buscar as respostas para as nossas angústias. Precisávamos de uma pauta bem organizada para buscar um diálogo com as autoridades. Organizamos uma primeira grande reunião dos moradores do Várzea juntamente com os moradores do Navegantes. Na área conhecida como bairro Navegantes, eles têm uma associação atuante, bem organizada, bem ativa e já conseguiram diversas melhorias para o local. Eles são os primeiros que precisam sair de casa quando dá enchente, e também são os últimos a retornar, então eles já tinham as suas demandas bem alinhadas. No Várzea eu percebi que muita gente estava perdida, sem ter clareza, sem saber onde buscar informações e especialmente sem

representatividade, então começamos a organizar esse movimento entre os próprios moradores.

Figura 94: vista de barco com água subindo, 30 de abril de 2024



A primeira reunião ocorreu no dia 17 de maio, no Clube Gigante, com um grande número de moradores e a presença de diversos secretários municipais, também o Prof. Wenzel e alguns vereadores. Nesse primeiro momento, pelo que pude perceber, o poder público também estava meio perdido. Assim como a nossa comunidade, eles também foram surpreendidos pela catástrofe, no entanto, nos ouviram com atenção.

Figura 95: vista da casa e entulho pós-enchente (maio de 2024)



Pautamos, por exemplo, a falta de equidade nas doações, dúvidas em relação ao repasse de recursos, obras de melhorias no bairro para minimizar os efeitos das enchentes, a demora da Defesa Civil em fazer os laudos técnicos das residências; algumas famílias que ainda estavam nos abrigos e perderam completamente as suas casas precisavam de um atendimento específico. Na época o Secretário da Habitação foi muito atencioso, atendeu as famílias mais vulneráveis no local e deu andamento às necessidades.

Tivemos vários resultados efetivos, mas outros assuntos estão pendentes até hoje, como por exemplo a construção das taipas na área do bairro Navegantes, o desassoreamento do rio, a canalização da rua Irmão Emílio, a colocação de galerias na RSC 409 para escoamento das águas das cheias. Somente agora, no início de 2025, foi anunciada a verba pelo governo estadual para desassoreamento dos rios e iniciada a limpeza dos bueiros e da canalização pluvial.

Nessa assembleia percebi que havia o risco do embate pessoal entre moradores, porque existe algumas questões pessoais entre determinadas vizinhos do Navegantes e da Várzea. Como morei a minha vida inteira no bairro e conheço muita gente, logo no início da reunião, quando os ânimos começaram a se exaltar em razão do individualismo de algumas pessoas, pedi a fala nesse momento à coordenadora da reunião e nem pensei muito, falei com meu coração: “Olha gente, eu moro aqui a minha vida toda, amo esse bairro e assim como muitos de vocês perdi tudo. Nós todos estamos na mesma situação. Mas se nós começarmos agora com embates pessoais, se nós nos concentrarmos no personalismo, no ego, não vamos chegar a lugar nenhum. Esse é o momento de baixar a guarda, esquecer as diferenças e lutar por um único propósito que é o nosso bairro”. Foi nessa hora que eu acabei tendo uma atuação mais ativa que surpreendeu muitas pessoas e ajudou a acalmar a reunião.

Formamos um comitê com representação do Várzea e junto com a Associação dos Moradores do Navegantes organizamos depois, meados de 2024, outras três reuniões com os secretários e a prefeita. Buscamos respostas para ações imediatas, por exemplo,

limpar os bueiros. Entendemos que o poder público tem restrições, por exemplo, certas canalizações ficaram entupidas e leva tempo para abrir o calçamento e trocar o encanamento. Outro assunto que debatemos foram os critérios para a entrega das doações, algumas famílias receberam mais doações que outras que estavam mais vulneráveis. A Prefeitura explicou que não tinha como controlar as doações, porque diversos grupos de voluntários, de igrejas e instituições privadas da cidade estavam fazendo a entrega direta nas famílias que eles tinham conhecimento. Para a próxima enchente eu acredito que precisamos organizar melhor e coordenar as ações de resposta e estamos articulando a criação de uma nova associação.

Nós já passamos por enchentes anteriores, mas nada dessa magnitude. Quem tinha condições de sair, foi embora do bairro, os que ficaram tem casa própria ou não querem sair. As pessoas receberam muita ajuda material, mas eu percebo que se instalou uma ansiedade, uma certa descrença em relação ao futuro. Precisamos resgatar o senso de pertencimento entre os vizinhos pois é um bairro excelente, localização geográfica muito boa, temos um comércio diversificado, com mercados, lojas, padarias, serviços diversos, empresas pequenas e grandes. Queremos a prosperidade para o bairro, queremos ver o bairro crescer. No entanto, eu vejo essa aflição nas pessoas quando chove, ou simplesmente quando há previsão de tempo chuvoso, existe um medo constante. Enquanto todo o restante da cidade dorme com o barulhinho da chuva, nós ficamos ansiosos e apreensivos. Tem crianças que quando retornaram as aulas estavam chorando no pátio da escola.

Percebo que hoje os moradores estão se reerguendo, mas quanto ao auxílio psicológico ainda precisamos curar as feridas emocionais e os traumas que ficaram da enchente, necessitamos desenvolver novas perspectivas nas pessoas. No pós-enchente teve casais que se separaram, teve famílias desestruturadas, alguns moradores ficaram doentes, este atendimento emocional ainda está deficiente.

Pelo que eu tenho conhecimento, quase todos os moradores receberam o recurso do governo federal de R\$ 5.100. Apenas algumas famílias não tiveram acesso, e nesse caso, foram orientadas a procurar o Ministério Público, para que o mesmo os auxiliasse com essa demanda. Os recursos do governo estadual, até onde sei, poucas famílias receberam. Algum tempo depois eu soube que um pré-requisito era estar cadastrado no CADÚnico até 30 de março de 2024. Quem se cadastrou depois (mesmo tendo passado pelo desastre climático) não recebeu, o que considero uma injustiça porque a catástrofe foi em abril e atingiu grande parte dos moradores. Alguns microempreendedores também receberam recursos do Sebrae. No QG da prefeitura montado na escola teve distribuição de marmitas, águas, cestas básicas, kits de limpeza e cadastramento de famílias para receber doações. Agora, fica ainda o desafio para a melhoria da infraestrutura do bairro.

Uma das lições que eu aprendi com essa tragédia foi o desapego material. Eu estava em processo de reforma da casa, colocando em ordem e doando lentamente algumas coisas que não me serviam mais. Porém, a enchente levou tudo, de uma vez só, trazendo de aprendizagem que o menos é mais. Para mim um chamado para viver de forma minimalista, pois as coisas materiais também são tran-

sitórias. Outro ensinamento foi retomar a fé no ser humano. Após a pandemia, que foi muito pesada pra mim em razão de um luto, eu estava descrente do ser humano. Me perguntava se com todo aquele desastre, a humanidade não aprendeu nada? E agora na enchente, vi pessoas que a agente nem conhecia nos ajudando, dependíamos de outras pessoas para praticamente tudo: desde escovar os dentes, até comer e se vestir. À tardinha, no dia 30 de abril, quando fui dar banho na minha neta, percebi que ela não tinha roupa para trocar. Isso foi marcante para mim, compreendi que sozinhos não somos nada nesse mundo. Quando baixou a água e começamos a limpar a casa, eu estava muito desestabilizada emocionalmente. Alguém que não passou por isso não imagina o quanto nos sentimos impotentes no momento em que se vê a construção de uma vida inteira destruída, coberta de lama e você e sua família dependendo do auxílio de outras pessoas para se ter um mínimo de dignidade, como por exemplo, água potável. Esses eu considero meus dois grandes aprendizados.

Figura 96: soldados removendo entulho (maio de 2024)



DOM ITACIR BRASSIANI, M.S.F.

Bispo Diocesano de Santa Cruz do Sul
Registro em julho de 2025

A Igreja Católica e a questão ambiental

No mês de junho de 2025, a Igreja Católica recordou os dez anos da publicação da Carta Encíclica “*Laudato Si’*”: sobre o cuidado da casa comum”, escrita pelo Papa Francisco. Ela aborda a temática ambiental, criticando o consumismo, o modelo econômico predatório e o desenvolvimento irresponsável, propondo uma reflexão sobre a relação entre os seres humanos e dos humanos com as demais criaturas, buscando um diálogo global para combater a degradação ambiental e as mudanças climáticas.

Neste documento – que é o primeiro da Igreja Católica focado na questão ambiental – o Papa se dirige à humanidade, a todas as pessoas de boa vontade, e não apenas aos católicos. Pede a cada pessoa que habita neste planeta uma conversão ecológica (revisão dos hábitos de consumo e reforma radical do modelo econômico), e apela às pessoas comuns para que cobrem dos políticos programas lúcidos e de amplo espectro de preservação ambiental. A carta foi escrita com base no diálogo entre vários saberes – ciências, filosofia, antropologia, sociologia, economia, política, espiritualidade, sabedores dos povos originários.

Logo após a publicação da Encíclica, em 2015, um amigo religioso polonês fez contato comigo, pois sentiu-se muito abalado e assustado com os dados e apelos da reflexão do Papa. Como cidadão

do leste europeu, que por tradição e condicionamentos culturais não tinha acessado informações mais sérias sobre a situação do planeta, mas sendo católico devoto ficou impressionado, muito preocupado, pelas constatações do alerta quanto à emergência climática decorrente do estilo de vida e do paradigma econômico hegemônico.

Uma questão delicadamente atual

As comunidades cristãs católicas estão marcando os dez anos da publicação desta Encíclica, e não o fazem pelo simples gosto de recordar um documento importante, mas para colocar de novo em pauta este tema, tão urgente quanto ignorado. Estas questões são essenciais, mas não encontram muito espaço na agenda das instituições governamentais em todos os níveis, a não ser quando ocorre um desastre, como o que feriu o povo e a terra da nossa região recentemente, e cujas feridas ainda sangram nas pessoas, comunidades, várzeas e encostas.

A celebração dos dez anos desse documento profético e questionador tem objetivo de recordar que esta pauta continua em vigor mais que nunca. O clima de alegre superficialidade que acompanha os pequenos remendos que insistimos chamar de reconstrução não demorará a cobrar sua conta. Algumas estratégias saudadas como salvadoras não passam de maquiagem que escondem as fissuras desse modelo agressivo e predatório de desenvolvimento, e não fazem outra coisa senão torna-lo mais ameaçador. Não nos ocorra dançar inocentemente sobre campos e pistas minadas...

Uma visão holística e articulada

Uma novidade que o Papa Francisco nos oferece é a articulação entre pensamento social e as causas sociais (igualdade e justiça social), a proteção dos grupos sociais mais vulneráveis (desenvolvimento humano integral) e cuidado e preservação do ambiente (justiça ambiental). Estas não são causas paralelas, nem conflitantes, mas diversas dimensões de uma única crise e diversas frentes de uma luta única. Integrando o desenvolvimento dos povos, a justiça social, o acesso a condições aceitáveis de vida pela população pobre e a preservação do ambiente, o Papa abre um horizonte unificador de todas as lutas e causas, em vista de um outro mundo possível e necessário, como anunciava profeticamente o Fórum Social Mundial.

Estas causas se articulam com o ambiente como um bem a ser guardado e preservado. Nas crises climáticas e ambientais, e nos desastres que as materializam, as populações mais vulneráveis do Sul Global são os primeiros atingidas. As catástrofes não fazem mais que conferir visibilidade às “veias abertas” da desigualdade social, que há muito tempo e em tudo, penaliza os grupos mais vulneráveis.

O ambiente é um bem comum, um direito da humanidade

No horizonte da espiritualidade cristã, o Papa Francisco convida os homens e mulheres de boa vontade, particularmente os cristãos, a olhar para a “família das criaturas” como boas em si mesmas, independentemente da sua utilidade econômica. Cada criatura – dos micro-organismos às galáxias – são portadores de dignidade, beleza, dinamismo e luz que, se forem eliminadas, tornam o planeta mais

feio, menos vivo, mais pobre e escuro. É miserável e danosa a ideologia economicista, que só consegue ver o ambiente como reserva inesgotável de recursos para saciar a fome de acúmulo e bem-estar de poucos.

Para o Papa Francisco, e para a Igreja católica como um todo, o meio ambiente é um precioso “bem comum”, não suscetível de uma apropriação privada absoluta. A esse bem comum têm direito todas as pessoas e todos os povos, mas, principalmente, os setores sociais mais vulneráveis e as gerações futuras. A miopia dos projetos que consideram o princípio de precaução e o licenciamento ambiental como fatores que limitam o progresso e o desenvolvimento acabarão apadrinhando as tragédias, que podem chegar a drásticas limitações para a sobrevivência da humanidade.

A imagem de uma “casa comum” usada e proposta pelo Papa é muito eloquente. “Casa” é o espaço do encontro, da convivência, da troca, da intimidade. A rua e a praça, o templo e a fábrica são importantes, mas é na casa onde se tecem as relações e onde se cultiva a memória dos valores duradouros e onde se alimentam as utopias e os sonhos. A casa não é o quintal, no qual, infelizmente descartamos e acumulamos entulhos, às vezes muito nocivos. Tratando o planeta como “casa comum”, estamos dizendo que nele não há lugar para o descarte, para os poluentes, para o descaso. O planeta como um todo é um ambiente doméstico, e não há uma zona externa, uma periferia na qual podemos despejar irresponsavelmente o lixo que produzimos.

As soluções são diversas e complementares

Na sua reflexão o Papa não aposta todas as fichas nas soluções individuais, nas iniciativas isoladas, como naquela imagem de que cada andorinha leva sua pequena porção de água para apagar um incêndio. A profundidade estrutural da crise nos pede muito que isso. Não se vislumbra um horizonte favorável senão na soma de forças entre as instituições de pesquisa (escolas e universidades), os setores tecnológicos (recursos e equipamentos), os organismos e movimentos sociais (instâncias de pressão e ação social e política) e as instâncias administrativas e legislativas locais, regionais e federais.

As decisões tomadas recentemente no Congresso Nacional para afrouxar as leis ambientais vão na contramão da história e é de uma miopia criminosa. A precaução ambiental não se opõe ao desenvolvimento, mas lhe conferem integridade e longevidade. Precisamos orientar-nos por um paradigma mais holístico e por uma visão histórica mais ampla, equidistantes da ditadura do tempo que se chama hoje e da necessidade de curtir e acumular o máximo e de forma individual e excludente. Decisões guiadas por vantagens a curto prazo têm vida efêmera e efeitos mortais duradouros. Este paradigma explora sem se importar se as gerações futuras vão ter um ambiente saudável. Essa a camisa de força que prende o projeto econômico e político de curto prazo, que acaba aceitando e promovendo a degradação ambiental.

Um aspecto não tão evidente da Encíclica, mas muito significativo, é aposta conjunta em soluções no âmbito das instâncias governa-

mentais e internacionais, como a conferência COP 30 que vai ocorrer neste ano no Brasil, em Belém do Pará. Mas, ao mesmo tempo, reforça a importância de iniciativas na base social, mais capilares e estão ao alcance de todos os cidadãos. Ou seja: propõe uma mudança do estilo de vida, de como classificamos o “bem viver”. A combinação entre as iniciativas de alto nível e a mudança de hábitos é um elemento muito importante nessa provocação do Papa Francisco.

Os primeiros frutos

A reflexão da Encíclica suscitou uma série de iniciativas, dentro da Igreja e fora dela. Estimulou novas ações, tanto no espaço da intervenção ambiental, como na economia. Há grupos que estudam a Economia de Francisco e Clara, procurando desenvolver uma economia em um paradigma mais respeitador, mais cooperativo, com as diversas forças sociais e da natureza. E há iniciativas que procuram divulgar novos estilos de vida, baseados na redução de necessidades e no consumo ético e feliz. A sobriedade é um caminho possível e bom, e consumir menos não significa limitação, mas expansão. Menos é mais!

O movimento “Economia de Francisco e Clara” (referência ao estilo de vida de Francisco e Clara de Assis) nasce da provocação do Papa a vários economistas jovens para pensar o desenvolvimento econômico em novos paradigmas. O paradigma atual se orienta pelo desfrute máximo da natureza, no mais curto prazo de tempo possível, considerando todos os bens como um simples recurso a ser

explorado para proveito individual. Até o trabalho humano passa a ser visto como um mero recurso.

A concepção da “Economia de Francisco e Clara” valoriza mais o dom que a posse, mais a partilha, cooperação e a associação que o consumo e o acúmulo. Nesse paradigma econômico e filosófico, tudo o que nos rodeia tem um valor em si, um valor que precede a utilidade comercial ou econômica. As criaturas valem pelo que são. Nesse horizonte, fala-se na necessidade do “decrescimento econômico” como antígeno para a ditadura do crescimento infinito do PIB. Assim, estimula a redução de necessidades, e recupera a sabedoria dos ancestrais e dos povos originários, inclusive de pensadores de fama incontestável.

Por uma ecologia integral

Na visão do Papa Francisco é urgente o desenvolvimento de uma “ecologia integral”, que supere o mero ambientalismo (defesa ingênua e simplória de algumas espécies animais e vegetais). Este conceito amplia e articula o cuidado com o ambiente com a ecologia relacional (convivência pacificada, superação do patriarcalismo), com a ecologia urbana cidadã (espaços privilegiados para a vida social em detrimento dos espaços de trânsito de máquinas e destinados a edifícios), a ecologia cultural (linguagens, comunicação e produções culturais de bom nível ético e humano), e a ecologia espiritual (purificação e integridade dos pensamentos, sentimentos e valores fundamentais).

Um movimento que antecipou esta necessária mudança de paradigma surgiu na década de 1990, patrocinado pelas cooperativas

do SICREDI. Refiro-me a um projeto educacional denominado “A união faz a força”, que produziu um livro a ser utilizado nas escolas públicas para a formação no princípio cooperativo. Questionando e desmascarando o mito moderno da “seleção natural” como mecanismo natural e inerente à natureza física, biológica e social, o projeto demonstra que é a cooperação, a coesão e a troca que possibilitam todas as formas de existência e de vida, do átomo aos ecossistemas naturais e sociais mais complexos. As formas de vida sobrevivem, se desenvolvem e multiplicam num incessante e complexo intercâmbio de informações e fluxos. As sociedades e grupos se afirmam, amadurecem e frutificam pelas redes de troca e cooperação. Basta olhar atentamente para o funcionamento dos organismos complexos e de qualquer organização social. A competição preda e mata; a cooperação e a troca diversificam e fortalecem.

Nos casos de desastre, assim como em nosso cotidiano, o Estado tem a tarefa de estabelecer os parâmetros gerais, as organizações de socorro emergencial, os projetos de recuperação e prevenção, as linhas de financiamento. Mas, uma sociedade adquire vitalidade e sustentabilidade quando não depende unicamente do aparato estatal, quando encontra e antecipa soluções para seu território e cobra dos governantes o que é de responsabilidade deles. Na emergência, o primeiro hospital, o primeiro socorro, é sempre o vizinho! Ele não é um concorrente, mas um irmão e parceiro! Uma sociedade é resiliente e forte quando conjuga boas instâncias estatais com uma visão social capilar e de longo prazo, com os organismos intermediários que dão efetividade a estes princípios da cooperação e da colaboração.

PAULO VALDIR MANS

Administrador, coordenador de microcrédito da Prefeitura de Santa Cruz do Sul, residente no município de Vera Cruz
Registro em 24 de março de 2025

O Banco do Povo de Santa Cruz do Sul foi constituído em 2010 por decisão da Prefeitura e aprovação pela Câmara Municipal para possibilitar ao município participar do Programa Gaúcho de Microcrédito. Atuo como coordenador desde então, participei de um processo de capacitação pelo Banrisul ao longo de seis meses, depois um mês em capacitação pelo Sebrae. O objetivo consiste em atender, assessorar e qualificar os micro-empresendimentos, formais e informais, para qualificar a geração e manutenção de postos de trabalho. O objetivo não é endividar o empresário, mas, assim como na agricultura, temos um adubo, o microcrédito, que precisa ser aplicado com cuidado, se a dose for muito grande, queima a planta, se for pouco, não contribui.

Nosso trabalho consiste em visitar individualmente cada um dos empresários interessados, realizar a extensão empresarial para conhecer aquele negócio, seus potenciais e dificuldades, e se for o caso, oferecer um crédito produtivo para contribuir no crescimento e fortalecimento do negócio. Sendo o caso, também encaminhamos por exemplo para atendimento pelo Sebrae ou Vigilância Sanitária no sentido de ajudar o empresário a girar e evitar o endividamento no cartão de crédito que é muito caro. Concluído o financiamento fazemos ainda visita de acompanhamento, para verificar como está indo o negócio.

As pessoas em geral entendem que empresário tem que ter MEI ou um CNPJ, não necessariamente. Pode ser uma cabeleireira, um pedreiro, trabalhadores autônomos informais, mas pode ser também uma pessoa que tem um emprego fixo e mantém uma atividade produtiva extra no fundo de quintal, uma segunda renda como jardineiro ou manutenção de ar-condicionado. Muitas vezes os empresários não sabem que existe esta ferramenta de crédito, somos diferentes dos bancos tradicionais onde a empresa tem que ter formalização, cadastro, histórico de faturamento e assim por diante. Integramos a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, temos uma infraestrutura física, instalados com escritório próprio no Parque da Oktoberfest, onde somos quatro colaboradores para atender os empresários. É importante que os interessados possam ir até o escritório para dar mais confiança, pois hoje em dia tem muitos golpes pela internet.

O Banco do Povo atende desde o trabalhador informal, a pessoa com MEI, o agricultor como nota de produtor, até microempresas. Temos linhas de financiamento para capital de giro, de até R\$ 20 mil, ou para capital fixo: compra de equipamentos, como ferramentas ou automóvel para ampliar os atendimentos. Para mulheres empresendedoras temos um desconto especial no financiamento. Temos o nome “banco”, mas na realidade somos uma unidade filiada à Instituição de Crédito Solidário – CREDISOL, organização sem fins lucrativos com sede em Criciúma/SC que tem franquias em 13 estados. A CREDISOL foi criada em 1999 por iniciativa da Agência de Fomento de Santa Catarina com apoio do Sebrae, como participante do Programa Nacional de Microcrédito Produtivo e Orientado do

Ministério da Economia.

O Banco do Povo é mantido pela Prefeitura de Santa Cruz do Sul, nós prestamos assessoria e orientação aos empreendedores, organizamos a documentação que é enviada à CREDISOL para liberação. A CREDISOL acessa os financiamentos do BNDES e do BRDE para microcrédito e repassa através das agências filiadas. Por isso temos que manter a inadimplência baixa, temos um dos melhores rankings do país, desta forma permitindo à instituição arcar com os compromissos junto aos bancos e manter o crédito disponível aos empreendedores. Atendemos não somente em nosso município, mas em todos os municípios da região do Vale do Rio Pardo. Nestes dez anos atendemos a cerca de 700 empreendedores na região, mobilizando mais de R\$ 40 milhões para girar na economia regional, dos quais 54% para serviços e 34% comércio, sendo cerca de 20% informais.

Na resposta após a enchente, em maio de 2024, a Prefeitura de Santa Cruz adotou um Programa de Reconstrução com vários eixos, o terceiro era “Revitalizar a economia local”. A Câmara aprovou recursos para subsidiar em até 90% os juros dos financiamentos pelo Banco do Povo, caindo para cerca de 0,3% ao mês, com carência de seis meses e até dois anos para quitar. Aprovamos 25 financiamentos em regime de urgência, fazendo visitas e preparando laudos, para atender empreendedores que tiveram suas instalações e equipamentos atingidos pela enchente, foram cerca de R\$ 2 milhões liberados. Em 2024, mesmo com o desastre, o Banco do Povo liberou cerca de R\$ 4,9 milhões para a economia local, valor superior ao de 2023. Importante destacar que as empresas apoiadas não tiveram que demitir funcionários, assim contribuímos para a manutenção destes empregos.

Nosso crédito é diferenciado dos bancos tradicionais, são exigidos apenas poucos documentos pessoais, não existe burocracia de cadastro, custos para abertura de conta, taxas ou similares. Sendo viável o financiamento, liberamos em cerca de quatro dias o valor, a ser quitado em carnê. Enquanto isso, o Programa Nacional de Apoio as Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) teve sua cota nos bancos tradicionais para a região esgotada em apenas 24 horas, lamentavelmente vários empreendedores atingidos pela enchente não tiveram acesso a esse financiamento com juros baixos.

Atuo ainda como presidente do Conselho Municipal de Agropecuária de Santa Cruz do Sul, e ali também tivemos uma mobilização forte pós-enchente. O município já estava recebendo doações de muitos lugares, como água potável, roupa e mantimentos. Mas, como ficam os animais no campo? Por exemplo ali os produtores de leite no rio Pardinho. Em uma propriedade a família mantinha 30 vacas e quando a água baixou ficaram somente com 10 vacas. Organizações parceiras fizeram doações em pix através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, enquanto empresas de ração mandavam lotes para alimentar as vacas que não foram levadas pelo rio. As pastagens foram destruídas, propriedades onde tinha silagem pronta a água levou tudo. Através de muitas doações, em dinheiro, em feno, e assim por diante, conseguimos alimentar muitos animais nas propriedades atingidas. Em algumas propriedades as lavouras na várzea estão cobertas de cascalho, gerando altos custos para a recuperação do solo, ainda há muito a fazer.

WANDOIR SEHN

Técnico em Agropecuária, Tecnólogo em Horticultura,
Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Regional, Agente
Territorial de Agroecologia/MDA, fotógrafo
Registro em 15 de junho de 2025

A enchente de abril e maio de 2024 me marcou bastante, tanto pelos impactos que causou na vida das pessoas, como pela materialização das mudanças climáticas na porta das nossas casas. O debate das mudanças climáticas já vem acontecendo há muito tempo, com os alertas dos cientistas do aumento da temperatura, chuvas mais intensas, etc... mas para muitas pessoas, principalmente aos agentes públicos, isso parecia conversa distante, ou por muitas vezes desacreditada. Ver isso acontecer sobre as nossas cabeças marca bastante.

Primeiramente, tivemos 3 anos de estiagem, que causou um grande impacto na região, sobretudo na produção agrícola. Os agricultores já se queixavam da dificuldade de produzir, da falta de água para os animais e para suceder essa seca acontece essa enchente, esse grande volume de água concentrada em pouco tempo, e se soma o despreparo dos municípios para estas ocasiões, desde os alertas pré-chuva e o planejamento das cidades, o auxílio durante este evento e a organização pós-tragédia.

Eu acompanhava uma defesa de tese na Unisc na segunda-feira, dia 29 de abril, pela noite, quando do lado de fora do auditório se ouvia a chuva cair em grande volume, lembro de olhar para os colegas que respondiam com um olhar apreensivo, pois precisavam

pegar a estrada naquela noite ainda de volta a suas cidades. Já se percebia que não era uma daquelas chuvas tradicionais.

No dia seguinte, logo pela manhã, as notificações pelas redes sociais mostravam o grande volume de água que chegava pelos rios, e com isso as pontes que começaram a cair e também a água que invadia a cidade de Sinimbu. Eu assistia a tudo isso seguro em minha casa, mas apreensivo do que estava acontecendo ao meu redor e preocupado com familiares, colegas e amigos. Contra a força da natureza, naquele momento, não havia muito a se fazer, a não ser se proteger, mas aos poucos, procurava encontrar maneiras de poder ajudar aqueles que haviam sido atingidos.

Neste período, participei de um grupo voluntário para preparar marmitas e lanches para os desabrigados e voluntários do bairro Várzea em Santa Cruz, e também em Sinimbu e Rio Pardo. Foi um momento de coletividade e ajuda ao próximo, pois era uma frente que precisava de apoio naquele momento. Preparamos mais 1000 marmitas, preparadas a partir de doações via pix. Contamos com o apoio de uma comunidade evangélica que disponibilizou uma cozinha para o preparo destas refeições e com este grupo de ajuda foi possível levar almoço e lanche para aqueles atingidos. Alguns com mais, outros com menos experiência em cozinha, mas todos motivados a ajudar. Lembro que até foi organizado com algumas crianças que preparassem mensagens de apoio e motivação, que eram entregues junto com as marmitas.

Pelas andanças no interior foi possível ver a força da natureza, pois as marcas ficam até hoje, principalmente perto do rio Pardinho. Conheci uma família de agricultores que mora no interior de Sinimbu que estava organizando uma agroindústria vegetal para preparo de conservas, aipim congelado e chips de aipim, tiveram praticamente toda produção perdida, a água invadiu a agroindústria destruindo a câmara fria e os produtos nela estocadas. Além disso, ficaram sem acesso as demais localidades e ao centro do município, pois as pontes e passagens não existiam mais. Pela movimentação do solo a própria casa conta com diversas rachaduras. Pude visitar algumas vezes esta família desde então e aos poucos estão retomando a produção, buscando se recuperar financeiramente, mas a cada chuva volta a preocupação, pois o rio está assoreado e as passagens ficam interrompidas...e o medo de um evento desses acontecer novamente.

Pelas andanças do trabalho acompanhei algumas ações das instituições públicas, principalmente sobre recuperação dos solos e das margens. Vejo que ainda há muito a ser trabalhado na conscientização da proteção do solo tanto das áreas de agricultura e pecuária, mas também das margens dos rios, que hoje se encontram sem proteção natural, com acúmulo de solo, pedras e areia. Voltar a plantar até o barranco do rio só piora o que já está crítico. Talvez essa é a hora (apesar de tardia) de se ouvir aqueles que diziam que era necessário um planejamento desta bacia hidrográfica. Um plano de ação conjunto entre os municípios para minimizar os efeitos, recuperar o que foi

atingido, e estabelecer um conjunto de ações de médio e longo prazo para proteger esta bacia, tanto para o período de excesso de chuvas como em períodos de falta. Claro que isto vai impactar a vida daqueles que se situam ao longo da margem, mas o impacto da violência da natureza é muito maior em momentos de enchente.

JOSÉ ALBERTO WENZEL

Geólogo, Mestre em Desenvolvimento Regional, ex-Vereador,
ex-Prefeito de Santa Cruz do Sul, ex-Chefe da Casa Civil do RS,
ambientalista, município de Santa Cruz do Sul
Registro em 30 de junho de 2025

Quando falamos da várzea do Rio Pardinho, estamos falando da planície de inundação do rio, nos referindo ao contexto de uma bacia hidrográfica. O Rio Pardinho nasce a 719 metros de altitude sobre o nível do mar no município de Barros Cassal e vem descendo por 107 quilômetros até chegar na foz em Vera Cruz na cota 17, passando nos bairros Navegantes e Várzea em Santa Cruz do Sul, ali a cota é de 30 metros. Temos assim a oscilação entre a cota de 719 para 30 metros, o que explica a força do rio ao se espraiar à jusante.

Cada morador da bacia hidrográfica do Pardinho tem uma opinião diferente sobre o risco das inundações, e cada um tem uma ponta de razão. Não existe uma causa única, nem um problema único para ser resolvido de forma simples, quando se fala nas inundações. Quem mais entende da várzea do rio são aqueles que ali moram. Podemos ter nossas opiniões e estudos técnicos, mas sempre devemos estar alicerçados pelas manifestações daqueles que convivem com o rio. Cada vez que chove aqui em Santa Cruz eu penso nas pessoas que moram nas margens de rios e arroios, particularmente nos bairros Várzea e Navegantes; fico imaginando a preocupação das pessoas que ali moram. Falar de fora para dentro da bacia hidrográfica

é uma coisa, falar de dentro para fora é outra, temos que chegar ao diálogo.

Nossa família veio do município de Cerro Largo, na região das Missões, e o primeiro lugar onde fomos morar aqui em Santa Cruz foi na rua Assis Brasil, perto de uma sanga. Me lembro de minha mãe preocupada com o pontilhão de madeira que tínhamos que atravessar sobre a sanga para chegar no centro da cidade. Depois fomos morar do outro lado da Sanga Preta, na área que hoje pertence ao bairro Universitário. Naquela época ali era o final da área urbana, a cidade terminava no Parque da Oktoberfest. Quando chovia muito a Sanga Preta inundava as baixadas, moradias, lavouras e pastos; a gente conviveu com as enchentes naquela região.

Gosto de ter essa memória, de conhecer o passado, mas expandindo nosso conhecimento para frente. Sabemos qual é o problema, cada um com seu ponto de vista, com seu viés, mas precisamos conversar detalhadamente sobre o que vamos fazer daqui para a frente em longo prazo. Esse é grande desafio, pois depois das inundações do ano passado estamos tendo uma grande oportunidade para buscar soluções ao invés de ficarmos sentados em cima do problema. Aproveitar esta oportunidade de forma sólida é nosso grande desafio. Precisamos promover a resiliência aos desastres, mas precisamos ir além disso.

Temos que resistir aos desastres, mas temos que pensar mais para frente, não podemos repetir os erros do passado. Lembro do programa PRÓVARZEAS, que nos anos 1960/70 retificava rios e

drenava várzeas. No município de Gravataí, região metropolitana, e em outros lugares, a opinião pública aplaudia quando eram canalizados os rios e drenadas as sangas. Foram cometidos verdadeiros crimes ambientais secando as várzeas sem critérios que levassem em conta o impacto na bacia hidrográfica como um todo. Estamos agora tendo que retornar às bacias para renaturalizar e recuperar a vegetação na margem dos rios. Temos que respeitar o rio; o rio não é um simples cano e não pode ser visto de forma isolada, está dentro de uma bacia hidrográfica.

Nesse sentido, a questão das várzeas não é um tema apenas para aqueles que moram lá, mas de todos nós que fazemos parte da bacia hidrográfica. Nossas cidades tem cada vez mais asfalto, mais telhados, que impermeabilizam a área urbana e a água da chuva vai cada vez com maior rapidez e mais força para a parte baixa da bacia, que é a várzea. O centro de Santa Cruz do Sul está em cotas de 60 a 80 metros acima do nível do mar, o Cinturão Verde ao lado vai até uma cota de 170 metros, assim é natural que a água da chuva desça até a várzea com uma cota de 30 metros. É uma questão na qual toda a comunidade deve se engajar.

Para avançarmos no desassoreamento dos rios na nossa região e em outras, precisamos primeiro de uma batimetria para conhecer o perfil hidráulico do rio, seguido do licenciamento ambiental. Não podemos sair por aí fazendo obras na sanga ou no arroio sem estudo prévio. Não devemos esquecer que a natureza é sábia, se a natureza formou uma curva no rio, vamos começar conversando com essa curva para entender qual o papel dela ali. Claro que em locais como

Sinimbu, de onde foram levados muros e grades de ferro para dentro do rio, esse material precisa ser retirado. Mas, achar que a grande solução que vai resolver todos os problemas é o desassoreamento, ou tirar as curvas e retificar os rios, constitui um erro.

Recordo que, com outras pessoas, percorremos o Rio Pardinho de ponta a ponta, em 1994, depois também o Taquari-Mirim. Somente assim você obtém um conhecimento detalhado do rio. Acelerar a velocidade de descida da água através de canalização, retificação e drenagem apenas transfere o problema das inundações para adiante no rio, não soluciona o problema. O aceleração da descida da água nem sempre é o melhor caminho. As enchentes de 2024 deixaram claro que a descida da água do Rio Pardinho está sendo acelerada por diversos motivos, como o assoreamento do rio ou a calha mais rasa e obras diversas. Notamos que a água está vindo com mais velocidade nos bairros Várzea e Navegantes a partir da passagem na rodovia RSC 287.

Por isso sou muito favorável a promover o efeito esponja das várzeas. Sou simpatizante dos piscinões ao longo da bacia hidrográfica. Os piscinões 1 e 2 que foram construídos em Santa Cruz do Sul, há quase vinte anos atrás, precisam ser aprimorados, mas mais do que isso, precisamos de um escalonamento de piscinões ao longo da bacia hidrográfica do Rio Pardinho. Precisamos conhecer a nova realidade do rio após o desastre do ano passado; vamos olhar o que está acontecendo hoje para pensar nas interações dentro do contexto da bacia hidrográfica. Cada vez que for proposto um novo loteamento precisamos dimensionar como as águas vão impactar na bacia; todo

loteamento tem impacto de uma forma ou de outra. Por exemplo, os loteamentos na região do Belvedere em Santa Cruz, estão relativamente longe da várzea mas tem um aporte de água significativo pela ocupação do solo nas encostas.

Uma pergunta que tem sido feita com muita frequência é sobre o impacto do Lago Dourado nas enchentes; ele influi ou não? Claro que influi, em parte, assim como todas as outras intervenções na várzea e na bacia hidrográfica. A urbanização, a construção de estradas e canais, a impermeabilização, a compactação do solo, o aporte de poluentes e efluentes; tudo influi. Mas precisamos estudar a relação de custo e benefício, também natural, de cada obra. Por exemplo, o remanso junto à RSC 409, que liga Santa Cruz do Sul a Vera Cruz: o Lago Dourado promove uma espécie de encurvamento no curso das águas que extravasam do rio antes de passar pelas pontes na estrada, formando um remanso que modifica a velocidade das águas. Todavia, o Lago Dourado foi um investimento fundamental para o abastecimento da cidade; se não fosse essa obra, Santa Cruz do Sul estaria em crise hídrica permanente nos verões. Nem sempre uma obra exclui a outra, temos que ter sabedoria para estudar quais as opções de interação na bacia hidrográfica que são adequadas e complementares.

A concepção dos piscinões de 2008 em Santa Cruz ainda é pouco compreendida. Na época fui até a cidade de São Paulo para conhecer os piscinões que a Prefeitura faz lá, aqueles espaços são uma área de lazer, uma área de uso comunitário, porque na maior

parte do ano não tem água ali. Quando não tem enchente ali é um local para instalar parques, praças, espaços de lazer, e temos a oportunidade de fazer isso nos bairros Várzea, Navegantes e outros. Mas tem que ser com base na ciência e ouvindo os moradores.

Os piscinões não são apenas áreas onde a água fica parada; servem para receber a água em excesso que vem pelo rio Pardinho. Sabemos que o volume de água originado pela área urbana da cidade é cada vez maior e mais veloz, a ideia é que a água da cidade chegue até o Arroio Lajeado e desague pela Sanga Preta, abaixo das curvas da Corsan sem se juntar de imediato com as águas que vem pelo rio. Ao norte, boa parte da cidade é drenada pela subbacia do Arroio Lajeado. Os piscinões buscam evitar que a água do Arroio Lajeado se misture diretamente e ao mesmo tempo com a água do Rio Pardinho. Por isso, a ponte na Rua Irmão Emílio sobre o Arroio Lajeado poderia ser alargada para facilitar o escoamento da água que desce da cidade. O objetivo é retardar o fluxo e reduzir a força das enchentes, como uma esponja, enquanto a correnteza do rio continua avançando por sua calha.

Os piscinões foram construídos com base na ideia do efeito de retardo, assim como as tubulações foram planejadas para darem vazão, para ter um efeito espoja, como a natureza faria. O objetivo é retardar, por algum tempo, as águas que vem em excesso pelo rio, e como uma esponja liberar aos poucos. Não é para trancar ou manter presa essa água. Por isso o rebaixamento na parte central da Rua Ir-

mão Emílio, perto da linha de alta tensão, é para ter uma espécie de vertedouro quando vem água em demasia e não arrebentar a taipa. A Rua Irmão Emílio foi elevada em cerca de 1,30 metros em média, mas não pode ser muito mais que isso, porque senão represa a água como se fosse um dique e joga dentro das casas.

Naquela região não pode ser taipa de concreto, tem que ter taipa do tipo como a natureza faria e os piscinões permitem, tanto retardar o escoamento, como ampliar a infiltração no solo. Sob a várzea temos aluviões de areia e aglomerados, ou seja, o solo permite a infiltração, só que precisa de um tempo. A infiltração não acontece tão rapidamente quanto chega o excesso de água da enchente, precisa, pois, de uma condição adequada para seu espraçamento.

Concordo que a obra dos piscinões em Santa Cruz tem que ser aprimorada, temos que ampliar as tubulações, aumentar as passagens por baixo da RSC 409 e também da rua Irmão Emílio, mas de uma forma planejada, o que não impede que as obras emergenciais, uma vez licenciadas, possam ser realizadas de pronto. A solução a longo prazo tem que ser integrada, não adiantam apenas intervenções pontuais, pois o volume de água que vem do norte e da cidade só vai aumentar nesse trecho urbano da bacia. É um desafio muito delicado, não adianta agora os órgãos públicos intervirem apenas na parte norte do Rio Pardinho para acelerar a descida da água evitando enchentes à montante, pois vão estar transferindo o problema aqui para a parte baixa. Precisamos aprender a conversar com a natureza

e não é uma obra única, temos que ter um processo contínuo de ajuste na bacia, por que as condições da bacia não são estáticas, mudam com o tempo e frente aos extremos climáticos. A resposta aos desastres tem que ser um processo permanente de ajustes na bacia.

O padre Balduino Rambo, em obra publicada em 1942 sobre a fisiografia gaúcha, já alertava que temos que entender as enchentes a partir de sua origem. Não adianta olhar somente a região metropolitana onde a água chega em excesso, mas perguntar porque deu enchente lá, de onde saiu toda aquela água. Sabemos que a água vem do Alto da Serra, das subbacias hidrográficas do interior e das cidades. Veja a queda do Rio Pardinho de 719 metros de altitude para 30 metros, isso gera uma velocidade imensa da água. A bacia do Rio Pardinho é uma só; Santa Cruz, Vera Cruz e os demais municípios precisam trabalhar juntos no planejamento do futuro.

Figura 97: imagens de satélite da foz do Rio Pardinho, Distrito entre Rios em Vera Cruz, em 21/4/2024 e 6/5/2024



Fonte: <https://browser.dataspace.copernicus.eu>

CARINE JOSIÉLE WENDLAND, CÉLIA E LORENZ WENDLAND, VÓ RENITA SCHROEDER

Família agricultora familiar, Linha Andréas, Vera Cruz Registro
em 16 de junho de 2025

Num país de raízes e pertencimentos indígenas, os primeiros e as primeiras imigrantes alemães instalam-se na região Sul do país. No centro do Rio Grande do Sul, a imigração tinha por objetivo o esgotamento dos lotes no lado esquerdo do rio Pardinho. O lado direito ofereceu a formação de novas demarcações, ao mesmo tempo em que, na Alemanha, uma firma de Hamburgo recrutava mais colonos para o Brasil. Há narrativas que contam que o nome do Rio Grande do Sul surgiu de um erro cartográfico, quando se considerava que a Lagoa dos Patos fosse a foz do Rio Grande. De qualquer forma, há grandes rios no estado. Os rios serviam de caminho, de condutores para aqueles primeiros e primeiras imigrantes, assim como para os povos que aqui já viviam.

O Arroio Andréas, que desde sua nascente até desembocar no Rio Pardinho percorre uma distância de 26 quilômetros, é o principal abastecedor de água do município de Vera Cruz, foi ponte, caminho, mas também divisa: do lado de lá do arroio ficavam os Reinicke e do lado de cá os Lessing. Os Lessing construíram um moinho que data de pelo menos 1869, conforme moeda encontrada dentro do galpão onde ficava localizado. A primeira barragem reta no Arroio Andréas caiu, durou apenas até a primeira enchente. E a segunda, cerca de 40 pesso-

as voluntárias ajudaram a construir e segue até hoje, fazendo parte de um sítio arqueológico.

Vivemos à beira do Arroio Andréas, com a casa a uma distância de cerca de 100 metros e a água não chega, pois a residência está localizada no alto, em cima da rocha. Sempre buscamos a diversificação, nossa família possui agroindústria familiar, é produtora de rapadura há mais de 40 anos e plantamos seus ingredientes: amendoim e cana-de-açúcar, que não são diretamente afetados pelas enchentes, mas pelo excesso de chuva que faz o amendoim apodrecer no plantio e/ou na colheita e outras intempéries como os extremos seca e geada. Sempre tivemos a preocupação com a recuperação da vegetação nativa. Lorenz aprendeu a cuidar das árvores com sua vó, depois sua mãe e ele segue plantando regularmente mudas de araucária e palmeira juçara na propriedade. Célia desde os 13 anos participava de grupos de mulheres do campo EMATER, cultivando horta agroecológica para nosso consumo.

Integramos o Programa Protetor das Águas desde o início, em 2011, criado pela UNISC e depois política municipal de Vera Cruz. A partir de um monitoramento da biodiversidade pelo programa sabemos que na área reflorestada temos 564 espécies vegetais de 117 distintas famílias botânicas; 330 espécies de avifauna; 59 espécies de mamíferos, além de 7 espécies de árvores ameaçadas de extinção dentre elas a araucária e a palmeira juçara. Além dos kiris japoneses, astrapéia e outras árvores para o alimento das abelhas em diferentes épocas do ano, especialmente no inverno em que a floração é mais difícil.

Nas enchentes de abril de 2024 vimos os resultados de todo esse esforço: as margens do arroio que estavam nas propriedades participantes do programa Protetor das Águas não foram devastadas como em outras partes da bacia. Vera Cruz é um dos 35 municípios do país com 100% de água potável devido ao programa. Nossa região é espaço de soluções climáticas, apresentando inúmeros exemplos de adaptação à emergência climática. Esses exemplos tenho compartilhado no Fórum de Justiça Climática da América Latina e Caribe, constituído por representantes de 12 países, um coletivo que amplia a incidência e ação quanto ao clima. Além disso, faço parte da Juventude do Sínodo Centro-Campanha Sul que abrange as regiões do Vale do Rio Pardo, Vale do Jacuí e Campanha da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, e fui delegada da Federação Luterana Mundial nas COP 28 e 29 levando experiências da região.

Parece que muita gente já esqueceu o que vivemos no desastre de 2024. Parece que houve um apagamento da memória. O ano passado foi horrível, muita gente sofreu muito, muitos jovens estiveram à frente da resposta às enchentes como voluntários. Aqui na região ajudaram a limpar casas, no campus central da UNISC ajudaram na recepção e seleção das doações. Assim, não deveríamos deixar a memória esquecer o que aprendemos até hoje.

Meu pai conta que a enchente sempre existiu. Antigamente houveram várias enchentes e as pessoas da várzea, na Borges de Medeiros, que eram seus parentes, perderam muitas colheitas. Eles diziam que terra do rio é uma loteria, é fazer uma colheita na sorte,

porque poderia dar uma enchente. Como nós moramos no cerro é diferente, a água transbordava sobre as valetas e tinha que se fazer o caminho com cascalho, carregado na carroça de chapa - com rodas de madeira – para arrumá-lo. Minha mãe conta que antigamente, numa noite de chuva, estavam indo visitar os parentes caminhando e tinha que passar numa grande valeta transbordando de água. Seus pais passaram e ela caiu, mas conseguiu se segurar apesar da correnteza. As valetas são um dos caminhos de água ao arroio.

Apesar da enchente ser um fenômeno normal na região, tem-se percebido que elas têm mais frequência e mais fortes. Esta última, de 2024, começou aos poucos e aos poucos foi se tornando muito. Na manhã do dia 27 de abril de 2024, meus pais ainda cortaram cana-de-açúcar e então começou a chover fortemente. Foi 6h45 da manhã do dia 1º de maio quando do quarto escutavam que parecia estar caindo granizo, e quando se levantaram, olharam pela janela e dali já viram que o barranco do arroio tinha descido. Ouviram o ruído das árvores quebrando, da terra deslizando e pedras rolando. Minha mãe estava preocupada comigo, pois nestes dias estava retornando do semestre de doutorado sanduíche no México. Quando finalmente cheguei em Santa Cruz, o motorista já não conseguiu retornar à Porto Alegre com o ônibus e eu não consegui retornar para casa, porque todas as pontes de acesso estavam danificadas, então fiquei três dias ilhada em Santa Cruz e só então retornei para casa em Linha Andréas.

Muitas chuvas acontecem na época do inverno, por volta de junho e julho. Erosão e deslizamentos acontecem com as enchentes, mas os desastres naturais não são mais naturais senão causados pela ação e ganância humana. Meu pai diz que as consequências são vistas por causa das queimadas e do desmatamento, também como grande fator as grandes indústrias: se vê a fumaça da chaminé sem nenhum filtro, o carbono vai todo para o ar. Além de uma frota enorme de carros e caminhões que largam os gases para a atmosfera e a natureza fica perturbada com isso. Assim como existem pessoas que se dedicam à preservação - uma minoria - outra grande parcela não colabora.

A mineradora que está do lado da propriedade começou a operar a 43 anos, por volta de 1981 e somos ali formigas de resistência, pequenas, mas com grandes possibilidades de ação com o plantio de árvores, o cuidado e cultivo da terra, enquanto ela engole a terra. Hoje em dia, fazem loteamentos e loteamentos, quase em qualquer lugar, sem pensar no caminho do rio e que pode chover e inundar.

Nas grandes cidades a água não consegue penetrar na terra e ir pelos seus caminhos, ela tem que seguir o paralelepípedo e o asfalto e na baixada acontecem os alagamentos. Por outro lado, no meio da mata, no frescor da nascente na natureza, um pequeno filete de água perpassa uma simples valeta, chega ao arroio, segue sendo fonte da vida ali onde está, até adentrar ao rio, por fim chega ao mar e outra vez começa sua jornada. A água que tomamos hoje nossos antepas-

sados já tomaram. A emergência climática nos lembra da nossa ação, da nossa desconexão com a terra e com a vida e da nossa urgência de cuidado e recuperação da natureza.

MÂNON DALIZE REGERT MÜLLER

Advogada, Mestranda em Desenvolvimento Regional,
município de Vera Cruz
Registro em 8 de agosto de 2025

A enchente de 2024 no Rio Grande do Sul deixou marcas que vão muito além da destruição física. Elas atravessaram nossas rotinas, nossas memórias e, sobretudo, nossas relações com o território. Para mim, foi um período de dor, impotência e também de descobertas sobre o poder da solidariedade e da resiliência coletiva.

Estava me recuperando de uma cirurgia. O primeiro sentimento foi o pânico — não apenas pelas notícias que chegavam, mas pela realidade que se impunha diante dos nossos olhos. Na propriedade do meu pai, próxima ao arroio Andreas, em Vera Cruz, a água cobriu tudo impedindo a passagem. Animais morreram, estruturas foram destruídas, e foi necessário atravessar as águas para conseguir chegar à sua propriedade e verificar os danos. Vera Cruz ficou completamente isolada com o rompimento de estradas e pontes de acesso. A sensação era de que não havia o que fazer diante da fúria da natureza. Embora minha moradia não tenha sido afetada diretamente, me senti profundamente impotente.

Mas foi nesse momento que percebi a força das redes — da sociedade civil, dos grupos de apoio, e até das redes sociais, que se tornaram ferramentas vitais para conectar quem precisava de ajuda com quem podia oferecer. No início, minha contribuição foi financeira, já que minha condição física não me permitia mais. Meu marido, por outro lado, atuou diretamente na limpeza de diversas residências

em Sinimbu e na região do Mato Alto, em Vera Cruz. Quando as águas baixaram, vimos a gravidade da destruição. Ao mesmo tempo em que agradecíamos por termos nosso lar preservado, sentíamos uma empatia profunda pelas famílias atingidas.

Os relatos eram devastadores. Pessoas conhecidas, que somente receberam a ajuda na emergência acabaram ficando desamparadas no pós-enchente, no momento em que precisaram reconstruir seus lares. Apenas com roupas e alimentos, mas nem ter onde prepará-los ou armazená-los. Viviam o pânico absoluto, sem saber para onde ir ou o que fazer. Em resposta a isso, junto ao grupo de voluntários de pais da escola dos meus filhos — do qual eu era presidente da associação de pais — organizamos uma campanha de arrecadação. Conseguimos reunir uma quantia significativa, que foi usada para comprar móveis e eletrodomésticos para algumas famílias. Uma dessas pessoas, confeitadeira, havia perdido todos os seus instrumentos de trabalho, além de tudo o que existia na sua casa. Com a ajuda, ela pôde retomar sua atividade e recuperar sua fonte de renda.

O que mais me tocou foram os relatos dessas famílias. Mesmo diante da perda total — de bens, memórias, e até da identidade com o lugar onde viviam — havia uma gratidão imensa. Um dos casos mais emocionantes foi o de uma família de idosos que perdeu sua casa e precisou alugar um novo espaço com a renda limitada da aposentadoria. O filho, reciclador, também viu sua fonte de sustento, já restrita, desaparecer. A ajuda que conseguimos oferecer foi recebida com lágrimas e palavras que jamais esquecerei.

Mas o que ficou gravado em minha memória, e que hoje me acompanha como objeto de estudo no mestrado, foi a complexidade dos sentimentos de pertencimento ao lugar. Algumas pessoas, mesmo tendo perdido tudo, afirmavam com convicção que continuavam pertencendo àquele espaço. Diziam que ali era seu lar, que buscariam forças para reconstruir, porque não tinham outro lugar para ir — mas também porque aquele território fazia parte de quem eram. Era um pertencimento que resistia à tragédia.

Por outro lado, houve quem dissesse que o local havia se transformado em um pesadelo constante. Que não conseguiam mais olhar para o que restou sem reviver o trauma. Que haviam perdido o vínculo afetivo com o lugar, como se a enchente tivesse levado também a identidade que antes os conectava àquele espaço. Esses relatos me marcaram profundamente.

As lições que esse episódio me deixou são muitas, e profundas. A primeira é sobre a fragilidade da nossa relação com o ambiente. Por mais que nos sintamos seguros em nossas casas, em nossas rotinas, a natureza tem o poder de nos lembrar que tudo pode mudar em questão de horas. Isso exige de nós uma nova forma de pensar o planejamento urbano, o uso do solo, e a ocupação dos territórios, especialmente em áreas de risco.

A segunda lição é sobre a força da coletividade. Em meio ao caos, foi a ação conjunta que fez a diferença. Redes de apoio, grupos de voluntários, vizinhos que se ajudaram, pessoas que doaram tempo, dinheiro, recursos... tudo isso mostrou que a solidariedade é um dos pilares mais fortes da reconstrução. E que ela não nasce apenas

da empatia, mas também da consciência de que somos interdependentes.

A terceira lição é sobre escuta. Ouvir os relatos das pessoas atingidas, entender suas dores, seus medos, seus desejos, é essencial para qualquer política pública que pretenda ser eficaz. Não basta reconstruir pontes e casas, é preciso reconstruir vínculos, memórias e o sentimento de pertencimento.

A quarta e mais urgente lição deixada pela tragédia diz respeito ao papel do Estado na formulação de políticas públicas que transcendam o caráter emergencial e passem a integrar estratégias permanentes de cuidado com o território e com as populações que o habitam. Extraio que a tragédia revelou falhas estruturais graves

— como a ausência de planejamento territorial, a precariedade dos sistemas de alerta, a insuficiência da infraestrutura resiliente e a lentidão na resposta às comunidades atingidas.

Por fim, aprendi que mesmo diante da impotência, há sempre algo que podemos fazer. E que, muitas vezes, o gesto mais simples

— uma doação, uma palavra, uma escuta — pode ser o que restaura a esperança de alguém.

As enchentes de 2024 foram um divisor de águas, literal e simbólico. Elas revelaram nossas vulnerabilidades, mas também nossa força coletiva. E é essa força que precisamos cultivar, para que, diante de futuras adversidades, possamos responder com ainda mais empatia, organização e solidariedade. E, acima de tudo, que possamos pensar o desenvolvimento regional a partir das vozes de quem vive o território, com suas dores e suas esperanças.

HILÁRIO E MARLISE ALEXANDER

Agricultores familiares no Corredor Tornquist, Linha Mato Alto,
município de Vera Cruz
Registro em 23 de abril de 2025

Nossas filhas moram no distrito do Rio Pardinho, em Santa Cruz do Sul, e nos avisaram que a chuva estava forte, que o rio estava subindo. Elas moram na parte alta, onde a água não chega, assim para as famílias delas não tem perigo. Mas, ao início da semana, dias 29 e 30 de abril, elas avisavam: “Olha, é melhor vocês tirarem as coisas de casa”. Nosso filho Vinicius, que mora com a gente, achou que não era motivo de preocupação, que a água ia subir só na parte baixa do campo como era normal. Nossa propriedade tem 12 hectares e fica a 6 quilômetros do rio Pardo, nós compramos a 23 anos.

No dia anterior Hilário tinha consulta médica em Vera Cruz e fomos de carro. Ao retornar no final da tarde um morador avisou que não tinha passagem na estrada da Linha Mato Alto. Então deixamos o carro estacionado e avisamos ao Vinicius para nos buscar de trator para voltarmos para casa.

Naqueles dias teve gente que mora na Linha Mato Alto que avisou os moradores do Corredor Tornquist saírem de casa, mas ninguém acreditou, porque nunca a água chegou até ali. Quando tinha risco de enchente era comum os moradores das partes mais baixas deixarem os carros estacionados na Linha Mato Alto, ir e vir de canoa durante a enchente e depois voltava tudo ao normal. Dessa vez, quem deixou o carro estacionado na Linha Mato Alto perdeu o automóvel.

Na sexta feira dia 3 de maio, ali pelas 3 horas da tarde, decidimos tirar o leite mais cedo só para garantir, a água poderia subir enquanto a gente ia tomando um chimarrão para esperar descer, como em outras vezes. Fomos então no galpão atender as vacas, tiramos leite que colocamos no resfriador, lavamos o equipamento. Enquanto isso a água estava subindo no campo. O Vinicius ainda foi tratar dos cachorros, Hilário entrou em casa e foi até o quarto, quando voltou para a varanda a água já estava entrando, foi muito rápido. Nunca tivemos uma enchente tão forte e tão rápido.

Figura 98: danos à residência (maio de 2024)



Mesmo quando tivemos enchentes mais fortes antigamente, no máximo molhou o assoalho na casa, mas, dessa vez ficou só o telhado de fora da água. Um vizinho estava passando de barco com motor e Hilário chamou por ajuda para tirar a família de casa, mas tinha uma cerca no meio. O barco deu uma volta, demorou uns cinco minutos e quando eles retornaram já chegaram navegando direto até a varanda. A água subiu muito ligeiro e cobriu a cerca.

Figura 99: resgate de porco no telhado do galpão (maio de 2024)



Nós nos abrigamos em Vera Cruz, em nossa outra casa, um chalé de madeira na cidade. O Vinicius decidiu ficar para cuidar da

propriedade, mesmo se abrigando em cima do telhado, mas quando viu que a água não parava buscou uma muda de roupa seca e veio junto. A água subiu tanto que chegou quase até a Igreja São José, na Lnha Henrique D'Ávila, a parte mais alta da região.

Figura 100: água baixando na propriedade (6 de maio de 2024)



Salvamos as 18 vacas de leite em uma parte mais alta no cerro, onde nunca tinha chegado água. Mas, às 11 horas da noite ligaram para o Vinicius avisando que a água não parava de subir, se qui-

sesse salvar o gado tinha que ir lá cortar o arame da cerca para deixar o gado se abrigar no mato mais alto. O guri voltou lá no escuro, com água na altura do peito e foi abrir a cerca, mas umas cinco vacas já tinham se afogado. Os cachorros eram acostumados na água, dormiram em cima do telhado e foram resgatados mais tarde.

No sábado dia 4 de maio nosso filho voltou de barco com vizinhos e estavam todas as casas e galpões no Corredor Tornquist cobertos de água, só os telhados de fora. Foram oito dias de enchente, o Vinicius ia todo dia lá para ver a propriedade de barco e a água não baixava, não dava nem para chegar perto porque a correnteza era forte. A maioria dos vizinhos tinha pouca variedade de culturas, basicamente fumo e milho, perderam tudo. Nós tínhamos plantação de todo de tipo, também fumo, além das vacas de leite e engorda de porcos. Do outro lado da estrada uma propriedade vizinha com muito campo perdeu 80 cabeças de gado.

Hilário foi na inspetoria registrar a perda das vacas que morreram afogadas e o fiscal deu o conselho de não recomeçar com o leite. Perdemos todo o leite que estava guardado, o resfriador estava virado de ponta cabeça. Tínhamos um volume equivalente a 78 reboques grandes de silagem de milho armazenada, para alimentar o gado no inverno, a água levou meio quilometro abaixo até a várzea. Não tinha mais um pedaço de pasto, tudo coberto com lodo. O lodo era tanto que não dava para caminhar nem com bota, o lodo grudava como se fosse uma tinta. Os equipamentos que sobraram tivemos que lavar cinco ou seis vezes até sair aquele lodo.

Figura 101: propriedade Alexander sob água (02/05/2024)



Não tinha mais pasto e a gente via as vacas sofrendo. Tivemos que vender algumas vacas quase de graça aos vizinhos para não ver elas morrer de fome. E nós já estamos com idade para parar de trabalhar no pesado, não temos força para começar de novo do zero, assim decidimos mudar para nossa casinha em Vera Cruz, o filho continua trabalhando na propriedade.

Antigamente a gente via o noticiário na televisão com as pessoas sofrendo com enchente em outros estados, Hilário sempre se

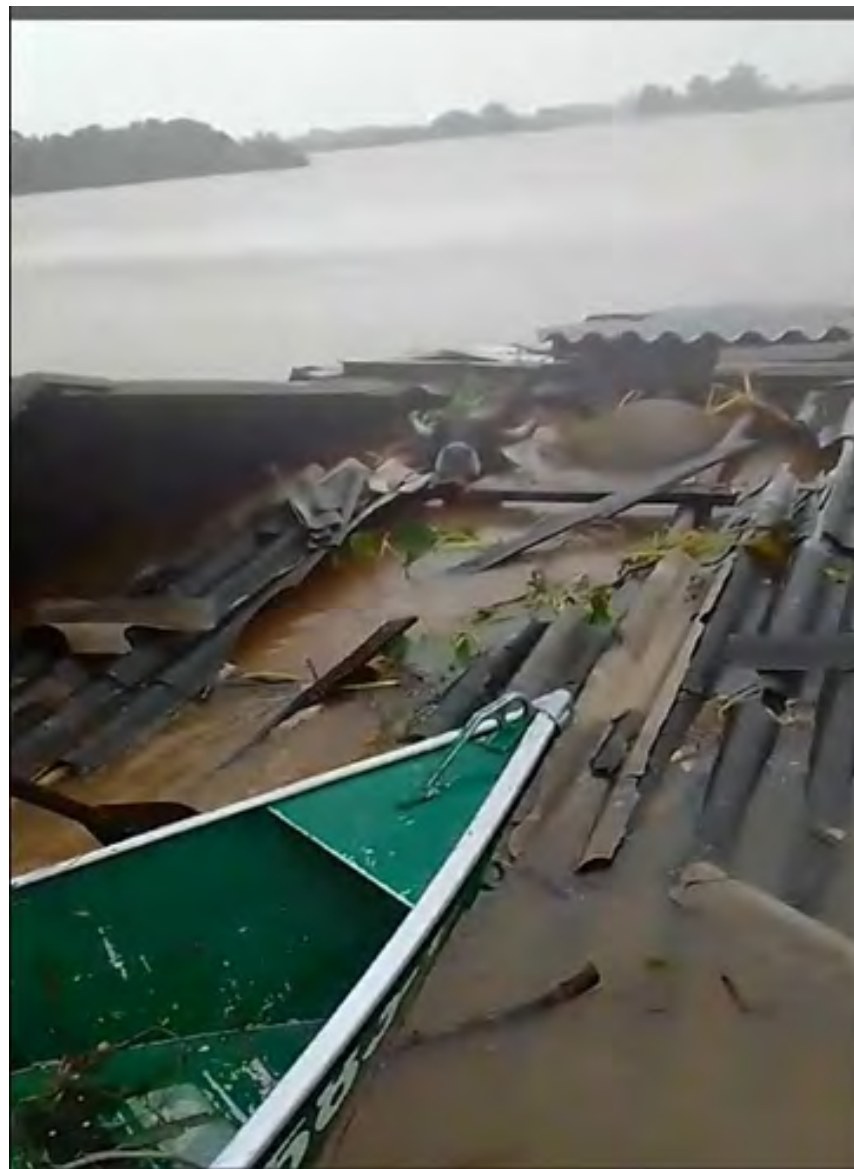
questionava: “Porque os moradores não saíram dali?” e agora que nós passamos por isso e sabemos como é difícil sair da casa da gente. Dói muito deixar uma propriedade na qual passamos toda nossa vida, conhecemos cada pedaço da terra, cada tábuia na cerca, e de uma hora para outra vem a água e leva tudo.

Quando a água baixou nossas filhas vieram de Rio Pardinho para ajudar na limpeza, tiramos tudo de dentro de casa e começamos a faxina. Um fedor forte ficava no ar de tantos animais mortos espalhados pela região. Com o corte de energia e a água suja que entrou, perdemos dois freezers de carne de porco que tínhamos recém carneado. Deixamos a casa aberta e colocamos o que sobrou na área para secar. E de noite veio uma segunda enchente e levou o que tinha sobrado.

O carro do nosso filho ficou debaixo da água, deu uma ajeitada, mas não vale quase mais nada. Recebemos a ajuda do governo federal de R\$ 5.100. O trator foi possível recuperar, mas teve que trocar muitas peças. Os demais motores, geradores e maquinário foram afetados. Poucos dias antes tínhamos comprado duas toneladas de ração, estava ainda em cima do reboque que virou e estragou tudo, e nós ficamos com o boleto ainda para pagar daquela carga.

Ninguém diria que ia acontecer isso. Voltamos para a propriedade só de vez em quando, para colher uma mandioca ou uma batata-doce. O Vinicius está recuperando os pastos, plantou milho para fazer silagem e retomou a produção de leite. Mas, se tiver outra enchente grande como esta, alaga tudo de novo.

Figura 102: salvamento da vaca no telhado (1 de maio de 2024)



ADMILSON AZEREDO SILVA

Agricultor familiar, empreendedor rural, distrito Entre Rios,
município Vera Cruz
Registro em 3 de maio de 2025

Somos do município de Passo do Sobrado. Em 2000 foi criada a política federal do Banco da Terra para subsidiar a compra de propriedades rurais, através de parentes ficamos sabendo que esta propriedade de 20 hectares estava à venda. Nos inscrevemos no programa através da Associação de Municípios do Vale do Rio Pardo e compramos a terra aqui em Vera Cruz, este financiamento está quitado. No primeiro dia que mudamos foi um susto, deu um temporal muito forte, muita chuva, ficamos três dias sem energia elétrica.

Começamos nos primeiros anos plantando milho, mandioca e feijão na parte mais baixa da propriedade, na várzea do Rio Pardinho. Mas tivemos quatro anos seguidos de seca, não teve quase nada para colher. A terra era coberta de inço de nabo, muito difícil de trabalhar, não tinha como utilizar plantio direto, mas o plantio convencional também não funcionou, o solo não retém umidade. Esta região onde o Rio Pardinho desemboca no Rio Pardo é de terra arenosa, se chover bem as plantas absorvem rapidamente a umidade e crescem muito, mas se chover pouco o solo não retém umidade, as lavouras não crescem.

Acabei vendendo 11,5 hectares da várzea para quitar dívidas e ficamos com os 8,5 hectares da parte mais alta de frente para a es-

trada. Temos oito açudes para produção de peixe, além de hortaliças e roça de mandioca para consumo próprio. No verão produzimos melancia. Também instalamos um salão de baile, mas não compensava os custos, mantemos apenas a lancheria de frente para o açude, somos conhecidos como o Bar do Tonel.

Figura 103: açudes sob água (maio de 2024)



Criamos vários tipos de carpa nos açudes: carpa-capim, carpa húngara escamada, carpa húngara chinesa e carpa colorida. Em menor volume também tilápia, que tem um preço melhor no mercado.

Mas, a tilápia é mais sensível à temperatura, se der uma geadinha muito forte morre tudo, assim o risco é mais alto. A sete anos atrás deu uma geadinha forte, perdi uns 150 quilos de tilápia. As taipas dos açudes são cobertas com capim que cortamos e jogamos na água para as carpas, os outros tratamos com ração comprada pronta. Eu comprava os alevinos de um fornecedor no município de Passo do Sobrado, agora compro uma vez ao ano de um produtor no município de Venâncio Aires, trocamos a carga de alevinos por uma carga de melancias.

Figura 104: danos aos açudes (maio de 2024)



Como os açudes são de terra arenosa os peixes não pegam gosto de barro, tem mais qualidade no mercado. Tratamos bem os peixes, em oito meses temos carpas de até 6 quilos. Vendo o peixe vivo por quilo na Páscoa para os moradores aqui da região, mas a maior quantidade vendo a um comprador que vem todo ano da cidade de Rio Pardo buscar na Páscoa. A vantagem de comercialização do peixe vivo é que o não vendo, coloco de volta no açude.

Nas chuvas de abril do ano passado muita água desceu da serra até o rio Jacuí, o que atrasa e trava a descida de água do rio Pardo, com isso também travando o deságue do rio Pardinho que sobe pelas margens. Assim subiu muita água nessa baixada em nossa propriedade. Os açudes ficaram cobertos, as taipas desmoronaram com a correnteza, o nível da água ficou mais de dois metros acima da estrada. Poucos dias antes tínhamos secado dois açudes, estavam vazios. Mas, os outros seis açudes estavam cheios de água e com peixe. Estimo que perdemos uns R\$ 30 mil de peixe que a correnteza levou.

Nós ficamos ilhados na parte alta, ali naquela casa onde mora minha filha. Recebemos marmitas para nos manter nos dias que estávamos ilhados, voluntários também trouxeram água sempre que precisávamos. Sobre o programa de cestas básicas não ficamos sabendo a tempo e acabamos recebendo apenas três unidades. Mesmo assim nós conseguimos acessar a ajuda de R\$ 5.100 do governo federal. Ficamos uma semana ilhados, um momento desesperador que não sabíamos até que ponto a água subiria.

Em algumas visitas que recebemos, as pessoas acharam que tínhamos sofrido com a enchente por causa dos nossos açudes, segundo essa opinião os açudes inundaram essa parte da propriedade. Meu vizinho da frente contou que, na verdade, se os açudes de baixo não estivessem vazios represando a água, a propriedade dele teria sido atingida, já que na época a casa deles era na beira de um dos nossos açudes. Ainda estamos esperando a ajuda para refazer as taipas dos açudes, com a alta demanda no município a retroescavadeira ainda não veio para cá, com isso tive que recorrer para a draga particular, para reparar pelo menos um pouco dos danos, para retomar nossa criação de alevinos.

Meu filho Márcio mora com duas crianças em uma casa com dois cômodos ali no barranco que dá para o banhado onde quando chove muito inunda, ali morava antigamente meu sogro. A casa foi condenada por alto risco numa próxima enchente. Através do representante do Movimento dos Pequenos Agricultores aqui na região fizemos o cadastro para acessar o programa que liberou os recursos para construção de uma nova casa que está em finalização na parte alta da propriedade. Esse mês ainda eles vão se mudar.

Como essa, foram 22 casas aprovadas aqui no município pelo governo federal. Nos 23 anos que moramos aqui, nunca teve uma enchente como essa, o pessoal aqui conta que apenas em 1941 houve uma enchente forte assim. Já vivemos enchentes antes, mas a água subiu no máximo até a taipa de um antigo açude perto do rio. Mas, dessa vez subiu a altura da parede do bar. Teve famílias que moram perto do rio onde a água subiu até o telhado e perderam tudo. Nós

temos uma nascente do lado do taquaireira que foi atingida pela enchente, tivemos que limpar e reformar a nascente para voltar a ter água potável.

Acreditamos que para não acontecer uma assim novamente com um número menor de chuva precisaria desassorear os rios. Ouvimos notícias que vai ter um programa para desassorear os rios, mas não acredito que vai acontecer logo, por conta da logística e autorizações. Eu tinha planos de transformar a propriedade em um pesque-pague, mas as licenças e os custos somam um orçamento de uns R\$ 70 mil, não tenho como investir um valor desses, assim optei por continuar na comercialização do peixe vivo. Além disso, a região está esvaziando de moradores, tenho cada vez menos clientes da vizinhança. Quando chegamos aqui moravam umas 400 pessoas no entorno, hoje não sei se tem 250 pessoas morando por aqui.

Os velhos foram se aposentando, os jovens vão embora para não ter que seguir no trabalho pesado dos pais, e também está complicado pela falta de incentivo. Aqui no interior não vai ficar quase ninguém em alguns anos. Os jovens querem um emprego fixo em Vera Cruz, com salário certo todo mês, ao invés dos riscos e a insegurança da agricultura que judia muito, em um ano dá seca, no ano seguinte dá enchente. Do jeito que está não tem futuro, as nossas crianças estão perdendo a essência da roça, não sabem tratar um porco, tirar leite da vaca. Quando a gente era criança, a mãe preparava uma mandioca frita, ou batata-doce assada, para comer de lanche na escola, e éramos bem felizes no meio das dificuldades. Acho que até 2030 essa região vai ter muito menos moradores.

DAIANA E VALMIR WINCK

Agricultores familiares, distrito de Albardão, município
Rio Pardo Registro em 23 de abril de 2025

Daiana estava no Paraná visitando nosso filho, formado técnico em agropecuária que trabalha como comprador em empresa fumageira naquele estado. Estava retornando de carro na segunda feira, dia

29 de abril, na altura do município Barros Cassal e teve que interromper a viagem diversas vezes por causa do excesso de chuva. Teve queda de barreira em vários pontos da estrada obrigando a paradas na rodovia até chegar em casa.

Nós morávamos na Linha 2 de Dezembro, na ponta sul do município de Vera Cruz, nas imediações do rio Pardo. Não parava de chover e na terça feira dia 30 de abril, a prima que reside em Candelária estava nos informado sobre o nível do rio. De manhã ela já avisou que em Candelária o rio estava mais alto que o nível da enchente de 1941. Já tinha subido o quarteirão e estava chegando na altura da casa da avó que mora perto da Estadual Estadual Lepage, na várzea do rio Pardo em Candelária.

Quando eles disseram que a água já passou a escola em Candelária e estava dobrando a esquina daquela quadra, sabíamos que a enchente seria maior que a de 1941. Valdir sabia pelas histórias contadas pela mãe qual o nível tinha chegado a enchente de 1941, ali na Linha 2 de Dezembro na casa dos avós. Os alicerces da casa

e do galpão tem mais de um metro de altura para ficar com o nível da enchente de 2010, mas, ninguém imaginava que poderia ter uma enchente ainda mais alta. Vivemos ali a vida inteira, desde criança, estávamos acostumados com enchente, mas nunca chegou tão alto.

Figura 105: propriedade Winck sob água (01/05/2024)



Ficamos em alerta e fomos nas casas dos parentes que moram ali no entorno e dissemos que a água de Candelária vai chegar mais alto que a enchente de 1941. Ninguém quis acreditar, mas nós resolvemos nos prevenir com o que podia acontecer. Chamamos o compadre Edilson ali pelas 11 horas da manhã para nos ajudar a tirar o

gado do pasto e levar para lugar mais alto. Nesse meio tempo chegou o filho mais novo, que está estudando na escola técnica no município de Encruzilhada, e por causa da chuva os alunos voltaram para casa. Ele ajudou a trazer o gado debaixo de chuva para um terreno que estava vazio na frente da igreja católica da comunidade Santa Ana, acima do rio.

Figura 106: implementos espalhados ao longo do rio (maio de 2024)



Decidimos então colocar lona em cima dos reboques e tirar os eletrodomésticos de casa, freezer e geladeira, coisas grandes que o compadre ajudou a carregar. Carregamos um dos reboques e colocamos no galpão ao lado da casa. Temos ali quatro fornos de curar fumo com uma área coberta para guardar equipamentos, e por cima dos telhados instalação com painel de energia solar. Com o trator guardamos o reboque carregado com sofá, cama, este tipo de coisa. Outros objetos colocamos em cima dos andaimes dentro dos fornos. A safra de fumo colocamos em um reboque e cobrimos com lona.

Pela tarde do dia 29 a prima de Candelária avisou que não sabia dizer quantos metros o rio já tinha subido na várzea e que ia descer tudo aqui para nosso lado. Continuamos com a arrumação, colocamos cadeiras e moveis em cima das mesas achando que a água ia chegar no máximo um metro de altura dentro de casa, no pior dos casos. Estacionamos nosso carro novo na parte alta do cerro. Não parava de chover. Nossos vizinhos em volta estavam sentados na varanda tomando chimarrão, achando graça de nossa preocupação, ninguém acreditava que a água podia subir tanto e chegar por cima da casa.

Ali pelas quatro horas da tarde a água do rio Pardo chegou a cobrir a estrada na frente de casa que liga até Vera Cruz, estávamos isolados, porque não tinha nem como sair pelo outro lado para chegar até a cidade de Rio Pardo. Ali pelas sete horas da noite começou a chegar a água até a porta da garagem e nós continuávamos carre-

gando nossas coisas. Aí nossos parentes ficaram apavorados porque a água subiu tão rápido que entrou na casa deles e só deu tempo de sair com as crianças no colo, o bebê tinha dez meses, e tiveram que sair com a água na altura da cintura sem levar nada. Um vizinho tinha guardado os móveis e pertences em um reboque, mas deixou no galpão ao invés de subir até a coxilha e a água cobriu tudo.

O irmão do Valmir veio de canoa para prestar ajuda até ali pela meia-noite. A água só parou de subir as 4h da madrugada. Fomos para a casa da mãe do Valmir que fica no alto, ali ainda tinha energia ligada por dois dias e tinha água potável na caixa de água. Dali vimos como a força da água arrebentou o portão da garagem e nossas coisas saíram boiando rio abaixo. Ficamos ainda sem comunicação porque não tinha sinal para o celular ou internet.

Em nossa casa a água chegou até a altura das tomadas. Colocamos colchões no alto dos andaimes do forno. Valmir, o nosso filho e um vizinho que perdeu tudo ficaram por cima da casa e dos galpões para proteção, pois em outras áreas já tinha gente saqueando as casas. Daiana não conseguia dormir ali foi levada de barco para pernoitar na casa de amigos. Ao redor de nossa casa ficou tudo alagado, ficou a casa ilhada. Depois que baixou a água medimos com bambu e a altura medida do nível máximo ficou cinco metros acima do leito da estrada na frente da casa. A força da água destruiu as lavouras, sorte que já tinha terminada a colheita do fumo, mas as lavouras de soja e a silagem do gado perdemos.

Figura 107: destruição do solo das lavouras (maio de 2024)



Figura 108: lavoura de soja destruída (maio de 2024)



A água arrancou mais de 2 mil metros de cerca, pois a propriedade tem 18 hectares divididos em lotes menores, com muita cerca separando, um custo de ao menos R\$ 20 mil para refazer de novo. Em uma das lavouras a força da água abriu uma valeta de um metro de profundidade, como se fosse um novo leito do rio. As sementiras de fumo onde estavam começando a brotar as mudas foi tudo levado pelo rio, tínhamos açude com peixe que foram destruídos, não sobraram nem as taipas. Sorte nossa que tínhamos secado poucos dias

antes por causa da Páscoa. Somando tudo nosso prejuízo foi de mais de R\$ 200 mil. A irmã, a sobrinha, o pai da Daiana, assim como diversos vizinhos perderam tudo, tanto os pertences dentro de casa como equipamentos, trator, caminhão.

Com nosso trator levamos de reboque o que sobrou para o ginásio municipal onde a água não chega. Ficamos ali acampados por dez dias, com a casa debaixo de água, passamos o dia das mães no ginásio. Recebemos marmitas e água potável pela Prefeitura nesses dias. Quando a água baixou começamos a limpeza da casa depois que religaram a energia elétrica. Foram necessários vários dias para secar as paredes e começar a sair aquele fedor do lodo. Começamos a reconstruir a cozinha, desta vez não mais com móveis de chapa de madeira, mas com pia e armários feitos de tijolo.

Figura 109: abrigo no ginásio de esportes (maio de 2024)



Uma semana mais tarde choveu de novo e ouvimos alertas de nova enchente a partir do domingo dia 12 de maio. Daiana não conseguiu dormir pela noite inteira, caminhando pela estrada na frente da casa para monitorar o nível do rio e a água não parava de subir. De manhã, na segunda feira dia 13 de maio, colocamos os móveis e eletrodomésticos de novo no reboque e fomo nos abrigar no ginásio. Daiana não conseguia dormir preocupada com a nova enchente na madrugada para o dia 14 de maio, então decidimos vender nossa propriedade para não passar por isso de novo.

Oferecemos nossa propriedade aos vizinhos, um casal novo que estava morando nas terras dos pais dela e estavam com dinheiro guardado para comprar terra. Nós saímos procurando terra nas proximidades e encontramos esta que estava à venda a muito tempo, no outro lado do rio, no distrito de Albardão no município de Rio Pardo. Assim vendemos nossa propriedade onde vivemos por 30 anos por R\$ 700 mil e compramos estes 8,5 hectares por R\$ 800 mil, mas com a vantagem de ser uma área de lavoura única, contínua e fechada, sem necessidade de cercas e no alto onde o rio não chega.

Como a estrada RSC 287 para Candelária ficou fechada, esta estrada aqui da Linha Henrique D'Ávila foi transformada em principal via de comunicação da região metropolitana com as cidades de Cachoeira do Sul e Candelária. Passavam aqui os caminhões e grandes carretas que destruíram a estrada de terra, foi graças à Prefeitura de Vera Cruz que recuperou a estrada com muito cascalho para os moradores daqui não ficarem isolados.

Estamos morando aqui a um ano, ainda de forma provisória, pois a casa ficou fechada muito tempo e precisa ser reformada. Acessamos o auxílio do governo federal de R\$ 5.100 e os móveis que temos aqui recebemos a maioria em doação. O Sicredi doou a cozinha e um roupeiro. Ganhamos da Afubra vale-compras de R\$ 5.000, assim ganhamos armário e estante. Compramos dois fornos com ventilação elétrica, estamos retomando nossa produção de fumo e a lavoura de soja.

Figura 110: água baixando após destruição da soja (maio de 2024)



GUIDO MUELLER

Agricultor familiar, distrito Entre Rios, município de Vera Cruz
Registro em 23 de abril de 2025

Meus pais eram oriundos de Vera Cruz, tiveram quatro filhos. Eles compraram esta terra em 1940, ao todo 33 hectares, sendo metade na várzea do rio Pardo que alaga a cada enchente. Esta é a última propriedade na ponta sul de Vera Cruz, no distrito Entre Rios antes da ponte sobre o rio Pardo. Nasci em 1935, inicialmente a propriedade tinha um chalé de madeira mais simples na parte alta, meu pai desmontou, construiu esta casa de alvenaria e vivo aqui desde então. No entorno da casa tem uma mata de dois hectares onde fica a nascente que abastece a casa.

Sofremos com uma seca terrível no verão de 1940, que arrasou as lavouras, não deu milho naquele ano, que era a base da alimentação. Naquela época as famílias produziam tudo que precisavam durante o ano: feijão, arroz de sequeiro, abóbora, as famílias só compravam de fora a erva-mate e o sal. Sobrou um pequeno estoque de milho que meu pai ia utilizar como semente no próximo ano para nos alimentar com milho torrado. Minha mãe ralava e enxaguava a mandioca, separava o polvilho e colocava o que sobrou para fritar na banha de porco, fazendo bolinho de mandioca. Salvamos as vacas e os porcos também com mandioca e a palhada do que ficou nas roças.

A seca foi seguida, em maio de 1941, pela maior enchente até então vista. Naquela época ainda havia muita mata nas propriedades, a água ficou represada por duas semanas. A enchente veio de

noite, o rio veio rolando com muito barulho. Não tinha rádio, não tinha telefone, não fomos avisados da enchente que vinha. Depois a água ficou parada por dias, o rio não corria mais e ficamos ilhados na casa. Sorte que o fumo já estava colhido.

Figura 111: Postagem pelo filho Sr. Márcio (4 de maio de 2024)

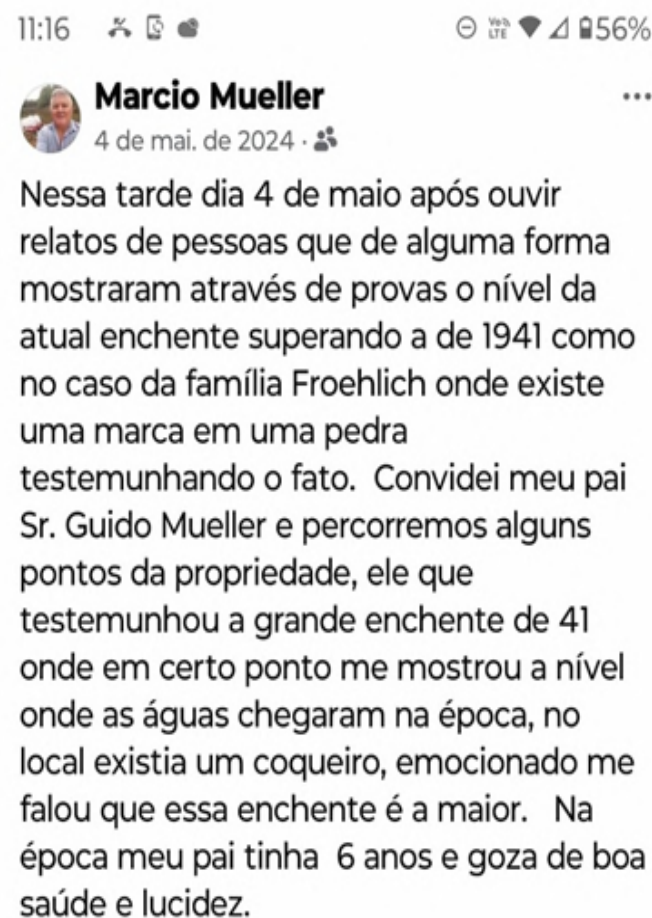


Figura 112: Sr. Guido registra marcas de enchentes (4/5/2024)



Meu tio morava na parte baixa do distrito e teve que fugir com a família até a propriedade do sogro dele. Aquelas famílias perderam a safra de fumo que estava guardada no galpão. Do outro lado do rio, no distrito de Albardão, um fazendeiro perdeu mais de 230 cabeças de gado que não conseguiram se abrigar nas coxilhas.

Naquela época não existiam grandes mercados ou estoques de alimento, não existia distribuição de cesta básica como hoje, cada família de agricultores tinha que passar o ano com sua própria produção. Como a enchente destruiu as roças de milho foi um ano difícil para se alimentar. Não havia a infraestrutura de hoje, não tínhamos farinha de trigo, só farinha de milho ou de mandioca, no café da manhã comíamos inhame ou bolinho de mandioca com queijo colonial ou linguiça caseira.

Não existia ajuda pelo governo, as famílias vizinhas se ajudavam e trocaram os alimentos que sobraram. O transporte era difícil naquela época, não existia esta ponte aqui do lado na estrada para a cidade de Rio Pardo. A travessia era com canoa ou com balsa puxando ao longo de um arame que ia de uma margem até a outra. Quando terminava a safra de fumo meu pai carregava a carroça e com dois bois de canga ia pela estrada de terra até Vera Cruz tentar vender o fumo. Se não tinha preço naquele dia, seguia até Santa Cruz e tentava vender lá. No pior dos casos voltava para casa com a carroça carregada, ou deixava o fumo por conta em Vera Cruz sem saber quanto ia receber. Se não tivesse como vender, o fumo apodrecia e se perdia tudo.

Figura 113: Sr. Guido registrando marcas da enchente de 1941
(4 de maio de 2024)



Figura 114: planície de inundação entre os distritos Reserva Kroth e
Entre Rios (maio de 2024)



As casas não tinham eletricidade, de noite tínhamos luz de uma tigela com banha de porco e um pavio. Depois meu pai comprou um equipamento importado do México, uma torre com cata-vento que através de um dínamo carregava duas baterias durante o dia, assim à noite tínhamos dois bicos de luz na casa. Os vizinhos vinham aqui em casa para ouvir notícias no rádio. A rede elétrica começou a ser instalada na região apenas em 1973.

Figura 115: visita à várzea do Rio Pardo (4/5/2024)



O que me chamou a atenção foi que a única cultura que sobreviveu bem a este período aqui na região foi a mandioca, e desde então passei a plantar mandioca regularmente todo ano. Comecei uma coleção de variedades de mandioca trocando com os vizinhos, depois recebíamos assistência dos técnicos da Emater que nos trouxeram outras variedades, até de outros estados. Chegamos a ter uma coleção com mais de 70 variedades diferentes.

Cada ano eu colhia e separava umas 100 ramas de cada uma das 70 variedades para a coleção, todo processo de plantio e capi-

na é manual. Para consumo de nossa família eu plantava em maior quantidade aquela variedade que teve maior colheita no ano anterior. Pesquisadores da Embrapa e da Universidade Federal de Santa Maria vinham até nossa propriedade para trocar variedades, compravam material genético que eram utilizadas em estações experimentais, e organizavam dia de campo aqui na propriedade.

Nunca deixei de plantar mandioca. Este ano estou completando 90 anos de vida, mas capinei mandioca até o ano passado. Um trabalho manual pesado, principalmente nos primeiros três meses após o plantio, que hoje ninguém mais quer fazer, hoje tudo é mecanizado e mais fácil. Meu filho Márcio cria porcos à base de mandioca e milho, misturado com farelo de soja que compramos no mercado. Mas, a dois anos meu filho e eu fomos atacados por um enxame de abelhas na mata, foi a primeira vez na vida que baixe no hospital e desde então estamos sentindo as sequelas na saúde.

No ano passado, em maio de 2024, deu nova enchente. Pelo que medimos na estrada que passa aqui na frente da propriedade, essa enchente chegou 25 a 30 centímetros mais alto que a de 1941. Ficamos ilhados aqui em casa por oito dias, sem acesso nem a Vera Cruz ou a Rio Pardo, fechou toda a comunicação. Não tivemos grande prejuízo porque metade da nossa propriedade é de mata, eu não corto as árvores e deixo crescer. Mas, as famílias que moram na parte mais baixa do cerro, de frente para a estrada, tiveram que abandonar as casas. E as famílias que cortaram todo o mato ficaram sem nascente de água potável na propriedade.

FLADEMIR, LUCIANE SILVIA HAUTH E MANUELA HAUTH HELFER

Agricultores familiares, Corredor Helfer na Reserva dos Kroth,
município de Santa Cruz do Sul
Registro em 10 de junho de 2025

Nossos antepassados iniciaram o plantio de arroz nessa área de várzea do rio Pardo, perto da foz do rio Pardinho. Meus avôs, meus pais, tios e sobrinhos moram aqui na vizinhança. Os antigos contam da enchente de 1941, quando a água ficou 30 dias parada até começar a baixar, mas chegaram a colher parte do arroz. Mas não sabem mais exatamente até onde chegou a água, alguns dizem que foi igual ou até maior que a de 2024. Na propriedade de meu sobrinho tinha um marco de onde chegou a enchente de 1919, agora pretendemos fazer um marco da enchente do ano passado.

Nossa família trabalha na propriedade com 29 hectares. Somos plantadores pequenos de arroz com 7 hectares aqui na várzea e mais 53 hectares de várzea arrendados no Passo da Taquara, do outro lado do rio, no município de Rio Pardo. Às vezes fico cinco dias, ou mesmo uma semana, em um dos acampamentos que temos nessas áreas mais distantes ao invés de vir pernoitar em casa para não parar o serviço, o maquinário fica nos acampamentos. A geladeira de um destes acampamentos fomos encontrar depois da enchente três quilômetros rio abaixo.

As chuvas ficaram mais intensas no sábado, dia 27 de abril. No domingo, dia 28, tivemos uma festa da família, de noite a chuva

ficou mais forte de novo. Na segunda-feira, dia 29, saí de casa para ir olhar a lavoura de arroz, para recorrer os caminhos coletando os galões com 200 litros de óleo diesel que deixei ao lado dos motores que puxam água do rio. Cheguei lá e não tinha mais acesso, a água estava subindo de tal forma que não tinha o que fazer. Estava com um amigo e ele disse: “Vamos entrar logo na água para tirar os galões” e eu impedi. A gente via a água rolando, a força da correnteza, e abandonamos o maquinário, não deu para tirar nada.

Figura 116: lavoura de arroz no ponto de colheita (abril de 2024)



Figura 117: perda da lavoura pós-enchente (maio de 2024)



No outro dia, quarta-feira dia 30, voltei lá para tentar tirar um trator, mas não tinha mais acesso e vi meus equipamentos boiando na água. Não tinha o que fazer, a não ser atar o maquinário nas árvores para não ser arrastado, a carreta estava com mais de meio metro dentro da água. Nunca tinha visto algo parecido, a água estava suja e com correnteza forte.

A energia elétrica não foi cortada por completo, ia e vinha a luz de modo irregular. E para água potável temos nossa própria cacimba, mas também temos a rede da Prefeitura, assim não faltou água. Quando estive do outro lado do rio, no Passo da Taquara, teve moradores que ficaram lá 28 dias sem energia elétrica.

Nós vivemos a enchente de 2010, a mais forte até então, mas essa foi muito mais forte. Já tivemos várias enchentes aqui, mas elas sobem devagar em três ou quatro dias e depois desce, não mata. Essa enchente de 2024 subiu de noite do domingo para a segunda-feira em seis horas e matou tudo que tinha na barranca do rio, tudo se foi porque devia ter muito produto químico e o lixo das cidades onde a água passou. Nós tiramos da água dois tanques de óleo diesel que o rio trouxe, um com 3 mil litros e o outro com 2 mil litros. O arroz é resistente à água, ele volta a crescer, mas depois desta enchente o arroz estava morto, deitado na lavoura. Fizemos um teste com o pouco de arroz colhido aqui na vizinhança e ficou com gosto de lodo, não dava para consumidor e quem conseguiu colher alguma coisa moeu para vender como farelo.

Nessa enchente o rio subiu mais de seis metros acima do nível normal, foi muita água. Nosso arroz estava maduro, a colheita ia começar na segunda-feira dia 29, plantamos uma variedade de arroz de ciclo mais longo. Mas a safra foi toda perdida. Pela estimativa dos técnicos do IRGA que estiveram aqui, foi um prejuízo de R\$ 1,2 milhões na perda das lavouras, de dívidas que ficam, a reforma do solo para recuperar o plantio, a perda dos equipamentos nos acampamentos. Tínhamos seguro para uma parte do plantio, mas não recebemos

grande coisa. Entre os vizinhos o resultado variou muito, pois tinha vizinhos que plantaram no cedo e já tinham colhido, outros perderam também a safra, depende da variedade de arroz que cada um escolhe.

Figura 118: acessos à residência sob água (1/5/2024)



Figura 119: equipamentos levados pela água (maio de 2024)



Nosso gado fica fora da lavoura, deixamos a porteira fechada. Assim quando a água vai subindo ele pode vir caminhando até subir na coxilha e não tivemos perda com o gado. Passamos 15 dias na canoa, subindo e descendo ao longo do rio para procurar nossas ferramentas, achamos quase tudo. Quando a gente encontrava algum equipamento de um vizinho, amarrava na árvore mais próxima para a correnteza não levar. A água começou a baixar depois de 10 dias, foi baixando bem devagar ao longo de outros 10 dias, depois tivemos chuva novamente e a água subiu de novo. Tivemos uma sequência de quatro enchentes no mês de maio, até o rio voltar ao nível normal.

Só conseguimos entrar na lavoura para trabalhar ali pelo dia 15 de junho. O rio não trouxe entulho, pedras ou troncos, o que foi depositado nas lavouras foi areia, até meio metro acima do solo. O orçamento para a reforma do maquinário mais essencial ficou em R\$ 170 mil, tem que abrir e secar os motores, os rolamentos têm que ser trocados, e mesmo depois do conserto os equipamentos com mais uso começam a dar problema.

Nesse ano de 2025 retomamos o plantio do arroz com muita dificuldade. Foi difícil entrar com o trator e a plantadeira nas lavouras, muita coisa para arrumar, refazer os caminhos e canais, diversos açudes estouraram, as cercas foram levadas pela água e até hoje não conseguimos refazer. Não recebemos nenhum tipo de auxílio, acompanhamos o movimento do SOS Agro para pedir a securitização das dívidas. Algumas empresas onde compramos a crédito seguraram os boletos em 2024 para não protestar no cartório, mas concederam quatro anos para pagar e tivemos que começar a pagar agora em 2025, sem ter colhido a safra.

Sem a securitização vamos ficar vários anos apertados para pagar todos os financiamentos, precisamos de um prazo de 20 anos para quitar tudo. Imagine o prejuízo de vizinhos que tinham 300 hectares de arroz ou um mil hectares de soja ao longo do rio. Um vizinho em Rio Pardo mais abaixo de nossa terra não está mais plantando pois não conseguiu renovar o crédito. A cada saca de arroz que comercializamos temos que recolher 1,5% ao IRGA, recursos que acabam entrando no caixa único do governo estadual. Se estamos pagando regularmente, devíamos estar recebendo mais auxílio do governo para retomar a produção.

Figura 120: lavouras sob água propriedade Helfer (maio de 2024)



Figura 121: imagens comparativas da foz do Rio Pardinho em abril de 2024 (acima) e junho de 2025 (abaixo)



ALVOS PARA A CONSERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA EM ESCALA REGIONAL-LOCAL: municípios de Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Venâncio Aires e Vera Cruz

Extrato de Geiger; Mello; Urruth (2023)

Aproximadamente 70% da população nacional habita e depende do bioma Mata Atlântica para a obtenção de serviços essenciais como abastecimento de água, regulação do clima, agricultura, pesca, geração de energia elétrica e turismo. A urbanização, industrialização e a expansão agrícola têm produzido perdas históricas e fragmentação de habitats.

Desenvolvemos um estudo para identificar os elementos essenciais à conservação da Mata Atlântica em quatro municípios inseridos na região fisiogeográfica da Encosta Inferior do Nordeste no Estado do Rio Grande do Sul: Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Venâncio Aires e Vera Cruz. A ampliação da área de interesse inicial para além dos limites de Santa Cruz do Sul se justificou em razão de que, em termos de biodiversidade, a organização biogeográfica desconhece os limites geopolíticos humanos. Quanto às zonas geomorfológicas, a área de estudo abrange o Planalto dos Campos Gerais (Sinimbu, Venâncio Aires), a Serra Geral (todos os quatro municípios) e a Depressão do Rio Jacuí (Venâncio Aires e Vera Cruz). Quanto à hidrografia, recebe a contribuição da Bacia Hidrográfica do Rio Pardo (Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vera Cruz) e da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas (Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires).

Do ponto de vista legal, toda análise relativa à Mata Atlântica tem como base inicial o Mapa da Área de Aplicação da Lei da Mata Atlântica. Em Santa Cruz do Sul, é predominante o Bioma Mata Atlântica e em relação ao Bioma Pampa existe uma pequena fração (cerca de 8%) ao sul do município. Já os municípios de Sinimbu, Venâncio Aires e Vera Cruz estão totalmente abrangidos pelo Bioma Mata Atlântica

No âmbito local, estudo realizado no período de 2000 a 2013, colocou Santa Cruz do Sul em terceiro no ranking dos municípios gaúchos que mais desmataram a Mata Atlântica (10 hectares). De acordo com o MAPBIOMAS, de 1985 a 2020, Santa Cruz do Sul perdeu 328 hectares de cobertura florestal, mais em razão do incremento das áreas [urbanas] do que pelo uso agropecuário.

De modo geral, os mapeamentos evidenciam:

- a presença de maior contínuo florestal estabelecido entre os municípios de Sinimbu e Santa Cruz do Sul (norte), bem como a estreita associação à sub-bacia do Rio Pardinho;
- significativa conexão florestal entre Santa Cruz do Sul (norte) e Venâncio Aires (centro-norte), associada ao Arroio Castelhana; e ainda,
- uma pequena porção de área prioritária de alta importância ecológica entre Santa Cruz do Sul (sul) e Rio Pardo, a qual acompanha o Rio Pardinho.

Figura 122 - manchetes no primeiro ano após as inundações



NOTA METODOLÓGICA

Somos sobreviventes das inundações de abril de 2024. Sobrevivemos juntos e estamos de luto. Vivemos as dores de não saber do amanhã, de não saber se familiares, vizinhos e amigos estavam bem. Nós nos ajudamos uns aos outros no resgate, aprendemos de forma coletiva e queremos registrar as memórias contribuindo para a resiliência, para que esse medo nunca se repita.

O esforço deste livro visa dar voz às pessoas sem visibilidade na mídia ou nas decisões políticas. Relatos pessoais são elementos poderosos, emocionantes e engajantes na reconstrução de um futuro melhor. A união comunitária pode gerar mudanças para maior resiliência.

A coleta dos relatos ocorreu entre janeiro e junho de 2025, respeitando o período de trauma e luto pessoal de um ano dos sobreviventes das inundações. Foram seguidas as normas éticas do Projeto de Desastres Climáticos, da Universidade de Vitória/Canadá, para conversar com os atingidos.

Na primeira etapa, foram feitos contatos com organizações com atuação junto às comunidades locais: Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul, escritórios municipais da Emater RS, paróquia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, direção da escola. Após apresentação do projeto, as instituições apresentaram lista de nomes de possíveis informantes em amostragem por conveniência.

Na segunda etapa, foi realizado contato pelo whatsapp com cada pessoa indicada na primeira etapa, apresentando os propósitos desta coleta de relatos. Cerca de 20% das pessoas contactadas não responderam ou declinaram do convite por razões pessoais. Não houve insistência, estes nomes foram retirados da listagem.

Na terceira etapa as pessoas que responderam positivamente ao contato inicial escolheram a data, o local e o horário mais adequados para a conversa. Cada pessoa teve a oportunidade de selecionar o ambiente, individual ou com a família, no qual se sentia confortável para relatar sua experiência. O organizador se deslocou para o local escolhido e, após breve apresentação pessoal, conduziu conversa com o informante gravada em celular. Em média os relatos duraram de 30 a 40 minutos. Os informantes assinaram termo de consentimento livre, prévio e informado, arquivados pelo autor. Se o informante se emocionou com as memórias, a gravação foi interrompida quantas vezes necessário, sendo oferecida a possibilidade de desistir se a carga emocional fosse muito grande.

Na quarta etapa foi feita transcrição com ajustes na narrativa: inclusão de pontuação, correção gramatical, separação em parágrafos, etc. Esse texto foi devolvido pelo whatsapp, tendo o informante a liberdade de proceder a alterações e adequações para sua versão final, oportunidade que foi utilizada por cerca de 70% dos participantes.

Figura 123 – manchetes em julho de 2025

g1 RIO GRANDE DO SUL 

Justiça condena estado do RS a indenizar família atingida por enchente de 2024 em Canoas; 'falhou em proteger', diz decisão

Canoas foi uma das cidades mais atingidas pela maior tragédia ambiental da história do estado. Cerca de 60% foi impactada: onze bairros precisaram ser esvaziados por determinação da prefeitura, mais de 50 mil pessoas viviam em áreas de risco no município e 15 mil precisaram ser levadas para abrigos.

Por g1 RS
26/07/2025 09h23 - Atualizado há uma semana

 Ao vivo Política WW Economia Esportes Pop Viagem &

Nacional

Estado do RS é condenado a indenizar família atingida por enchente em 2024

Ação analisou pedido de moradores do bairro Mathias Velho, em Canoas, uma das áreas mais afetadas

Gabriela Garcia, da CNN, em Porto Alegre
26/07/25 às 12:16 | Atualizado 26/07/25 às 12:52



 **ZEROHORA**

Pedido do MP • Notícia

Justiça suspende processos individuais sobre enchente em Porto Alegre em favor de ação coletiva de indenização

Prefeitura ainda foi cobrada a listar bairros protegidos por sistema anticheias

09/04/2025 - 13h07min
Atualizado em 09/04/2025 - 13h42min

 GABRIEL JACOBSEN
[Enviar email](#)
[Ver perfil](#)

 COMPARTEILHAR

Notícias

25/07/2025 - 15:07

Direito Administrativo

Justiça condena Estado do RS a indenizar família atingida por enchente em Canoas

A Justiça condenou o Estado do Rio Grande do Sul a indenizar, por danos morais, três integrantes de uma família residente em Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre, após a residência deles ter sido alagada durante a enchente de 2024. Cada um deverá receber R\$ 5 mil, com juros a partir da data do evento e correção monetária desde a sentença. A decisão é da juíza de Direito Marina Fernandes de Carvalho, do Núcleo de Justiça 4.0 - Enchentes 2024 - Juizado Especial da Fazenda Pública. Trata-se da primeira sentença de mérito proferida pela unidade, criada com o objetivo de julgar ações relacionadas à catástrofe climática de maio do ano passado. A decisão é do dia 22/07/25.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Justiça Federal. **Memórias do desastre climático**: a Seção Judiciária do Rio Grande do Sul e as chuvas de 2024. Porto Alegre: SJRS, 2025.
- BRASIL. Sistema Federal de Proteção e Defesa Civil. **Relatório de Operação Rio Grande do Sul**. No. 033. Brasília, 07/06/2024.
- BRENNER, V. **Proposta metodológica para renaturalização de trecho retificado do Rio Gravataí**. Dissertação (Mestrado) – Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- COLLISCHONN, W. ET AL. O desastre hidrológico excepcional de abril-maio de 2024 no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Recursos Hídricos**, Porto Alegre, v. 30, e1, 2025. DOI:10.1590/2318-0331.302520240119
- COLLISCHONN, W. ET AL. **Chuva da cheia de 2024**: mais volumosa e intensa que a da cheia de 1941 na bacia hidrográfica do Guaíba. Nota Técnica IPH, 2025.
- COLLISHONN, W. ET AL. Chuvas sem precedentes de abril a maio de 2024 no Sul do Brasil definem novo recorde. **Revista Brasileira de Recursos Hídricos**, Porto Alegre, v. 29, e50, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.9773
- FREITAS, E. ET AL. **Marcas na paisagem**: memórias para construir a resiliência no Vale do Taquari (RS). Ebook. Lajeado: Editora Univates, 2025.
- GEIGER, D.; MELLO, R.; URRUTH, L. **Alvos para a conservação da Mata Atlântica em escala regional-local**: municípios de Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Venâncio Aires e Vera Cruz. Ebook. UERGS; Prefeitura de Santa Cruz do Sul; SEMA-RS, 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapa político do Rio Grande do Sul**. Escala 1:950.000. Rio de Janeiro, 2015.
- KOTZIAN, H.; PEREIRA, D.; MARQUES, D. **Zoneamento ambiental da bacia do rio Pardinho** (RS, Brasil). Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, 15., ANAIS. Curitiba, 23-27 nov. 2003. Disponível em: <https://anais.abrhidro.org.br>
- MARCUZZO, F.; WENDLAND, E.; MAZIONE, R. **Bacia do Rio Pardinho**: domínios hidrogeológicos, volumes anuais explotados, solos, espacialização da chuva média anual. Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas, 22., ANAIS. São Paulo, 2-5 ago. 2022. Disponível em: <https://xxiicongressoabas.abas.org>
- MARENGO, J. ET AL. O maior desastre climático do Brasil: chuvas e inundações no estado do Rio Grande do Sul em abril-maio 2024. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 38, n. 112, 2024.
- MENEZES, D.; ROBAINA, L.; TRENTIN, R. Inventário de inundações registradas na área urbana de Santa Cruz do Sul entre 1980 e 2013. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 37, n. 4, p. 555-563, 2015.
- OLIVEIRA, D. **Desastre hidrológico na porção central do RS em janeiro de 2010**. Encontro Nacional de Desastres, 3., ANAIS. Niterói, 6-9 mar. 2023. Disponível em: <https://www.abrhidro.org.br>
- RIO GRANDE DO SUL. Gabinete do Governador. **Rio Grande do Futuro**: Plano Rio Grande, conheça as entregas e os projetos para a reconstrução. Porto Alegre, 2025.
- SALLES, D.; SANTINI, R. **Enchentes no Rio Grande do Sul**: Uma análise da desinformação multiplataforma sobre o desastre climático. Rio de Janeiro: Netlab; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.
- SUN, D.; ZHOU, L.; LI, S.; YANG, T.; YUAN, M.; ANDREW, L. Mapping and analysis of the 2024 Brazil record flooding with Multi-Satellite Data, **Geomatics, Natural Hazards and Risk**, v. 16, n. 1, 2025. DOI: 10.1080/19475705.2025.2461063
- UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL (UNISC). Etapa final do plano municipal de saneamento básico de Santa Cruz do Sul. Etapa III. Santa Cruz do Sul, nov. 2018.
- VALENTE, P. Eventos extremos de precipitação no Rio Grande do Sul no Século XX a partir de dados de reanálise e registros históricos. Dissertação (Mestrado)-Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

VOZES DA MUDANÇA CLIMÁTICA

RELATOS DAS INUNDAÇÕES NA BACIA DO RIO
PARDINHO - Abril 2024

MARKUS ERWIN BROSE
(ORG.)

